

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES

JÚLIO CÉSAR MORENO

A ação do Santuário Nacional de
Nossa Senhora Aparecida
e o fomento do Turismo Religioso.

São Paulo

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JÚLIO CÉSAR MORENO

A ação do Santuário Nacional de
Nossa Senhora Aparecida
e o fomento do Turismo Religioso.

Tese apresentada a Escola de
Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Doutor em
Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Publicidade,
Propaganda e Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Mario Jorge Pires

São Paulo

2009

MORENO, Júlio César. A ação do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida e o fomento do Turismo Religioso.

Tese apresentada a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*A meus Pais.
José, eterna presença.
Elza, minha princesa.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é o ato de reconhecer limites e criar vínculos.

Não cheguei aqui sozinho.

Estes são os meus vínculos.

Minha família:

Em primeiro lugar meu Pai. Meu Guerreiro, seu exemplo de luta pela vida me fez continuar. Sem você não teria sido possível.

Mãe, tua simplicidade e alegria estão fazendo minha vida mais leve e livre.

Ri, Zana, Xandre e todos os agregados, família é fundamental.

Meus companheiros de Trabalho, Elisa, Fátima, Aramis e Zé Márcio.

Obrigado pelo apoio e paciência.

Os funcionários do Santuário Nacional pela atenção e delicadeza.

De modo especial Dorothea e Edson.

Os companheiros Adilson e Giovanni, pelo apoio e presença sempre que precisei.

Família dos Braus, de forma especial o Alessandro que segurou a barra nos momentos mais difíceis.

Fabiano, pelo carinho e dedicação.

Adriana, mulher batalhadora e profissional do Turismo, pelas leituras intermináveis, pelo socorro tecnológico e, acima de tudo, pela amizade incondicional.

A turma de Pedralva:

Rosa, pela amizade, carinho e preocupação com essa jornada.

Eli e Tio Lú que sempre se fizeram presentes.

Beatriz, com seu carinho e seus almoços que refazem a vida.

Aos meus compadres Ito e Rita que são imprescindíveis nessa caminhada e a Luisa, que acabou de chegar, renovando esperanças e responsabilidades.

Por fim, Mario Jorge. Em primeiro lugar por seu humanismo, seu afeto, e sua capacidade em compreender os imprevistos da caminhada. Sua presença foi constante e fundamental. Obrigado por seu profissionalismo na condução deste trabalho.

“Nós temos que entender de turismo. Quem chega aqui não vem com carimbo. Chegou aqui é bem acolhido, pode ser de outra religião, pode ser de outra raça. Ele pode vir aqui com a intenção de rezar. mas pode vir aqui com a intenção de passear. Pode vir aqui com a intenção de somente ver arte. Ele vem aqui, é bem atendido, bem acolhido e a gente procura passar uma mensagem. É ser humano, basta.”

Pe. Darci Nicoline, Reitor do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida

RESUMO

MORENO, Júlio César. **A ação do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida e o fomento do Turismo Religioso**. 2009. XX f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

A pesquisa realizada teve por objetivo a análise das ações desenvolvidas pelo Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, e suas contribuições para o aumento do fluxo de visitantes e o desenvolvimento do Turismo Religioso.

Seu desenvolvimento foi viabilizado por pesquisas realizadas em fontes bibliográficas e eletrônicas dos temas vinculados ao objeto. Pesquisas as fontes primárias nos arquivos do Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional. Visitas técnicas ao atrativo para observação direta. Entrevistas com o Reitor, principal responsável, do Santuário e com os gestores das áreas de marketing e serviços.

O resultado alcançado foi a composição de um amplo quadro das ações do Santuário Nacional. Constatou-se que tais ações contribuem para manutenção da atratividade, ampliam a estrutura de receptivo, promovem uma adequação do produto a demanda e conseqüentemente contribuem para o desenvolvimento do Turismo religioso.

Palavras-chave: Turismo, Turismo Religioso, Devoção, Aparecida.

ABSTRACT

MORENO, Júlio César. **The activities of National Sanctuary of Nossa Senhora Aparecida and the Religious Tourism fomenting.** 2009. XX f. Thesis (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

This thesis had as an objective the analysis of activities and actions developed by National Sanctuary of Nossa Senhora Aparecida, and it's contributions to the increase the flow of visitors and the Religious Tourism development.

It's development was viable trough research conducted in bibliographical and electronic sources of the themes linked to the object. Researches to the primary sources in the archives of the Documentation and Memory Center of the National Sanctuary. Technical visits to the attraction for direct observation. Interviews with the Dean, main responsible, of the Sanctuary and with managers of the marketing and service departments.

The achieved result was the composition of a wide action board of the National Sanctuary. It has been established that such actions contribute for maintaining the attractiveness, widening the receptive structure, promoting the fitting of the product and it's demand and consequently contributing for the development of Religious Tourism.

Key-Words: Tourism, Religious Tourism, Devotion, Aparecida.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Fluxo de visitantes de agosto de 1956 a julho de 1962	70
Gráfico 2 - Fluxo de visitantes 1968-2008.....	73
Gráfico 3 – População Brasil de 1980 a 2008	75
Gráfico 4 – Católicos no Brasil	76
Gráfico 5 – Visitantes de Aparecida	78
Gráfico 6 – Comparativo entre população geral e número de católicos	79
Gráfico 7 – Porcentagem de católicos sobre população geral.....	81
Gráfico 8 – Comparativo população brasileira, número de católicos e número de visitantes de Aparecida.....	83
Gráfico 9 – Gênero dos visitantes de Aparecida nos anos de 1997 e 2007 ...	88
Gráfico 10 – Região de origem dos visitantes de Aparecida nos anos de 1997 e 2007	89
Gráfico 11 – Faixa etária dos visitantes de Aparecida no ano de 1997	90
Gráfico 12 – Faixa etária dos visitantes de Aparecida no ano de 2007	90
Gráfico 13 – Estado Civil dos visitantes de Aparecida nos anos de 1997 e 2007	91
Gráfico 14 – Classe Social dos visitantes de Aparecida no ano de 1997	92
Gráfico 15 – Renda média mensal dos visitantes de Aparecida no ano de 2007	93
Gráfico 16 – Tipo de transporte utilizado pelos visitantes de Aparecida nos anos de 1997 e 2007	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - São Jorge; São Sebastião; São Martinho e São Miguel	17
Figura 2 – Congada em Aparecida - SP	20
Figura 3 – Nossa Senhora da Conceição – Imagens e Estampas.....	27
Figura 4 – O Milagre da Pesca	30
Figura 5 – “N. S. da Conceição Aparecida que se venera na sua capella do Termo da cidade de Guaratinguetá.”	32
Figura 6 – Igreja de Nossa Senhora Aparecida	38
Figura 7 – Igreja Nossa Senhora Aparecida – ano de 1876	40
Figura 8 – Foto do Morro das Pitas	44
Figura 9 – Foto da Morro das Pitas – Serviço de Terraplanagem	46
Figura 10 – Foto da Nave Norte e Torre	47
Figura 11 – Detalhe do acabamento interno do Santuário.....	49
Figura 12 – Vista do Centro de Apoio ao Romeiro.....	59
Figura 13 – Espaço Multiuso	61
Figura 14 – Espaço para infra-estrutura de hospedagem.....	64
Figura 15 – Croqui do “centro de hotelaria”.....	65
Figura 16 – Vista do Hotel em Construção no “Centro de Hotelaria”	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Descrição da área do Santuário	48
Tabela 2: Calendário de eventos do Centro de Apoio ao Romeiro, para o ano de 2007.....	62
Tabela 3: * Programação específica para os dias da novena	63
Tabela 4: Fluxo de visitantes de agosto de 1956 a julho de 1962	70
Tabela 5: Fluxo de visitantes dos anos de 1968 a 2009	72
Tabela 6: População do Brasil de 1980 a 2008.....	74
Tabela 7: Número de Católicos no Brasil	75
Tabela 8: Visitantes de Aparecida	77
Tabela 9: Comparativo entre população geral e número de católicos	78
Tabela 10: Porcentagem de católicos sobre população geral.....	80
Tabela 11: Comparativo população brasileira, número de católicos e número de visitantes de Aparecida.....	81
Tabela 12: Comparativo da população geral, do número de católicos e número de visitantes.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O CATOLICISMO DEVOCIONAL BRASILEIRO	15
1.1 A implantação do catolicismo Ibérico em terras brasileiras.....	15
1.2 A devoção mariana.....	24
1.2.1 A presença da devoção mariana.....	24
1.2.2 Devoção a Imaculada Conceição.....	26
1.3 A devoção a Nossa senhora Aparecida	29
2 A EVOLUÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA DE ATENDIMENTO DO SANTUÁRIO NACIONAL	35
2.1 A adequação do espaço para o atendimento religioso	35
2.1.1 Da antiga capela do Itaguaçu ao morro dos Coqueiros	36
2.1.2 A Basílica nova.....	42
2.2 A criação de infra-estrutura de apoio.....	49
2.2.1 As ‘casas’ e o ‘pasto’ da Santa	50
2.2.2 A Basílica Nova e seus serviços.....	52
2.2.3 O Centro de Apoio ao Romeiro (CAR)	53
2.2.4 “Centro de Hotelaria”	63
3. O FLUXO DE VISITANTES.....	67
3.1 Os primeiros registros	67
3.2 De Agosto/1956 a Julho/1962	69
3.3 De 1968 a 2008	71
3.4 Comparando os números	73
CAPÍTULO 4	95

4 A VISÃO DOS GESTORES DO SANTUÁRIO NACIONAL DE NOSSA SENHORA APARECIDA	95
4.1 Pe. Darci Nicolini, reitor do Santuário	96
4.2 Sr. Edson Sandri, gerente da “Área de Apoio ao Romeiro”	102
4.3 Sra. Solange Parron, Gerente de Marketing	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE	125
ANEXO A – FOTOS ANTIGAS.....	130

INTRODUÇÃO

O mercado turístico tem apresentado significativo crescimento no cenário econômico brasileiro. A segmentação desse mercado é algo que está sempre na preocupação dos profissionais da área que buscam um planejamento eficaz, visando à ampliação da atividade. Apesar de as viagens para visitação de atrativos religiosos terem um peso representativo nos deslocamentos ocorridos no território nacional, o Turismo Religioso, como segmento de mercado, não tem recebido a devida atenção do trade turístico e, de modo geral, do poder público. Considerando-se esta conjuntura e constatando-se que o município de Aparecida/SP recebeu no ano de 2008 um total de 9.507.887 visitantes, justifica-se a proposta de pesquisa.

O objetivo da pesquisa é a análise das ações desenvolvidas pelo Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, e suas contribuições para o aumento do fluxo de visitantes e o desenvolvimento do Turismo Religioso.

Para o desenvolvimento da pesquisa realizaram-se levantamentos em fontes bibliográficas e eletrônicas dos temas vinculados ao objeto, e, cabe ressaltar, a quase inexistência de estudos sobre o tema. Para os arquivos de fontes primárias utilizou-se o acervo do Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional. A prática de Visitas técnicas ao atrativo foi de fundamental importância para observação direta do fenômeno em estudo. Utilizou-se também de entrevistas que tiveram como ponto de partida, perguntas semi estruturadas e foram dirigidas ao Pe. Darci Nicolini, atual Reitor do Santuário, e aos gestores Sra. Solange Parron, Gerente de Marketing, e Sr. Edson Sandri, gerente do departamento denominado “Área de Apoio ao Romeiro”. Apresentaram-se os números

referentes ao crescimento do fluxo de visitantes nos últimos anos, questionando-se, a partir da área de atuação de cada entrevistado, qual seria o motivo, ou os motivos, que contribuiriam para compreensão do fenômeno.

O relatório final da pesquisa está organizado em quatro capítulos sendo que no primeiro abordam-se aspectos da formação do catolicismo brasileiro que contribuem para a compreensão do fenômeno da devoção a Nossa Senhora Aparecida. No segundo capítulo realiza-se o diagnóstico da evolução da infra-estrutura do Santuário Nacional com o objetivo de verificar sua adequação a demanda. O fluxo e o perfil do visitante são analisados no terceiro capítulo e possibilitam alguns comparativos entre os números relativos à população brasileira e número de católicos. O relatório tem, em seu quarto capítulo, as entrevistas com os gestores expondo seus principais argumentos para a compreensão do fenômeno.

CAPÍTULO 1

1 O CATOLICISMO DEVOCIONAL BRASILEIRO

1.1 A implantação do catolicismo Ibérico em terras brasileiras

A ocupação do território pelos portugueses acontece de forma progressiva, repetindo aqui, de acordo com as possibilidades, seus modelos organizacionais nas mais variadas dimensões do cotidiano. Na economia, na organização política, militar e também religiosa ocorre uma transferência dos parâmetros portugueses à terra conquistada. O campo religioso não escapará a essa lógica lusitana e o catolicismo foi a prática religiosa obrigatória para todos os que vivem no território.

A intenção dos portugueses em expandir “os domínios da fé católica” é, também, explicitada no primeiro contato com a nova terra. Demonstrando a forte presença do catolicismo devocional, na vivência religiosa portuguesa, observa-se a forma de nomeação das localidades, dos acidentes geográficos, dos rios, baías, etc., com o nome dos santos de sua devoção ou do santo do dia (CASCUDO, 2001). Nossa toponímia ficou marcada, e é espelho, da religiosidade portuguesa desse período.

Mas qual o mecanismo que assegurará a implantação dessa matriz religiosa?

Alguns estudos (HOORNAERT, 1978; AZZI, 1978) chamam a atenção para a influência da inquisição portuguesa na formação do catolicismo brasileiro, lembrando que sua estruturação em Portugal a coloca num patamar superior e lhe atribui uma autonomia para controlar todas as ações do reino português. Vale lembrar que a inquisição teve grandes poderes em diversas áreas da Europa, mas, nada comparável ao que aconteceu na península ibérica e de modo especial em territórios sobre domínio português. Diante da rígida vigilância dos “funcionários” da inquisição havia uma necessidade de demonstrar, publicamente, sua adesão ao catolicismo de forma que não restassem dúvidas sobre este aspecto.

No caso brasileiro, Hoornaert afirma:

Diante deste clima de medo criado pelas denúncias, visitas, deportações, repressões e confiscos, os brasileiros reagiram de maneira inteligente: criaram um catolicismo ostensivo, patente aos olhos de todos, praticado sobretudo em lugares públicos, bem pronunciado e cheio de invocações ortodoxas a Deus, Nossa Senhora, os santos (1978, p.16).

Outro aspecto a ser considerado no catolicismo ibérico é sua dimensão guerreira (AZZI, 1987). Acompanhando a longa tradição da “guerra santa”, promovida para reconquista de espaços sagrados na terra santa, os ibéricos passam por uma experiência particular que é a necessidade da reconquista de seu território. A longa duração da presença moura na península ibérica despertou em seus naturais, não somente a necessidade de guardar sua fé, mas o desejo de combater os infiéis, reconquistando seu território e disseminando o catolicismo. O cristão tem que ser guerreiro e estar pronto para, não somente defender a fé, mas também submeter os gentios e hereges forçando-os a uma nova profissão de fé. Este espírito guerreiro é difundido na imaginária católica portuguesa e pode ser observado no simbolismo e na

iconografia santoral (São Jorge, São Sebastião, São Martinho e São Miguel, entre outros) e mariana (Rosário, Vitória, Prazeres, Dores, etc.). O elemento religioso está presente em todos os momentos e dimensões da vida e rege as atitudes tanto dos que governam como dos que são governados.



Figura 1 - São Jorge; São Sebastião; São Martinho e São Miguel
 Fonte: Arquivo pessoal

Esse catolicismo guerreiro, transplantado para o novo mundo, pode ser observado nos mais variados momentos de nossa história colonial e mesmo posterior. A luta dos colonos portugueses contra os índios, na busca de mão de obra e conquista do território, ou contra os estrangeiros, no intuito de preservar as novas conquistas, é revestida de elementos religiosos que antecedem a batalha, permanecem durante o litígio e posteriormente são usados na celebração dos resultados. Novenas, tríduos, e outros rituais preparam a batalha, estandartes acompanham a luta e o *Te Deum* e as procissões de ação de graças finalizam o ciclo indicando que a ação de caráter político e econômico é também uma ação de caráter religioso (AZZI, 1978)

A união entre o político, econômico e religioso pode ser entendida através de outra característica fundamental do catolicismo brasileiro que é o regime de Padroado (LUSTOSA, 1978). O rei de Portugal recebe delegação

papal e assume a responsabilidade de implantar a fé católica na nova colônia. O chefe de governo será também o chefe religioso e responsável pela manutenção e ampliação dos serviços religiosos tendo, em contra partida, o direito de arrecadar o dízimo e fazer nomeação para aos cargos eclesiásticos. A unidade religiosa está intimamente vinculada à unidade política, fazendo com que, muitas das vezes, não seja possível distinguir a diferença entre uma e outra.

O modelo Igreja-Cristandade será implantado, tornando o catolicismo a religião oficial do Estado. Ser católico no Brasil colônia era uma obrigação entre outras a se cumprir e neste contexto ressalta-se que a religião terá uma forte expressão pública. As funções da Igreja e do Estado se interpenetram. Os dias santos são considerados feriados civis, os cemitérios são vinculados a Igreja, e para matrimônio e prova de idade somente os documentos religiosos são válidos. Na estrutura jurídico-administrativa também encontram-se convergências, ou mesmo identificação, entre Igreja e Estado.

O catolicismo português não se compõe somente deste aspecto oficial, sacral e público. Paralelo a este, deve-se destacar as práticas religiosas ligadas a casa, à família, ao âmbito do privado. Algumas práticas religiosas serão impostas pela Igreja, notadamente as de expressão públicas, o que facilitará sua fiscalização. Por outro lado, não se pode deixar de observar que o quadro funcional de agentes religiosos era diminuto, diante das dimensões do território, e acabava por se concentrar muito mais nas incipientes áreas urbanas, relegando, a segundo plano, as áreas rurais, oferecendo um atendimento esporádico com as chamadas desobrigas.

A vivência religiosa, decorrente desse contexto, é classificada como catolicismo tradicional (AZZI, 1978; 1987), caracteriza-se por um catolicismo

leigo. Tal catolicismo é marcadamente devocional, centrando suas ações no culto aos santos. Destacam-se aí duas características fundamentais que é o caráter familiar e uma grande facilidade de expressão social. Os oratórios familiares propiciam o desenvolvimento e a manutenção da vida religiosa num espaço muito mais flexível, possibilitando expressões que serão muito mais vinculadas às necessidades do cotidiano e facilitando uma relação mais intimista com o orago de sua preferência. Os oratórios domésticos são, fundamentalmente, a grande expressão dessa religiosidade. Esse catolicismo, além do seu aspecto familiar, tem um aspecto festivo e social, provocando uma mescla entre o público e o privado. As procissões em homenagem ao santo são a expressão desta simbiose.

O catolicismo devocional não é uma invenção dos tempos coloniais, suas origens remontam a Idade Média sendo praticado em larga escala na península ibérica.

Em poucas regiões da cristandade este clima devocional tinha tantas condições para se desenvolver como na Península Ibérica. Ali no confronto secular com o Islã e sob os centos de olhos dos familiares da Inquisição que escarafunchava qualquer prática suspeita na procura de bruxaria, as nossas senhoras, os senhores e os santos eram venerados numa inconfundível afirmação de catolicismo. (TORRES-LONDOÑO, 2001, p. 5)

A construção histórica desse catolicismo estará atenta as exigências da Igreja oficial, mas também receberá influências de outras tradições religiosas, sejam na própria península ibérica ou no Brasil colônia, que aqui contará com a incorporação de elementos indígenas e africanos nessas práticas devocionais. A devoção ao santo tem, por um lado, uma dimensão penitencial, na identificação do sofrimento do santo com os sofrimentos do dia a dia, e por outro, uma dimensão festiva. O prazer, o excesso, a irreverência e

a corporalidade (CAMURÇA, 2006; PEREZ, 2002), estarão presentes no relacionamento do fiel com o santo. A vida na colônia, fora de uma vigilância constante da instituição religiosa oficial, propicia uma abertura a outros elementos religiosos, compondo uma somatória de práticas que irão nortear a vivência religiosa.

A devoção no primeiro contexto se passa em ambiente leigo e social, onde o papel do clérigo é complementar. Ela implica uma relação de aliança e de pacto/barganha do devoto com o santo, uma relação que envolve lealdade em troca de proteção, expressa no exercício das promessas (CAMURÇA, 2006, p. 258).

Do relacionamento do catolicismo devocional com outras expressões religiosas, sejam afros ou indígenas, tem-se uma mescla de elementos (embora não esquecendo que o catolicismo mais impôs do que assimilou elementos religiosos nessa relação), – absorvendo práticas, expressões, danças, instrumentos que passam a ser comuns às manifestações religiosas. Os Moçambiques, as Congadas, são exemplos que compõem a mescla ocorrida no catolicismo colonial.



Figura 2 – Congada em Aparecida - SP
Fonte: Arquivo pessoal

Essa mistura de elementos religiosos é reflexo da própria mistura étnica ocorrida no território. Ao longo da formação do catolicismo brasileiro a miscigenação entre índios, brancos – não somente portugueses – e negros, reflete também nessa somatória de elementos religiosos advindos de outros grupos étnicos e não somente de uma matriz portuguesa.

Um dos elementos trazidos por esse catolicismo português, de cunho popular, são as romarias. No seu contexto geral as romarias estão vinculadas à promessas, sendo estas uma expressão de fé no poder do santo ao qual se mantém a devoção. A romaria também é uma forma de homenagear o santo que se cultua podendo pedir a graça necessária ou agradecer as ações que são creditadas ao mesmo.

No Brasil colônia muitos santuários são formados e tornam-se centros de romarias com os mais variados oragos. O papel fundamental na formação desses santuários são os chamados monges e irmãos penitentes (LUSTOSA, 1978) que, partindo da construção de um pequeno oratório, acabam por desenvolver centros de referência para essas práticas devocionais. Esses santuários são uma expressão da religiosidade popular, da piedade leiga e tornam-se lugares privilegiados na prática religiosa. Peregrinar ao santuário, vale lembrar, não tem um caráter de obrigatoriedade, mas é uma atitude espontânea do devoto em agradecimento ao seu santo protetor. A romaria estabelece uma relação horizontal com o sagrado. O devoto percorre o caminho entre o espaço do cotidiano (sua morada) e o espaço sagrado (morada do santo). A romaria leva do profano ao sagrado (FERNANDES, 1994).

Nos santuários encontra-se, também, uma expressão pública da relação do fiel com o santo, que são os chamados ex-votos. O ex-voto é a

representação material de que o santo atendeu a súplica feita sobre as necessidades do cotidiano, e para mostrar publicamente que o santo lhe foi favorável, o fiel desloca-se até esse espaço considerado privilegiado para a devoção.

Os ex-votos (OLIVEIRA, 2003; MELLO, 2008) indicam, geralmente, de forma direta, o tipo de graça obtido pelo fiel e revelam as várias faces de seu cotidiano. Se a graça é correspondente a uma cura utiliza-se uma peça para identificação do órgão curado; se foi poupado de um acidente, algo que represente o perigo de que se foi salvo; e assim sucessivamente. Outra característica é a identificação de quem concede a graça e o agraciado gerando um forte vínculo afetivo.

As invocações aos Santos e Santas, ao Senhor Bom Jesus e a Nossa Senhora, sob os mais variados títulos, são fundamentais para a compreensão da vivência religiosa no catolicismo brasileiro. Catolicismo esse que tem suas raízes no período colonial e estende-se até os dias de hoje. Evidentemente muitas devoções perderam força, outras surgiram no decorrer da história, mas, a característica fundamental de ser devoto, se faz presente desde os tempos coloniais chegando até o século XXI. Esse fato chama a atenção, principalmente se relacionado a algumas devoções que permanecem fortes, como Bom Jesus da Lapa, São Judas Tadeu, São Benedito, Santo Antonio, São João, Santo Expedito, São Francisco das Chagas do Canindé e também a devoções não reconhecidas pela Igreja tais como, Pe. Cícero, Pe. Donizete, Pe. Ibiapina, outras, de repercussão mais regional, como em São Paulo, Menina Izildinha, Toninho Marmo, Sá Mariinha das Três Pontes (Cunha/SP), oficiais ou não a prática devocional ainda é uma constante dentro do catolicismo no Brasil. Deve-se destacar a forte presença da devoção mariana entre essas práticas devocionais.

No final do século XIX, com a separação entre Igreja e Estado, intensificam-se as ações da Igreja no Brasil para implantação das orientações advindas da Sé Romana. O catolicismo leigo e devocional passa a ter certa vigilância, e de certa forma, será desestimulado para dar lugar a outras devoções sob o controle mais direto da Igreja. “Sua estratégia foi a de desvalorizar o catolicismo dos leigos, substituindo-o por um catolicismo romanizado. Isto foi feito principalmente por meio da substituição das devoções aos santos tradicionais [...]” (OLIVEIRA, 1976, p.137)

Devoções como o Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria, associações leigas vinculadas a Igreja, e não sob o controle direto dos leigos, como Apostolado da Oração, Legião de Maria, entre outras, serão incentivadas em todo território nacional. Apesar de todo esse processo de controle institucional dentro da Igreja Católica no Brasil, haverá a continuidade das práticas devocionais já existentes (OLIVEIRA, 1976), porém com a mudança de alguns aspectos como a diminuição de fluxo em determinadas regiões. Contudo a Igreja não consegue um controle total sobre essas práticas, mas, por outro lado tentou catequizar essas devoções, “cristianizá-las” trazendo sob o controle da instituição.

No entanto, o povo tem um profundo sentimento religioso que se manifesta de forma diferenciada e complexa o que, muitas vezes, não significa uma adesão às novas imposições. Do nascimento à morte a religiosidade se faz presente dando significado aos momentos marcantes da vida e também às relações que se estabelecem no cotidiano (PARKER, 1996). Os santos, e de modo especial a Virgem Maria, têm uma importância, não como modelo de vida, mas sim como intercessores diante de Deus. A Virgem Maria, mesmo recebendo da Igreja o título de rainha e padroeira do Brasil, é cultuada primordialmente como mãe. Outro momento marcante na

devoção popular é a festa do santo que se manifesta em práticas de celebração da vida. A fé popular constitui-se como religião da vida.

1.2 A devoção mariana

1.2.1 A presença da devoção mariana.

A presença da devoção mariana no Brasil é evidencia de que se trata de uma herança portuguesa. Na península Ibérica a devoção à Maria vem de longa data. No século XII o território é colocado sob a proteção de Maria. Sob sua invocação diversas batalhas foram realizadas na reconquista da península ibérica do domínio mouro e posteriormente em terras brasileiras nas lutas contra os indígenas. A figura de Maria ocupa lugar de destaque, principalmente, pelo papel maternal e protetor que lhe é atribuído. A invocação a proteção de Maria é presente em todo processo de colonização. Antes de saírem de Portugal (AZEVEDO, 2001) os navegantes passavam a noite em vigília na igreja de Nossa Senhora de Belém. Imagens de Nossa Senhora eram carregadas nas embarcações portuguesas e numerosas naus eram batizadas com alguma das invocações marianas correntes na época.

Principalmente em terras brasileiras, a característica que será mais marcante na devoção a Nossa Senhora é sua qualificação de “grande mãe”. Ela será a catalisadora dos grandes ideais. Terá um papel fundamental para providenciar segurança, saúde, bem-estar nas viagens, servirá de consolo, diminuirá as aflições, etc.. As súplicas dedicadas à Maria são tão variadas quanto aos títulos que lhe são atribuídos, o que é característico. Maria exerce o papel da mãe, e os filhos recorrem à mãe nas mais variadas adversidades.

Segundo Azevedo (2001) o desenvolvimento da devoção mariana no Brasil segue um crescimento contínuo. No início com alguns títulos de invocação e seus respectivos locais de culto e, posteriormente, há uma gama de denominações. Dentre as mais variadas invocações atribuídas a Maria a que ganhou maior destaque foi a da Imaculada Conceição, declarada padroeira luso-brasileira em 1646. Num primeiro momento, as invocações Marianas estão estritamente ligadas às cenas do cotidiano de Maria de Nazaré. Essa predominância pode ser observada pelos títulos atribuídos a Maria. No decorrer da história esse fenômeno será alterado e cada vez mais o culto a Maria será ligado à figura da mãe, aquela que protege, que acode a aflição de seus filhos e se faz presente nas necessidades do cotidiano. A devoção não estará centrada em Maria como modelo de virtude, de obediência, de pureza e submissão, como era a característica anterior (AZEVEDO, 2001).

A própria condição histórica da vida colonial faz com que a devoção ganhe essa característica. É necessário que se tenha proteção, que se tenha força para superar as dificuldades. Evidentemente que os santos e as santas também exercem essa função de protetores, mas o peso da figura materna será fundamental no alargamento da devoção mariana. O olhar maternal é diferenciado e isso impulsiona essa relação na devoção e faz com que ela crie fortes raízes no meio da sociedade colonial e posterior.

Uma característica interessante na devoção à Maria é sua generalização, mesmo entre grupos socialmente opostos e de diversos níveis econômicos. Exatamente pelo papel da mãe, é a função da figura materna que ganha destaque. Tal característica é muito interessante, como ver-se-á posteriormente, porque terá um reflexo na devoção a Nossa Senhora Aparecida. Os diversos segmentos sociais estarão presentes no fluxo de

visitantes ao Santuário Nacional de Aparecida. Essa disseminação é, em parte, resultado da permanência da figura materna que guarda certa universalidade. O arquétipo da mãe é polarizador da devoção em todo tecido social.

Azevedo (2001), estudioso do culto à Maria no Brasil, propõe que a devoção mariana pode ser dividida em sete grandes grupos no território nacional. A forte presença do culto mariano é sinalizada pela grande quantidade dos locais de culto. Os grupos são divididos da seguinte forma:

1. Imaculada Conceição de Maria. Este é o tipo de invocação de maior devoção no Brasil.
2. Nossa Senhora do Rosário. Este é o segundo tipo de invocação mais adotado à Virgem Maria no Brasil.
3. Nossa Senhora da Assunção e Nossa Senhora da Glória.
4. Nossa Senhora da Ajuda, Nossa Senhora do Amparo e Nossa Senhora das Necessidades.
5. Nossa Senhora do Pilar.
6. Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora da Purificação e Nossa Senhora da Candelária.
7. Nossa Senhora da Piedade (p. 24-26).

Os grupos apresentados não contemplam todos os títulos atribuídos a Maria, mas servem para dar uma noção da extensão da devoção mariana. Importante notar que a devoção a Imaculada Conceição é a de maior presença no território nacional. A existência da devoção a Imaculada Conceição, como será visto a seguir, contribuirá no desenvolvimento da devoção a Nossa Senhora Aparecida.

1.2.2 Devoção a Imaculada Conceição.

No amplo leque das devoções marianas, evidentemente, a que merece maior destaque é a devoção a Imaculada Conceição. Desde a chegada dos portugueses ao Brasil a devoção se faz presente reproduzindo, aqui, o fenômeno que já ocorria em Portugal. No século XVI pode-se observar a constituição de algumas paróquias sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Guaraparí, Itanhaem, Itamaracá e Angra dos Reis, são alguns exemplos, logo após a chegada dos portugueses (MACIEL,1999). No século XVII ampliam-se os locais de culto dedicados a devoção e no ano de 1646, Dom João V de Portugal, consagra o reino português e suas colônias a Nossa Senhora da Conceição e, a partir de meados do século, a devoção estende-se da faixa litorânea para o interior do Brasil.

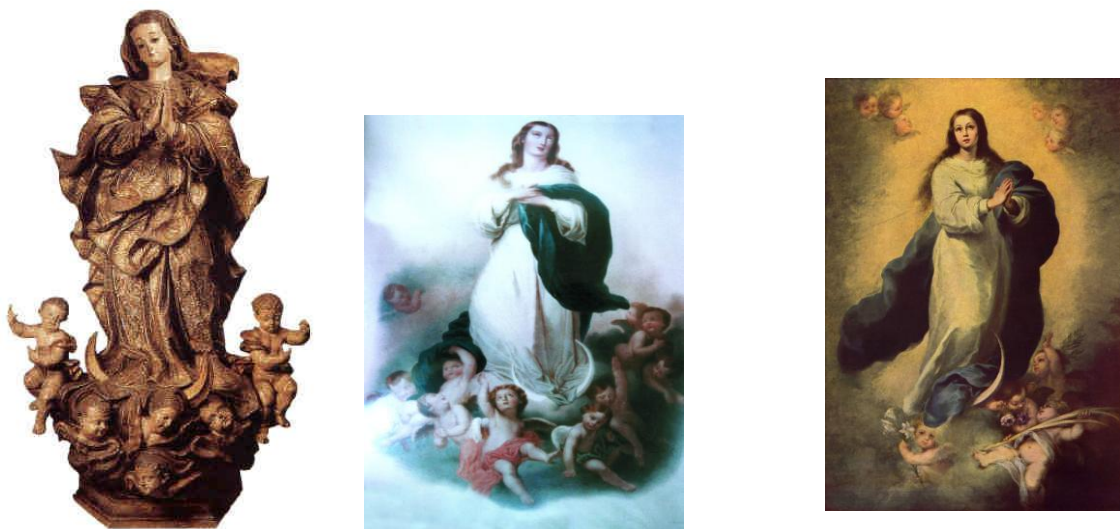


Figura 3 – Nossa Senhora da Conceição – Imagens e Estampas
Fonte: Arquivo Pessoal

A forte presença da devoção a Nossa Senhora da Conceição pode ser notada com facilidade no decorrer do ciclo do ouro em Minas Gerais. Desde o início do século XVIII a devoção expande-se pelo território das minas e se

tornará um marco na cultura barroca desenvolvida na região. As primeiras localidades formadas, na área mineradora, são colocadas sob a proteção de Nossa Senhora da Conceição. Num rápido período de duas décadas (MACIEL, 1999) são instituídas onze paróquias sob esta invocação. Uma curiosidade vinculada à devoção é o hábito de se fazer a consagração pessoal perpétua a Nossa Senhora da Conceição.

A presença da devoção também pode ser observada na música barroca. Lobo de Mesquita e Castro Lobo, entre outros, tem inúmeras composições relacionadas ao tema.

No século XVIII a expansão do culto a Imaculada Conceição atinge diversas partes do território nacional (cf. Anuário Católico 2009/2010). Minas Gerais continua como área de maior concentração da devoção. Nas obras do barroco mineiro, sejam as esculturas de Aleijadinho ou a pintura de Manoel da Costa Ataíde, observa-se com facilidade a representação da Imaculada Conceição.

Em 1854 é proclamado o dogma da Imaculada Conceição. Oficializa-se a doutrina em torno da devoção e, o que antes já era prática corrente entre os fiéis, institucionaliza-se o culto. Ainda em meados do século XIX já ultrapassa a uma centena as sedes paroquiais dedicadas a Nossa Senhora da Conceição (cf. Anuário Católico 2009/2010). Em meados do século XX, no centenário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição (MACIEL, 1999) o número de sedes paroquiais dedicadas a Imaculada ultrapassa a trezentos e cinquenta, o que demonstra uma grande expansão do culto. Já no final do século XX ultrapassam a quinhentos e vinte (Anuário Católico, 2009/2010)

1.3 A devoção a Nossa senhora Aparecida

O início da devoção a Nossa Senhora Aparecida está ligada ao encontro da imagem nas águas do rio Paraíba em 1717. Tal acontecimento, no início do século XVIII, está vinculado à passagem do Conde de Assumar, oriundo de São Paulo, e a caminho das Minas, para assumir o governo da capitania de São Paulo e Minas. Para o bom atendimento e abastecimento da comitiva do conde, a câmara de Guaratinguetá ordenou aos pescadores locais que providenciassem a maior quantidade de peixes possível para a ocasião da passagem do Governador. No cumprimento da ordem estabelecida, os três pescadores, João Alves, Domingos Martins Garcia e Felipe Pedroso, descem o rio a partir do porto de José Correia Leite (RIBEIRO, 1998), e até a altura do porto Itaguaçu não obtém nenhum resultado. Nessa região, João Alves, lançou a rede e captura o corpo da imagem de Nossa Senhora da Conceição. Admirado com o acontecido, deposita a imagem no fundo do barco e lança a rede novamente e, para surpresa sua, desta vez resgata a cabeça da imagem. A partir desse momento a pesca é farta e rapidamente os barcos ficam sobrecarregados de peixes.

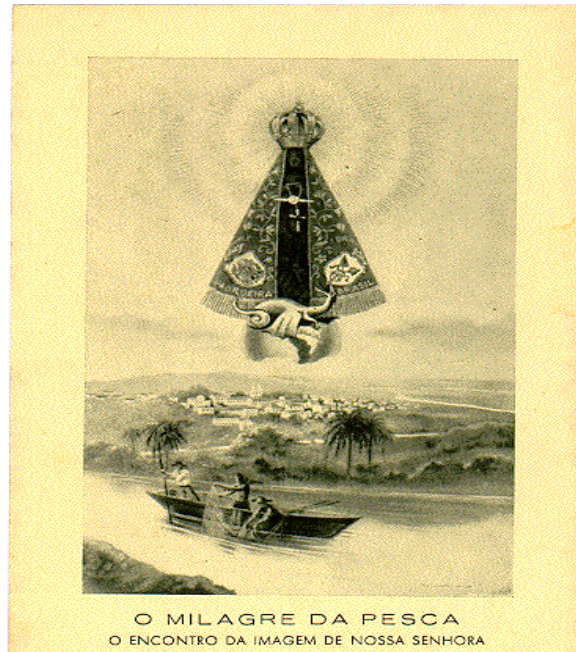


Figura 4 – O Milagre da Pesca
Fonte:

A imagem é levada para casa de João Alves e entregue a sua mãe, que providencia a união entre o corpo e a cabeça (MACHADO, 1983). Na casa de Felipe Pedroso a imagem permanece por alguns anos e, com a reza do Terço, a família inicia a devoção, tratando-a de forma carinhosa como Nossa Senhora da Conceição Aparecida, nome que a identificará daí em diante. É aquela que apareceu nas águas do rio Paraíba. Felipe Pedroso reside na localidade denominada Ribeirão do Sá nos próximos seis anos e depois se muda para Ponte Alta, onde permanece por mais nove anos (BRUSTOLONI, 1998). A imagem permanece sob a guarda da família do pescador que irá deslocar-se para o Porto Itaguaçu. Até o início de sua estada nesta localidade, mais ou menos vinte anos, o culto é predominantemente familiar, mas a fama da imagem cresce constantemente e os visitantes começam a aparecer das mais variadas regiões.

Os milagres e graças atribuídos a Senhora Aparecida vão se sucedendo e, já no Porto Itaguaçu, lhe é atribuído o que ficou conhecido como milagre das velas. Durante a reza do terço as velas utilizadas se apagam e reacendem sem nenhuma intervenção dos presentes. Tal acontecimento contribuiu significativamente para a ampliação da fama dos poderes da Aparecida.

Nesse período, o filho de Felipe Pedroso, Atanásio Pedroso, resolve construir uma capela para a guarda da imagem e ali as pessoas poderem fazer suas preces, agradecimentos, enfim, prestarem seu culto. Até essa ocasião, a imagem permanecia na casa do pescador e esta não comportava mais a procura crescente dos fieis. A capela do Itaguaçu é construída as margens do caminho que ligava São Paulo ao Rio e a região das Minas. A escolha do local, mesmo não sendo uma decisão estrategicamente pensada, pelo que se tem notícia, foi de fundamental importância para a propagação da devoção. Caminho de tropas que circulavam para as mais diversas regiões passaram a divulgar os feitos atribuídos a Senhora Aparecida nas águas do rio. As notícias correm de boca a boca e cada vez mais a fama vai crescendo.

O crescimento da devoção atinge proporções que chamará a atenção do vigário de Guaratinguetá, responsável pela área. Pe. Vilela (MACHADO, 1983) vai ao Itaguaçu e constata o desenvolvimento da devoção e decide tomar uma série de providências para a oficialização do culto. A intenção é obter a autorização do bispo para que se possa prestar devoção, oficialmente, com a denominação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. O vigário decide pela construção de uma nova capela que ofereça melhores condições para a prestação do culto. O local escolhido é o alto do Morro dos Coqueiros e, cumpridos os trâmites exigidos no período, a nova capela é inaugurada em 1745. No alto do morro, a devoção ganha maior visibilidade e o fluxo de

visitantes cresce constantemente. Novos prodígios vão acontecendo nesse espaço e a fama de Nossa Senhora Aparecida cresce cada vez mais.



Figura 5 – “N. S. da Conceição Aparecida que se venera na sua capella do Termo da cidade de Guaratinguetá.”

Fonte: Arquivo pessoal

No século XIX nova igreja será construída no Morro dos Coqueiros. Uma construção mais ampla e sólida que beneficiará a todos que acorrem para pedir a proteção a Mãe Aparecida, como é tratada pelos devotos (AZEVEDO, 2001). Fiéis oriundos das mais variadas regiões são mencionados em diversos relatos de viajantes (SPIX E MARTIUS, [1950?]; SAINT-HILAIRI, 1954; ZALUAR, 1954). No final do século tem-se a chegada dos padres Redentoristas que, dentro do projeto de romanização, serão

incumbidos de normalizar e de orientar a devoção. Várias ações desenvolvidas pelos padres irão contribuir para atingir os objetivos propostos e ampliar a devoção a Senhora Aparecida. Outro acontecimento que marca a ampliação da devoção é a construção da estrada de ferro, que facilitará o acesso a Aparecida. A partir daí, a Igreja intensifica o culto a Nossa Senhora Aparecida com a organização das “primeiras romarias organizadas”, oriundas principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro.

No início do século XX, em 1904, Nossa Senhora Aparecida é proclamada rainha do Brasil. Em 1930 ela é oficialmente declarada como a padroeira do Brasil. É rainha e padroeira do Brasil e isso possibilita uma ampliação do leque de abrangência do território da devoção. O aumento dos meios de transportes também irá contribuir no crescente fluxo à Basílica de Aparecida. A construção da rodovia São Paulo - Rio de Janeiro e a posterior implantação da rodovia Presidente Dutra são marcos significativos no aumento do número de visitantes. Em meados do século, será dado início às obras do novo santuário para atender às necessidades crescentes e, da pequena capela do Itaguaçu a imagem da Aparecida passa a ser cultuada no maior santuário mariano do mundo.

Paralelamente, os padres redentoristas iniciam a publicação de um jornal e posteriormente uma rádio (1951). O uso dos meios de comunicação irá alavancar ainda mais a devoção que, pelas ‘ondas do rádio’ atinge todo território nacional. No ano de 1987 a TV Cultura passa a transmitir “a Missa de Aparecida” e, em 1997, outra emissora de televisão (Rede Vida) também inicia transmissões do Santuário Nacional. No início do século XXI entra no ar a TV Aparecida, ampliando decisivamente a divulgação da devoção à Mãe Aparecida.

Há menos de uma década para completar trezentos anos do encontro da imagem, a devoção continua a movimentar um enorme contingente de pessoas, atingindo, em 2008, a cifra de nove milhões e meio de visitantes.

CAPÍTULO 2

2 A EVOLUÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA DE ATENDIMENTO DO SANTUÁRIO NACIONAL

Nos tópicos seguintes demonstrar-se-á as transformações ocorridas nos espaços e atividades em torno da devoção a Nossa Senhora Aparecida. Transformações não somente na infra-estrutura para o atendimento das funções religiosas, que lhe são características, mas também na infra-estrutura de apoio ao visitante que se mantém em fluxo crescente.

Principalmente após a chegada dos padres redentoristas pode-se notar uma acentuada preocupação com o bem estar-estar do visitante e a busca pela satisfação de suas necessidades. A visão não se limita intramuros, mas extrapola para o restante do espaço urbano, no intuito de criar uma infra-estrutura turística adequada a demanda.

2.1 A adequação do espaço para o atendimento religioso

A infra-estrutura voltada para o atendimento religioso, a partir do momento em que o culto é autorizado oficialmente, pode ser dividida em dois momentos: a) A igreja do Morro dos Coqueiros, que posteriormente será tratada por Basílica Velha; b) A igreja do Morro das Pitas, a Basílica Nova, ou Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida.

2.1.1 Da antiga capela do Itaguaçu ao morro dos Coqueiros

Desde o encontro da imagem de Nossa Senhora da Conceição nas águas do rio Paraíba, em 1717, quando da passagem do Conde de Assumar pela região de Guaratinguetá, ela permaneceu na casa dos pescadores e seus familiares. No início o culto era doméstico com a participação de parentes e vizinhos para a reza do terço (BRUSTOLONI, 2004). Tal situação perdura até que Atanásio Pedroso, filho de Felipe Pedroso, um dos três pescadores que encontraram a imagem, morador na região do Porto Itaguaçu, constrói, ali, um pequeno oratório. Foi aproximadamente de 15 anos o período entre o encontro da imagem e a construção do oratório.

Do culto familiar, a fama da imagem cresce e o espaço doméstico fica insuficiente para acolher todos os que querem prestar sua homenagem a pequena Santa. A decisão de construir uma capela e o lugar escolhido, no entender de Brustoloni, foi fundamental para o crescimento da devoção e o aumento no número de fieis.

Atanásio Pedroso, que lhe construiu um oratório ou capelinha junto da estrada. Daquele local estratégico, pois passavam por ali as caravanas que demandavam as Minas Gerais, São Paulo, Centro-Oeste e Sul, a fama da imagem espalhou-se rapidamente. Especialmente depois do milagre das velas e outros, acontecidos no oratório ou capelinha do Itaguaçu, [...] (BRUSTOLONI, 2004, p.53)

E acrescenta,

A posição da Capela favoreceu a divulgação das graças, da devoção. A migração das famílias e o intercâmbio comercial também ajudaram. Os tropeiros da célebre Feira de Mueres de Sorocaba

levaram a devoção para a região sul: Curitiba, Viamão e laguna; os mineradores levaram-na até as minas de Cuiabá e, pelos sertanistas, a fama e a devoção chegaram até o longínquo Estado de Goiás. (BRUSTOLONI, 2004, p.53)

A pequena capela do Itaguaçu servirá para acolher os devotos que a ela acorrem, mas com o tempo se mostrará insuficiente para o crescente movimento. No início do ano de 1743 o Pe. José Alves Vilella, vigário da igreja de Santo Antônio de Guaratinguetá, solicita autorização ao Bispo para edificação de nova capela. A resposta a solicitação é concedida a 5 de maio de 1743,

Havemos por bem de lhes conceder licença, como pela presente nossa Provisão lhes concedemos, para que possam edificar uma Capela com o título da mesma Senhora na dita freguesia, em lugar decente e assinalado pelo Rvdo. Pároco. (apud, BRUSTOLONI, 2004, p.65)

De posse da autorização, o vigário desencadeia a escolha do local e a doação das terras para a formação do patrimônio da futura capela. O local escolhido foi o Morro dos Coqueiros, onde hoje se encontra a Basílica Velha e o centro histórico da cidade de Aparecida. Passados dois anos, no dia 26 de julho de 1745, Pe. Vilella faz a benção solene do novo templo.

A nova capela é equipada com os materiais litúrgicos exigidos na época e a construção tem a seguinte estrutura que é descrita, doze anos depois, em 1757 pelo Pe. João de Moraes da seguinte forma:

Está situada esta Capela uma légua, pouco menos da matriz, em lugar alto, aprazível e naturalmente alegre. É a igreja de taipa de

pilão; tem o altar-mor com tribuna em que está a Imagem da Senhora, com dois altares colaterais, todos pintados e o teto da capela-mor; é toda forrada a igreja e por baixo assoalhada de madeira com campas; tem coro, dois púlpitos, sacristias com duas vias-sacras, corredores assobradados e ambas as partes com casas em baixo; tem uma torre, sacristia pintada e ornamentos de todas as cores, os quais e os mais móveis constam do inventário. (I Livro do Tombo da Paróquia de Guaratinguetá)

A capela de Aparecida, como era chamada, passará por diversas reformas e ampliações (MACHADO, 1983) no intuito de atender ao crescente movimento de fieis. Entre as décadas de 60 e 70 do século XVIII ela é ampliada recebendo nova fachada e duas torres que serão retratadas no início do século XIX pelo viajante Thomas Ender.



Figura 6 – Igreja de Nossa Senhora Aparecida

Fonte: PRADO, J. F. de Almeida, Tomas Ender: pintor austríaco na corte de D. João VI no Rio de

Janeiro, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

A escolha do lugar foi acertada e agradava os visitantes. Durante o século XIX observam-se os comentários feitos por viajantes estrangeiros sobre a 'Capela de Aparecida' onde observam o fluxo de visitantes e as condições do local.

Spix e Martius, em 1817, fazem o seguinte registro:

Após uma milha de marcha chegamos ao sítio de romarias, Nossa Senhora Aparecida, capela situada num outeiro, cercada de algumas casas. [...] Ela data de setenta anos atrás, época remota para este país; é só parcialmente construída de pedra e guarnecida de dourados, má pintura a fresco e alguns quadrados a óleo. A milagrosa imagem de Nossa Senhora atrai muitos peregrinos de toda província e de Minas Gerais. (SPIX E MARTIUS, [1950?], p.130)

Saint-Hilairi, a 24 de março de 1822, deixa suas impressões sobre a capela:

A uma légua pequena de Guaratinguetá, passamos em frente à capela de N. S. Aparecida. A imagem que ali se adora, passa por milagrosa e goza de grande reputação, não só na região como nas partes mais longínquas do Brasil.

Aqui vem ter gente: dizem, de Minas, Goiás e Bahia, cumprir promessas feitas a N. Senhora Aparecida. A igreja está construída no alto de uma colina, à extremidade de grande praça quadrada e rodeada de casas. Tem duas torres que fazem de campanário, mas seu interior nada apresenta de notável. O que o é realmente vem a ser a vista encantadora desfrutada do alto da colina. (SAINT-HILAIRI, 1954, p.90)

Outro viajante, Augusto Emílio Zaluar, em sua 'Peregrinação pela Província de São Paulo' nos anos de 1860 e 1861, fez a seguinte observação,

Entre todos estes templos que temos visto no interior do país, nenhum achamos tão bem colocado, tão poético, e mesmo, permita-se-nos a expressão, tão artisticamente pitoresco, como a solitária capelinha da milagrosa Senhora de Aparecida, situada a pouco mais de meia légua adiante da cidade de Guaratinguetá, na direção de S. Paulo. (ZALUAR, 1954, p.86)

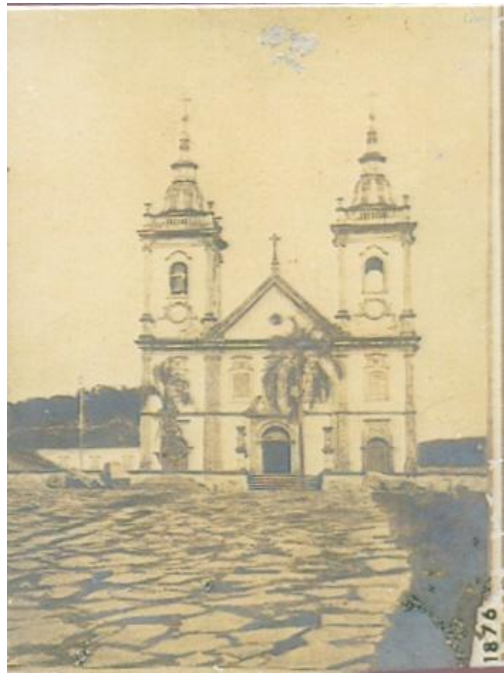


Figura 7 – Igreja Nossa Senhora Aparecida – ano de 1876
Fonte: Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional.

No correr do século XIX a igreja passa lentamente por diversas intervenções, as quais, com exceção da parte frontal e das torres, não mudam significativamente a estrutura geral do templo. Somente em 1878 (BRUSTOLONI, 2004; RIBEIRO, 1998), sob o comando de Frei Joaquim do

Monte Carmelo, é que uma nova e ampla igreja será construída.

Monte Carmelo intensifica os trabalhos de ampliação do templo e a 24 de junho de 1888 é inaugurada a nova igreja com melhores condições de atender o fluxo crescente de visitantes. Construída em alvenaria nas dimensões de 50m de comprimento por 19 de largura, contará também com acabamento artístico utilizando pedra, mármore e madeira. As novas instalações oferecem amplos espaços e comodidades que superam a antiga capela do Pe. Vilella. O novo templo do Morro dos Coqueiros servirá por muitos anos a todos os devotos e sua utilização se estende até nossos dias. Com a construção, como será visto a seguir, das novas instalações no Morro das Pitas o povo passa a tratá-la carinhosamente por Basílica Velha. A igreja construída por Monte Carmelo foi tombada pelo patrimônio histórico em 1982 e atualmente passa por um amplo processo de restauração.

As transformações ocorridas visavam o atendimento do fluxo crescente de visitantes. A região do Vale do Paraíba historicamente se constitui como área de passagem, seja para a região das minas no período colonial ou a ligação com o Rio de Janeiro, sede política e administrativa tanto da colônia como do império e de boa parte da república. Rota obrigatória no transporte de riquezas e mercadorias possui grande fluxo de viajantes, fato que também contribuiu para a divulgação dos acontecimentos em torno do culto a Nossa Senhora Aparecida. Outro elemento a ser considerado é o desenvolvimento, no século XIX, da cultura do café que proporcionou um desenvolvimento econômico para a região do Vale impulsionando uma melhoria considerável nas vias de acesso, facilitando, ainda mais, o fluxo de pessoas na região. No último quartel do século XIX os meios de transportes serão incrementados com a implantação da estrada de ferro ligando São Paulo ao Rio de Janeiro e posteriormente a região do Sul de Minas. Brustoloni (2004, p.84) resume o

período da seguinte forma “O aumento do fluxo de peregrinos indica ainda o desenvolvimento maior acontecido no Vale do Paraíba com a implantação da cultura do café, a partir de 1840, e com a inauguração da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1877.”

Sobre as influências que tais mudanças exerceram no fluxo de visitantes ao Santuário de Aparecida é possível reconhecê-las em artigo publicado no jornal ‘Correio Paulistano’ de 4 de janeiro de 1884,

Antigamente, as romarias a Capela da Aparecida tinham muito de pitoresco; eram as famílias que se moviam lentamente com os filhos pequenos, os pajens, os camaradas, as mucamas e o armazém ambulante às costas dos cargueiros. Havia os atoleiros que transpor, as pontes esburacadas, os ribeirões transbordantes com sem números de precipícios por toda a fita sinuosa das estradas reais. (apud, BRUSTOLONI, 2004, p.86)

E em seguida conclui, com certa nostalgia, sobre as mudanças provocadas pela estrada de ferro, observando que a mesma, “plantou suas estações onde eram antigamente os pousos dos viajantes trazendo mais comodidade e acabando com o encanto daquelas pias viagens.” (apud, BRUSTOLONI, 2004, p.86)

2.1.2 A Basílica nova

A igreja do Morro dos Coqueiros serviu para atender a demanda dos visitantes de forma confortável no final do século XIX e início do século XX. Em 1894 chegam a Aparecida os padres Redentoristas, alemães especializados no atendimento a santuários, convidados pelo Bispo de São

Paulo, responsável eclesiástico pela área do Vale do Paraíba. A vinda dos padres redentoristas ao Brasil insere-se num projeto mais amplo da Igreja Católica, é o conhecido movimento de romanização que, no Brasil, ganha força com a separação da Igreja do Estado em 1889 e com a Proclamação da República.

Com a chegada dos padres Redentoristas os trabalhos no Santuário são intensificados e o fluxo de visitantes cresce continuamente. Além do trabalho dos padres, outros fatores contribuíram para o aumento do movimento em Aparecida dos quais se podem destacar as romarias programadas a partir do ano de 1900, a coroação de Nossa Senhora Aparecida em 1904 e a proclamação de Padroeira do Brasil em 1931. Evidentemente que estes acontecimentos não estão isolados e representam apenas momentos mais significativos no conjunto dos acontecimentos que marcaram o desenvolvimento da devoção e as transformações ocorridas na infra-estrutura de atendimento.

A idéia de construir um novo templo já se faz presente no ano de 1913 (BRUSTOLONI, 1998) tendo em vista o bicentenário do encontro da imagem em 1917. Por diversas razões os planos são adiados e somente a 10 de setembro de 1946 é lançada a pedra fundamental do novo templo e o local escolhido foi o Morro das Pitãs.



Figura 8 – Foto do Morro das Pitas
 Fonte: Centro de Documentação e Memória

A revista *Ecos Marianos* de 1947 publica matéria de nove páginas intitulada “Auspiciosos acontecimentos para o futuro de Aparecida” onde narra a cerimônia de lançamento da pedra fundamental e, após ressaltar a visita de D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, Cardeal-Arcebispo de São Paulo, conclui que,

As vagas esperanças de uma nova Basílica, grande e esplêndida como estão a exigir os constantes progressos da romaria, começaram a corporificar-se na ocasião dessa visita, para terem no mesmo ano feliz início com a benção da pedra fundamental (p.214)

A construção da nova Basílica ganha proporções que ultrapassam os limites de Aparecida. No lançamento da pedra fundamental estão presentes, além de altos representantes da Igreja Católica, autoridades do governo Estadual e Federal. Cardeal Mota, responsável pelo empreendimento, realiza uma série de reuniões para organizar os trabalhos, inaugura um ‘Escritório

Técnico’, constitui diversas comissões especializadas e uma “Grande Comissão de Honra da qual fazem parte o Exmo. Sr. Presidente da República, o Sr. Governador do Estado de São Paulo, todos os Exmos. Srs. Arcebispos e Bispos do Brasil, bem como nomes eméritos do laicato [...]” (ECOS MARIANOS, 1949, p.45).

O projeto da nova Basílica extrapola a construção do templo e inclui alterações na infra-estrutura da cidade como observa-se em notícia sobre a reunião, convocada pelo Cardeal Mota para tratar da nova Basílica, ocorrida no Palácio do Governo onde o Prefeito de Aparecida solicita a instalação de uma Delegacia especial, um Posto médico e sanitário e um Posto de puericultura e o informe conclui dizendo “e os presentes todos se comprometeram a prestar todo seu apoio à grande idéia da nova Basílica e da *nova cidade*¹ que deviam surgir para a glória da Padroeira do Brasil” (ECOS MARIANOS, 1947, p.223). Os informes (Ecos Marianos, 1947, 1948, 1949) também indicam a elaboração de projeto de urbanização com a atuação de diversos profissionais e menciona o “eminente urbanista Dr. Prestes Maia” (1949, p.45).

Entre os anos de 1946 e 1951 o arquiteto Benedito Calixto de Jesus Neto trabalha na elaboração e aprovação da planta do novo templo e somente no segundo semestre de 1952 é que os serviços de terraplanagem serão iniciados,

O dia da Pátria, 7 de setembro de 1952, foi mais uma vez histórico, marcando o início da construção da Nova Basílica. Além das festas tradicionais, Dom Paulo Rolim celebrou Missa Pontifical com assistência de S. Ema. O Cardeal Motta. Às 16 horas, em solene procissão, a Imagem milagrosa foi conduzida à colina da futura

¹ Grifo nosso

Basílica. [...] Seguiu-se a benção da primeira máquina da firma Mariutti com a assistência dos Srs. Bispos auxiliares. (Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, 1952, fl. 202v.)

Dois anos são gastos na preparação do terreno que é dividido em duas explanadas, uma para construção do templo e a segunda para os eventos ao ar livre.



Figura 9 – Foto da Morro das Pitas – Serviço de Terraplanagem
Fonte: Arquivo Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida

Somente em novembro de 1955 (BRUSTOLONI, 1990; 2004) é que se iniciam os serviços de concretagem. As obras da estrutura geral do templo se estendem por vinte e cinco anos, sendo concluídas em 1980. A utilização dos novos espaços aconteceu de forma gradativa acompanhando o ritmo das obras.

Em 21 de junho de 1959 a nave norte (Jornal O Santuário, 17/06/1979, p.3), começa a ser utilizada para o atendimento aos finais de semana e feriados. Apesar de representar somente um quinto da área projetada para o novo templo, a transferência das atividades representou uma grande mudança nos espaços destinados ao atendimento dos visitantes. As obras continuam e na seqüência será construída a Torre Brasília (conf. Anexo – Foto 08), sendo a estrutura doada pelo governo de Juscelino Kubitschek, tendo o início de sua ocupação no ano de 1964.

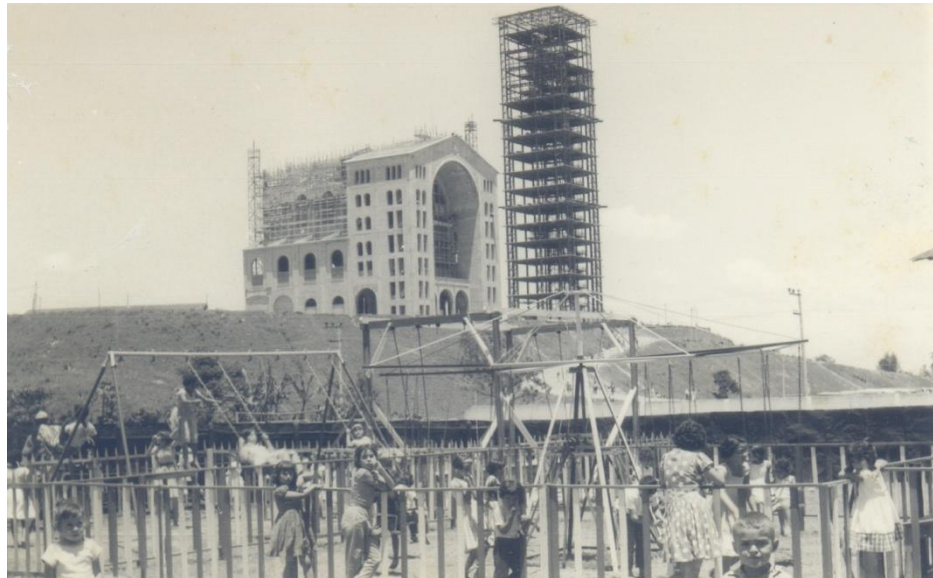


Figura 10 – Foto da Nave Norte e Torre

Fonte: Arquivo Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida

Prosseguem com a construção da cúpula, a capela das velas, a nave sul, a nave leste e oeste. O desenvolvimento dos trabalhos permite que sucessivamente as instalações sejam utilizadas para os serviços religiosos,

num primeiro momento, e no atendimento das necessidades básicas dos visitantes, até que em 1982 a imagem, encontrada em 1717, nas águas do Rio Paraíba, é transferida definitivamente para o novo templo e todos os serviços são ali executados.

As dimensões da Basílica Nova, como ficou conhecido o templo, podem ser consideradas astronômicas, se observados os detalhes técnicos da obra, mas resumidamente pode-se demonstrá-las da seguinte forma:

Tabela 1: Descrição da área do Santuário

Área construída	23.200 m ²
Área coberta	18.000 m ²
Área disponível para o povo	10.640 m ²
Lotação	Normal - 45.000 Máxima - 75.000

Fonte: Jornal O Santuário, 25-31/01/1997

Atualmente, além das obras de manutenção e adequação de alguns aspectos do templo, está em andamento o projeto de acabamento artístico do interior do Santuário.

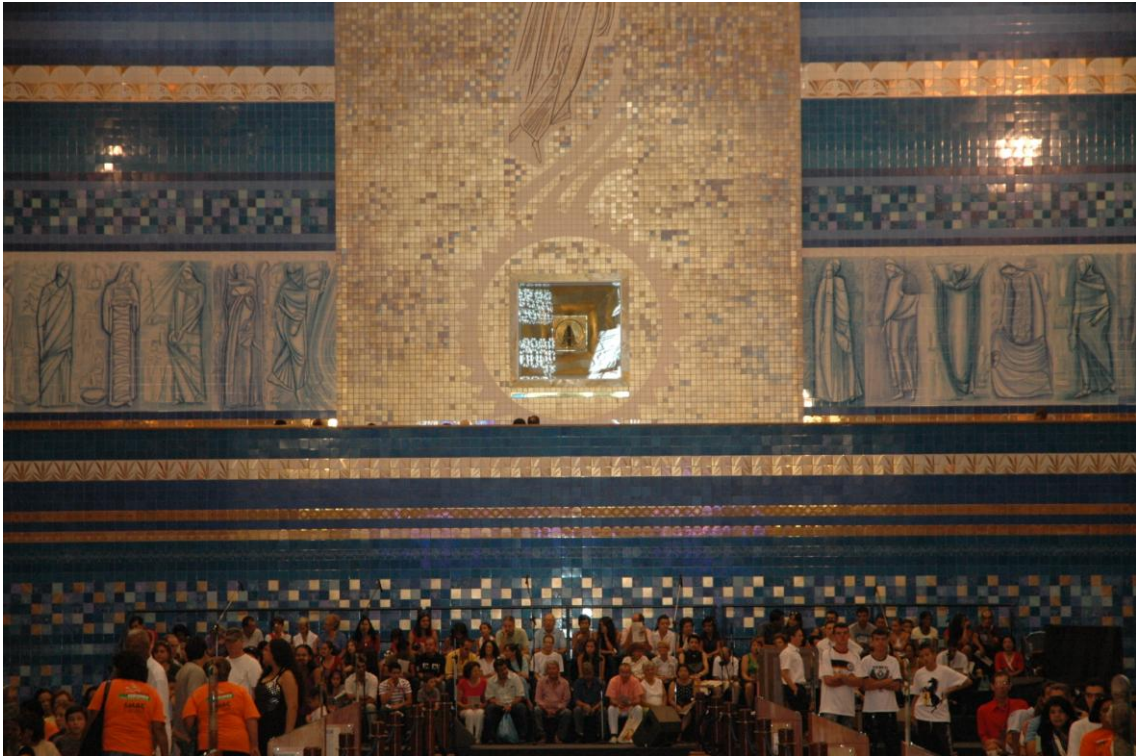


Figura 11 – Detalhe do acabamento interno do Santuário
Fonte: Arquivo pessoal

2.2 A criação de infra-estrutura de apoio

O atendimento aos visitantes exigiu uma constante busca de adequação dos espaços. A preocupação não se limitou somente ao atendimento das funções religiosas, mas estendia-se a outras necessidades. No século XVIII e boa parte do século XIX houve uma preocupação explícita com a hospedagem dos visitantes e a acomodação dos animais usados para o transporte. Os serviços referentes à alimentação normalmente eram providenciados pelos visitantes, como se observa em carta do Pe. Lourenço Gahr: “As mulheres com criança as colo cavalgam à frente, seguem-nas os cargueiros sem tropeiro, carregando alimentos e apetrechos domésticos, e de

cozinha, cobertos de couro de boi, e tudo em jacás nas costas do animal [...]” (apud BRUSTOLONI, 1998, p.87).

O desenvolvimento da infra-estrutura de apoio, que ocorreu sob a responsabilidade da Igreja, pode ser dividido em dois momentos distintos. O primeiro, que se denomina “As casas e o pasto da Santa”, e o segundo “O Centro de Apoio ao Romeiro”. Esta divisão não é hermética, mas, quer ressaltar o marco divisório que foi a construção das instalações do ‘Centro de Apoio’, popularmente conhecido como ‘Shopping do Romeiro’. É interessante notar que no início da década de 40 o projeto de Dom José Gaspar (Ecos Marianos, 1943) para as novas instalações do Santuário previa, além da igreja, a construção de escola, exposições agrícolas, parques e outras infra-estruturas que pudessem beneficiar os peregrinos.

O fluxo crescente de visitantes e as novas instalações provocam uma mudança na estrutura urbana de Aparecida (OLIVEIRA, 2001) que nasceu e se desenvolve no entorno do Santuário.

2.2.1 As ‘casas’ e o ‘pasto’ da Santa

A preocupação com o atendimento dos viajantes pode ser notada desde o princípio das atividades da ‘Capela’ do Morro dos Coqueiros:

Entre os termos de aforamento de 1750 a 1805, [...], aparecem os dados estatísticos do povoado. No pátio da Capela, assim era chamada a praça ao redor da igreja, foram construídas diversas casas para acolher os peregrinos, [...].

Constam ainda alguns serviços prestados aos peregrinos, como hospedagem e alimentação. Um documento de 1802 menciona o 'Pasto da Santa', onde eram recolhidos os animais de montaria. (BRUSTOLONI, 1998, p.166).

Esta preocupação da Igreja em dotar a localidade de um mínimo de infra-estrutura para o atendimento ao visitante ainda pode ser notada em outros momentos no decorrer do século XIX, do século XX e estendendo-se até os dias atuais. Novos tempos, novas necessidades, mas, sempre é possível perceber que as atenções não estão voltadas somente para as funções religiosas que lhe seriam próprias.

No decorrer do século XIX começam a surgir as pensões e pequenos hotéis no povoado, mas a atividade é ainda incipiente. Em meados do século XIX as Atas da Mesa Administrativa, responsável pela administração da capela no período, fazem referências a diversas casas que são destinadas a hospedagem dos romeiros, "de tempo mui remotos, além dos lotes aforados, algumas casas contíguas à igreja destinadas à aposentadoria (*hospedagem*) dos fiéis, que, em romarias, concorrem ao lugar, a cumprir seus votos, e oferecer suas oblações." (apud, BRUSTOLONI, 1998, p.192)

Brustoloni ainda afirma que,

Em 1880, Monte Carmelo construiu, com o material da demolição da antiga igreja, seis chalés, situados na rua Oliveira Braga e que ainda hoje existem, embora dois deles tenham sofrido alterações. Eram grandes salões destinados ao pernoite dos peregrinos; destes, havia outros tantos na praça como nas adjacências do Santuário. (1998, p.192)

No início do século XX tem-se o registro de outro local utilizado para hospedagem dos visitantes, o prédio do atual seminário diocesano, 'Bom Jesus'. Com terreno doado em 1838 (Ecos Marianos, 1998), e tendo a benção da pedra fundamental somente em 1894, suas obras tiveram altos e baixos com término definitivo somente em 1929. Apesar de inacabado, no período de 1903 até 1923, as instalações foram utilizadas para a hospedagem dos viajantes.

Na revista Ecos Marianos, em sua edição de 1949, pode-se observar reportagem ilustrada sobre a inauguração de um grupo de casas destinadas ao alojamento dos romeiros e também o anúncio de que, "Ao lado da Basílica ergueu um sobrado, servindo o primeiro andar para refeitório e lugar de descanso dos romeiros, [...]" (p.32)

No período de construção da nova Basílica (Ecos Marianos, 1963) foi planejada a construção de amplo alojamento para os romeiros, mas a idéia teve de ser adiada por falta de recursos.

2.2.2 A Basílica Nova e seus serviços.

Na Basílica Nova, além dos espaços para os serviços religiosos, encontra-se em seu subsolo, e áreas externas, uma variedade de serviços ao visitante.

No subsolo há: a Casa do Pão, o Salão dos Romeiros, instalações sanitárias, chuveiros, bazar, auditório, Sala das Promessas, livrarias, Fraldário

e outros serviços.

Do lado externo da Basílica, na chamada zona neutra, além da Sala de Imprensa e Segurança Patrimonial, existe o ambulatório médico, a casa das velas e a 'sala dos motoristas' que oferece condições para descanso, higiene e alimentação para os motoristas de ônibus que retornam no mesmo dia de chegada a cidade.

Outra área utilizada para atendimento é a torre Brasília, com o Museu de Nossa Senhora Aparecida, o Centro de Documentação e Memória, a Academia Marial, o Mirante e os serviços administrativos.

Nos pátios que circundam a Basílica são oferecidos os seguintes serviços: Água potável, sanitários, tribunas (palco para eventos), churrasqueiras, área verde com mesas e bancos, e toda infra-estrutura para atendimento das romarias a cavalo.

2.2.3 O Centro de Apoio ao Romeiro (CAR)

A idéia de construir uma infra-estrutura adequada para o atendimento dos visitantes, tanto para as funções religiosas como também para o atendimento de outras necessidades, já estava presente no projeto idealizado por Dom José Gaspar no início dos anos 40. No processo de construção da Nova Basílica, mesmo com a prioridade nos espaços de função religiosa,

sempre esteve presente a preocupação com o atendimento de alguns serviços básicos, tais como instalações sanitárias e abastecimento de água potável. Num primeiro momento foi utilizado o espaço da torre e posteriormente o subsolo da Basílica. Tais soluções rapidamente se mostram insuficientes e exigiram novas iniciativas.

A partir de 1983, quando o atendimento aos romeiros começou a funcionar com tempo integral na Basílica Nova, a comunidade Redentorista e a administração do Santuário consideravam necessário que houvesse uma separação entre a área de culto e a área comercial como seus serviços básicos de assistência humana. O barulho e vai-e-vem perturbavam muito as celebrações. (Livro do Tombo VIII do Santuário Nacional, f. 115)

No entanto a solução para o problema não foi imediata e, gradativamente, o comércio ambulante foi invadindo os pátios da basílica. Ações paliativas foram executadas, mas era necessário reorganizar os espaços a fim de preservar a qualidade na prestação dos serviços religiosos e também garantir uma infra-estrutura básica para o atendimento do fluxo de visitantes.

No ano de 1996, em matéria intitulada, 'Conforto e segurança para os peregrinos', o jornal O Santuário (Ano 96. Número 4.762, p.16) apresenta o projeto da criação do Centro de Apoio ao Romeiro. Serão reproduzidos alguns trechos da matéria para entender-se melhor a natureza, finalidade e abrangência da proposta.

l) O projeto de criação do Centro de Apoio ao Romeiro, do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, [...]. Quer oferecer aos peregrinos condições de conforto modernas e dignas.

II) [...] o Santuário Nacional há muito já vem oferecendo prestação de serviços indispensáveis [...], mas que precisam modernizar-se para atender à demanda.

III) Toda a população de Aparecida percebe as deficiências, decorrentes da falta de infra-estrutura, no atendimento ao romeiro nos mais diversos aspectos de suas necessidades, sejam de higiene, de alimentação, de compras, ou de lazer.

IV) [...] para que o romeiro seja acolhido da melhor maneira possível no Santuário, podendo ainda usufruir de uma boa prestação de serviços na cidade e nos pontos de atração turística. Procura-se que o romeiro tenha múltiplas opções de lazer, de compras, de alimentação e hospedagem.

V) A ousadia do projeto está no desencadear um processo de modernização em toda a cidade. Quer deixar claro que a cidade precisa fazer investimentos em função do turismo, [...].

Observa-se que existe a preocupação na melhoria das condições para o atendimento daquilo que é o específico, o diferencial, do Santuário Nacional que é a prestação dos serviços religiosos. Mas o interessante é que o projeto não para por aí e constantemente coloca a exigência de profissionalização e modernização no atendimento das diversas necessidades do visitante. Inclusive a do lazer. Destaca a exigência da criação, da parte do Santuário e da cidade, e pode-se dizer com tranqüilidade, de uma infra-estrutura turística que faça jus ao fluxo de visitantes.

Além da reurbanização do Morro do Cruzeiro e do Porto Itaguaçu o projeto do Centro de Apoio ao Romeiro (Jornal O Santuário, número 4765) prevê a criação de uma zona neutra ao redor do Santuário, construção de novos estacionamentos, construção de um conjunto comercial (inicialmente 700 boxes), sanitários, chuveiros, água potável, berçário, área de alimentação, posto de saúde e a criação de áreas onde será instalado serviço

de informações, segurança patrimonial, polícia civil, carro de combate a incêndio, ambulatório médico e ponto de encontro. O projeto ainda contempla a construção um Centro de atividades Múltiplas que é “um anfiteatro para realização de eventos religiosos ou culturais que acontecem no Vale do Paraíba, com capacidade para abrigar de 10 a 20 mil pessoas”, e ainda, “Também será criado um centro de lazer, entre a área de alimentação e o centro de atividades múltiplas”. É interessante notar a explicação para a criação de um centro de lazer, “servirá como atividade complementar à experiência da romaria, permitindo ao romeiro estruturar seu tempo de modo que sempre tenha uma alternativa para ocupá-lo de forma alegre e descontraída.” (p.16)

A apresentação do projeto gerou uma série de protestos por parte, principalmente, dos que exploravam o comércio nos pátios da basílica e na Avenida Monumental. O cronista do Livro de Tombo do Santuário fez o seguinte registro:

Movimento Anti-shopping: Alguns líderes estão agitando os ambulantes e vendedores da grande feira que Aparecida está se tornando. No fundo é o medo que o afastamento dos estacionamentos e o “mega-shopping”, como estão chamando esvazie a sua feira. Isso diziam as faixas da passeata, um folheto distribuído. Isso já aconteceu na construção da nova basílica, passarela, Avenida Monumental. (Livro do Tombo VI do Santuário Nacional, f.26v)

Apesar dos protestos iniciais, em novembro de 1996 foram iniciadas as obras do novo empreendimento. O projeto não gerou somente protesto por parte de alguns setores, mas também desencadeou ações benéficas ao município, que antes não eram previstas. A Associação Comercial e Industrial

de Aparecida articula os comerciantes da Praça Nossa Senhora Aparecida e arredores e fundam o Movimento Centro Velho de Aparecida com o intuito de revitalizar a área e prepará-la melhor para a nova realidade. Prefeitura e Santuário firmam convênio para acabar com o comércio clandestino nos pátios da Basílica e, em Fevereiro de 1997, lançam um informativo esclarecendo à população sobre as ações que serão desenvolvidas. O informativo ainda esclarece que as ações visam o bem dos romeiros e chama a atenção dizendo,

[...] é dever de todos impedir a vadiagem, a embriaguez, a mendicância, os jogos de azar, a sonegação de impostos, a exploração econômica, a venda de gêneros alimentícios em desacordo com a higiene, a exploração de mão-de-obra infanto-juvenil, e prejuízos à moral coletiva. 'VAMOS EXPLORAR O TURISMO E NÃO O TURISTA'. (Livro do Tombo VIII, f.54v e 55)

As obras do Centro de Apoio sofrem alguns atrasos e imprevistos, mas ganham novo impulso quando passam para administração direta dos padres redentoristas. No dia 09 de maio de 1998 as novas instalações são entregues ao uso tendo sua inauguração oficial a 30 de maio do mesmo ano. Para a inauguração do Centro de Apoio ao Romeiro foi preparado um evento de proporções significativas, contando com grande número de autoridades, dentre elas o então presidente Fernando Henrique Cardoso.

Por ocasião de sua inauguração o Centro de Apoio ao Romeiro contava com uma área total de mais de 46.000m², 312 sanitários, 46 lanchonetes na área de alimentação com capacidade para 1.000 pessoas sentadas e 3.000 em pé, 712 pontos de comércio e 28 quiosques (Jornal O Santuário, n.4864). Em entrevista ao Jornal O Santuário, um dos padres da equipe administrativa

da Basílica ressalta a importância do empreendimento, para o Santuário e para a cidade de Aparecida, e vale notar, enfatiza que o turista terá mais conforto e segurança.

Com o passar do tempo a infra-estrutura do Centro de Apoio ao Romeiro foi reajustada, mas a finalidade permanece a mesma, como se observa no Almanaque Ecos Mariano do ano de 2000, “inaugurado em maio de 1998, oferece várias opções de alimentação e compra. [...] tem o objetivo de ampliar a infra-estrutura turística da cidade para melhor atender os visitantes” (p.25).

Passados onze anos de sua inauguração o Centro de Apoio conta com a seguinte estrutura:

Quadro 1 - Estrutura do Centro de Apoio ao Romeiro

Área Construída - 46.350 m ² ;
Área de Circulação - 8.200 m ² ;
22 lojas na Praça de Alimentação - 14.300 m ² ;
330 lojas de comércio varejista nas quatro asas - 7.200 m ² ;
36 quiosques (Bombonier, Lanches e Lojinha);
01 Farmácia;
01 Fraldário;
200 Sanitários;
44 Bebedouros;
Aquário;
Parque de diversões;
Terminais bancários;
Ponto de Encontro.

Fonte: Santuário Nacional.



Figura 12 – Vista do Centro de Apoio ao Romeiro
Fonte: Arquivo pessoal

No site do Santuário Nacional, ele é apresentado da seguinte forma:

Com ampla Praça de Alimentação, lojas, quiosques e área de lazer, o empreendimento da ASSOCIAÇÃO DE APOIO AO ROMEIRO DE APARECIDA é uma excelente opção também para os moradores das cidades do Vale do Paraíba e para os milhares de viajantes que trafegam pela Rodovia Presidente Dutra. Além da sua Praça de Alimentação e das 330 lojas (nas asas: norte, sul, leste e oeste) o Centro de Apoio tem um espaço de lazer com Aquário e Parque de Diversões, serviços bancários e ambulância, para emergências nos finais de semana. A infra-estrutura de serviços, especialmente criada para proporcionar conforto aos visitantes, oferece fraldário e sanitários para uso gratuito. O empreendimento, em sua filosofia e concepção arquitetônica, é um marco para o comércio da Cidade e do Vale do Paraíba, em virtude de sua característica de primeiro centro comercial organizado, de grande porte, **especialmente idealizado e planejado para atender ao turismo religioso.** (santuaronacional.com, 2007, grifo nosso)

É importante perceber a preocupação existente, desde sua idealização, de que o espaço tem a finalidade de atender as demandas do Turismo Religioso. O Santuário Nacional constantemente tem investido recursos para adequação e criação de infra-estrutura de atendimento turístico em suas dependências.

A diminuição dos cerca de 700 pontos comerciais para as atuais 330 lojas explica-se pela junção dos espaços. No projeto original cada boxe possuía 9m², que foram vendidos separadamente. Com o passar do tempo muitos comerciantes foram comprando espaços vizinhos aos seus e ampliando sua área. Hoje são poucos os pontos comerciais com os 9m² iniciais.

O espaço multiuso ainda não está terminado, mas também sofreu alterações em relação ao projeto inicial. Programado para eventos religiosos e culturais sua estrutura também foi adequada à realização de eventos esportivos, nos parâmetros exigidos pelas respectivas Confederações Nacionais. Sua área construída é de 14.814m², sendo a área coberta de 11.457 m². A chamada área de exposições terá capacidade para acomodar 10.000 usuários sendo totalmente preparada para atendimento de portadores de necessidades espaciais. No pavimento principal terá um auditório, com capacidade para 500 pessoas, e vinte salas de trabalho, todas essas dependências com ar condicionado, rede sem fio, projetores multimídia, tradução simultânea e votação eletrônica. No piso intermediário ficarão os serviços de informação, credenciamento, coffe-break e estar. Além disso, contará com acesso viário independente próximo ao trevo da Rodovia Presidente Dutra.



Figura 13 – Espaço Multiuso
Fonte: Arquivo pessoal

O Santuário Nacional, em sua estrutura administrativa, conta com um Departamento de Eventos responsável em criar e gerir as atividades culturais e de lazer desenvolvidas no Centro de Apoio aos Romeiros. Festival de música, apresentações de cultura regional, exposição de arte, exposição fotográfica, teatro, Happy Hour (shows musicais) e festas, estão entre as atividades organizadas para o entretenimento do visitante.

Para o ano de 2007, contou com a seguinte programação:

Tabela 2: Calendário de eventos do Centro de Apoio ao Romeiro, para o ano de 2007.

Janeiro	
05 - 31	Festival de Música (músicos regionais)
12 - 31	Exposição de Arte
Fevereiro	
08 - 11	Festival de Teatro Popular (grupos regionais)
17 -20	Carnaval – Apresentações musicais
Março	
08 - 11	Comemoração do Dia Internacional da Mulher
Abril	
07	Apresentação Teatral
07 - 08	Comemoração de Páscoa
14	Apresentação de Congadas e Moçambiques
Maio	
01	Dia do Trabalhador
13	Visita do Papa Bento XVI e Dia das Mães
26, 27 e 30	Comemorações de Aniversário do Centro de Apoio ao Romeiro
Junho	
08 - 09	Festa Junina
Julho	
02 - 30	Programação de férias (todos os dias)
Agosto	
11 - 12	Dia dos Pais
Setembro	
Finais de Semana	Festa da Primavera
26	Visita da Imagem de N. S. Aparecida ao Centro de Apoio
Outubro	
03 - 13	Festa da Padroeira – Shows musicais após a novena *

05	Comemoração do Dia da Criança
Novembro	
Finais de Semana	Happy Hour (shows musicais)
Dezembro	
08	Chegada do Papai Noel
15	Apresentação Teatral
25 – 31	Shows Musicais

Fonte: Departamento de Eventos do Centro de Apoio ao Romeiro.

Tabela 3: * Programação específica para os dias da novena

03/10 Levi e Tereza	04/10 Banda Chapéu Brasil	05/10 Januari Bastos
06/10 Seu Jorge do Rastapé	07/10 Banda Dallas	08/10 Banda 8 Segundos
09/10 Banda Gugles	10/10 Fábio Satim e Luciana	11/10 Luciano Nassyn

Fonte: Departamento de Eventos do Centro de Apoio ao Romeiro.

2.2.4 “Centro de Hotelaria”

Dando continuidade em sua proposta de atender bem e oferecer serviços de qualidade ao visitante, o Santuário Nacional abre uma nova frente com a implantação de infra-estrutura para hospedagem. O projeto, que está em fase de implantação, ocupará uma área total de 105.000 m² que não está intramuros do Santuário.



Figura 14 – Espaço para infra-estrutura de hospedagem
Fonte: Arquivo pessoal

Na primeira fase serão construídos três hotéis perfazendo um total de seiscentas unidades habitacionais correspondendo ao padrão três estrelas. Restaurantes, área de convívio, salas de reunião, auditórios e capela também serão construídos no novo complexo.



Figura 15 – Croqui do “centro de hotelaria”
 Fonte: Arquivo pessoal

O primeiro hotel já está em fase de construção e tem sua inauguração prevista para fevereiro de 2010.



Figura 16 – Vista do Hotel em Construção no “Centro de Hotelaria”
 Fonte: Arquivo pessoal

Das “casas da santa” ao “centro de hotelaria” observa-se todo o trabalho no desenvolvimento de uma infra-estrutura de acolhimento ao

visitante. A cada tempo as mudanças respondem as necessidades específicas e o Santuário Nacional tem investido na reformulação e implantação de uma infra-estrutura de acolhida e suporte turístico.

CAPÍTULO 3

3. O FLUXO DE VISITANTES

3.1 Os primeiros registros

O fluxo de visitantes é crescente desde sua origem. A mudança das instalações da igreja do Porto do Itaguaçu para o Morro dos Coqueiros e posteriormente para o Morro das Pitas, já é indicativo significativo deste crescimento. Brustoloni (1998) faz menção a dois documentos do século XVIII (Livro Tombo da Paróquia de Guaratinguetá e Ânua dos Padres Jesuítas) onde há indicação de que os visitantes tem origem de diversas partes e, para o século XIX, menciona as 'Atas da Mesa Administrativa' concluindo que, "Um indicador indireto do maior ou menor fluxo de peregrinos é a ata de abertura do cofre, nas quais se anotavam as quantias quinzenais depositadas." (p.84). Viajantes estrangeiros de passagem pelo Vale do Paraíba destacavam que muitos dos visitantes vinham de Minas Gerais, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo entre outros lugares.

Registros numéricos começam a ser mencionados após a chegada dos padres Redentoristas. Em correspondência de 1895, Pe. Lorenço escreve, "Os romeiros, conforme um jornal do lugar, chegam a 150.000 por ano. – A maior parte dos romeiros vêm de trem, mas no tempo seco, de abril a

novembro, vêm muitas caravanas com 15 até 30 cavalos, burros e cargueiros” (apud BRUSTOLONI, 1998, p.87). Durante muitos anos os registros serão somente os dos serviços religiosos oferecidos.

Os padres Redentoristas possuíam larga experiência no trabalho com santuários na Alemanha e, chegando a Aparecida, reorganizaram as atividades locais. Dos registros arquivados no Centro de Documentação e Memória do Santuário (CDM), observa-se a mudança ocorrida no volume de atendimento pelo número de sacramentos ministrados. Em 1894, ano da chegada dos Redentoristas, as comunhões permaneciam ao redor de 100 e dois anos depois ultrapassavam a casa das 10.000 comunhões anuais. Somente na segunda metade século XX é que a contagem dos visitantes será feita de forma mais sistemática.

Entre os fatores que influenciaram no fluxo de visitantes em Aparecida estão, sem dúvida, as condições de transportes existentes em cada período. Durante o século XVIII e boa parte do XIX chegava-se a pé ou em lombo de animal numa viagem que durava dias e estava sujeita a muitos imprevistos. Em julho de 1877 os trilhos da estrada de ferro Central do Brasil chegam a Aparecida e é inaugurada sua estação. O uso de animais e as romarias a pé não deixaram de existir, mas o transporte ferroviário será utilizado em larga escala. Com a nova organização estabelecida no Santuário iniciam-se, em 1900, as ‘romarias programadas’, organizadas oficialmente pela Igreja (WERNET, 1977) que se utilizará de comboios especiais fornecidos pela Central do Brasil. O uso do trem para esses eventos se prolonga, oficialmente, até 1954 (BRUSTOLONI, 1998). Após 1920, paralelamente ao uso do trem, tem início a utilização de automóveis, caminhões, jardineiras e ônibus que serão predominantes com a sucessiva melhoria da malha viária na região. A predominância do tipo de transporte foi alterada no decorrer do

tempo e se alguns desapareceram por completo, como o trem², o caminhão e a jardineira, outros foram ressignificados e continuam a existir e pode-se ainda encontrar grupos que se utilizam de animais e os que ainda cumprem a viagem a pé.

3.2 De Agosto/1956 a Julho/1962

Nos arquivos do Centro de Documentação e Memória encontram-se os livros de 'Registro de romarias e graças' que contabilizam dados de Agosto de 1956 até julho de 1962. Os livros indicam o cadastro das romarias informando o dia mês e ano da viagem, cidade e Estado de origem, número de participantes, quantidade e tipo do transporte utilizado e o responsável pela viagem. Apesar dos números indicarem somente os grupos de visitantes que tomaram a iniciativa de efetuar seu cadastro, deixando de fora os que chegam individualmente ou não organizados oficialmente pela Igreja, estes dão uma noção da dimensão do fluxo de visitantes do período.

Na tabela a seguir observa-se a movimentação registrada no Santuário nacional para o período de agosto de 1956 a julho de 1962.

² Atualmente existe um projeto do Governo do Estado de São Paulo para a implantação do "Trem do Romeiro" saindo da Estação da Luz, na capital paulista, e indo até a cidade de Aparecida. O Santuário Nacional e a Prefeitura de Aparecida estão despendendo esforços para a inclusão de uma estação sazonal do TVA (Trem de Alta Velocidade). A proposta é que a estação funcionaria, a princípio, nos finais de semana.(www.aparecida.gov.sp.br/turismo)

Tabela 4: Fluxo de visitantes de agosto de 1956 a julho de 1962

	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962
Janeiro		85.645	53.527	78.103	100.603	68.445	67.811
Fevereiro		85.757	38.521	48.554	62.815	48.399	38.585
Março		50.478	38.175	74.041	56.645	46.940	42.140
Abril		158.720	61.813	75.823	98.681	75.521	115.171
Mai		163.702	84.532	112.071	119.224	111.888	184.487
Junho		196.536	102.272	113.964	80.744	75.303	97.259
Julho		267.114	120.293	155.283	152.857	124.136	169.207
Agosto	18.898	304.286	139.702	136.840	148.413	110.857	
Setembro	53.160	423.631	186.764	193.692	153.352	142.796	
Outubro	57.778	312.420	163.370	164.331	131.145	119.771	
Novembro	43.555	215.661	218.047	107.319	88.126	70.432	
Dezembro	53.776	130.957	137.474	102.835	68.793	66.717	
Total	227.167	2.394.907	1.344.490	1.362.856	1.261.398	1.061.205	714.660

Fonte: Livro de Registro de Romaria e de Graças. Arquivos do Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida

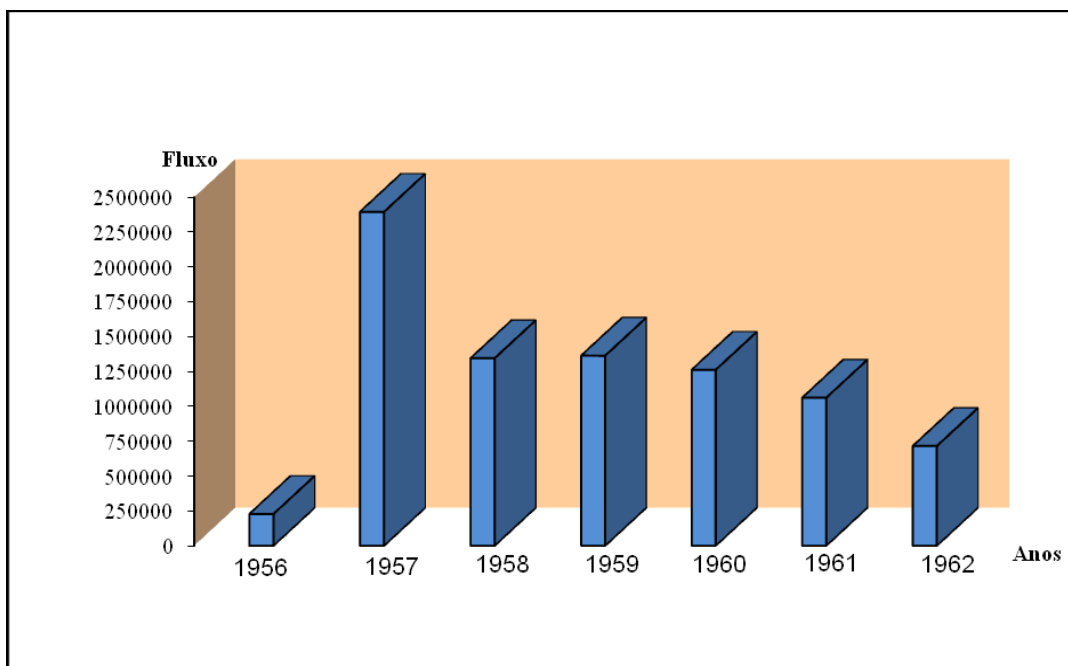


Gráfico 1 - Fluxo de visitantes de agosto de 1956 a julho de 1962

Excetuando os anos de 1956 e 1962, que estão incompletos, nos livros de registros não é relatada nenhuma explicação para as diferenças que ocorrem de ano para ano. É interessante observar que neste período, tomados os anos completos, tem-se um decréscimo no fluxo de visitantes. No período que vai de agosto de 1962 até dezembro de 1967 não foram encontrados registros sobre o fluxo de visitantes.

3.3 De 1968 a 2008

Do ano de 1968 até o ano de 2008 os registros sobre fluxo de visitantes são ininterruptos, o que permite uma análise mais detalhada. O controle deste fluxo é feito com base na contagem dos veículos, sendo que no mês de janeiro de 2000 começa a cobrança do estacionamento nos pátios da Basílica Nova, o que favoreceu um maior controle sobre o fluxo nas dependências do Santuário. Além da contagem efetuada pelo serviço de estacionamento, o Santuário faz o controle nos principais bolsões de estacionamento da cidade. Não entram nas estatísticas os visitantes que chegam por ônibus de linha, a pé, bicicleta, moto e a cavalo, salvo grupos organizados.

Na tabela e gráfico abaixo se observa o volume total de visitantes entre os anos de 1968 e 2008. Excetuando-se pequenas oscilações em alguns anos, o fluxo pode ser considerado crescente a uma taxa média de 7,53% ao ano e com um crescimento total de 952,51%, se comparado os anos de 1968 e 2008.

Tabela 5: Fluxo de visitantes dos anos de 1968 a 2009

	Anos	Total de Visitantes		Anos	Total de Visitantes
01	1968	903.353	22	1989	4.875.100
02	1969	1.009.955	23	1990	2.951.000
03	1970	1.087.285	24	1991	5.254.000
04	1971	1.171.060	25	1992	5.413.300
05	1972	1.548.435	26	1993	6.230.500
06	1973	1.667.140	27	1994	6.546.800
07	1974	1.763.175	28	1995	6.339.400
08	1975	1.944.730	29	1996	5.336.000
09	1976	2.111.970	30	1997	6.201.000
10	1977	2.208.030	31	1998	6.924.400
11	1978	2.982.000	32	1999	6.634.159
12	1979	3.041.000	33	2000	6.454.154
13	1980	3.166.000	34	2001	6.514.583
14	1981	3.164.000	35	2002	7.334.460
15	1982	3.213.000	36	2003	7.003.778
16	1983	2.812.000	37	2004	7.841.474
17	1984	3.867.800	38	2005	8.197.691
18	1985	4.930.000	39	2006	8.109.610
19	1986	4.930.900	40	2007	8.511.733
20	1987	3.950.900	41	2008	9.507.887
21	1988	4.177.900	42	2009	

Fonte: Arquivos do Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida

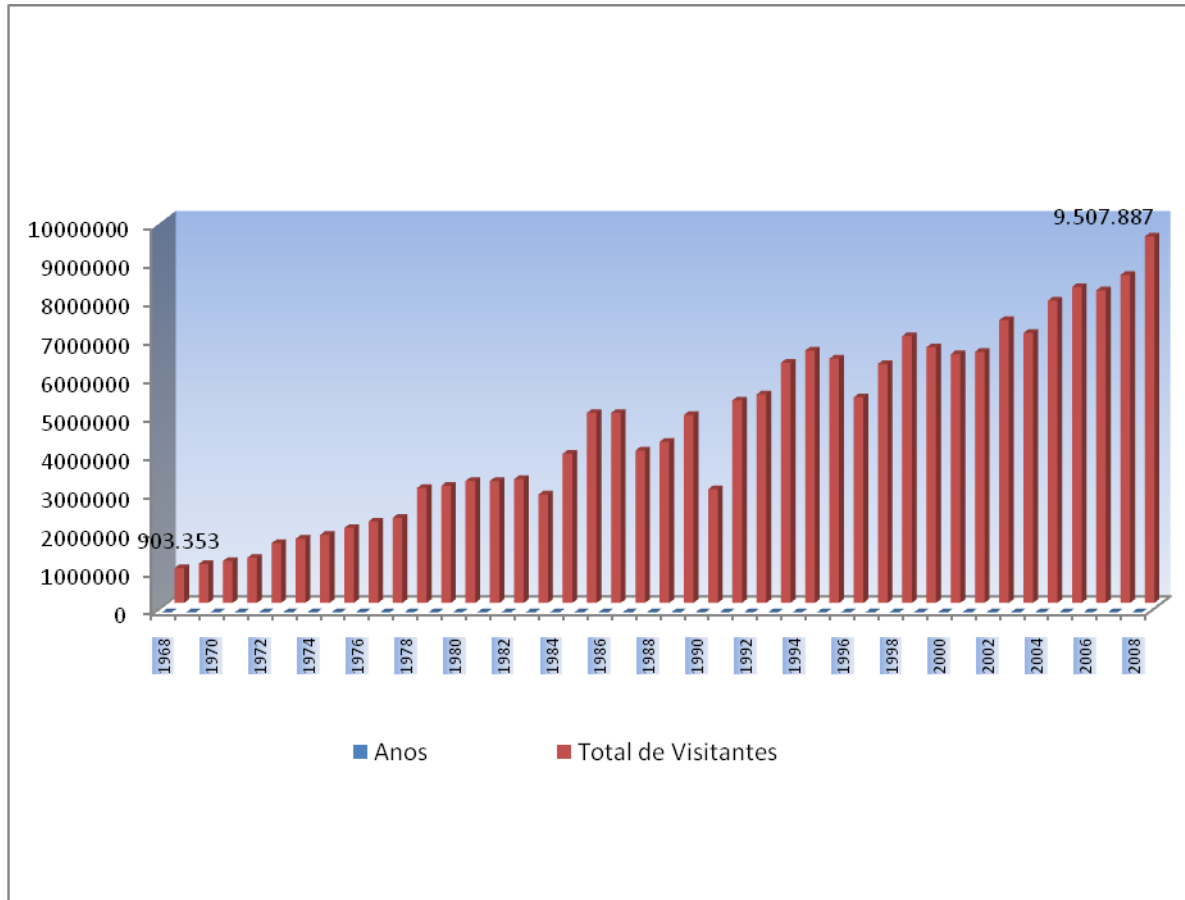


Gráfico 2 - Fluxo de visitantes 1968-2008

3.4 Comparando os números

Os números apresentados ganham maior representatividade se os comparar a outros conjuntos. Vejam-se alguns dados sobre a população brasileira. Para padronizar o período iremos trabalhar-se-á com os anos 1980 a 2008.

População brasileira

Segundo os dados do IBGE a população brasileira, no ano de 1980, atingia o número de 119.011.052 milhões de habitantes e passa em 2008 para **187.885.996 milhões**.

Anos	Brasil
1980	119.011.052
1981	124.340.289
1982	127.065.457
1983	129.774.285
1984	132.457.926
1985	135.105.916
1986	137.709.651
1987	140.263.693
1988	142.763.545
1989	145.206.942
1990	147.593.859
1991	146.825.475
1992	152.226.988
1993	154.512.692
1994	156.775.230

Anos	Brasil
1995	159.016.334
1996	157.070.163
1997	163.470.521
1998	165.687.517
1999	167.909.738
2000	169.799.170
2001	172.385.826
2002	174.632.960
2003	176.876.443
2004	179.113.540
2005	181.341.499
2006	183.554.255
2007	185.738.317
2008	187.885.996

Tabela 6:
População do
Brasil de 1980 a
2008

Fonte: IBGE

Isso significa um crescimento de 63,34% total e perfazendo uma média de crescimento com taxa média de 1,65% ao ano.

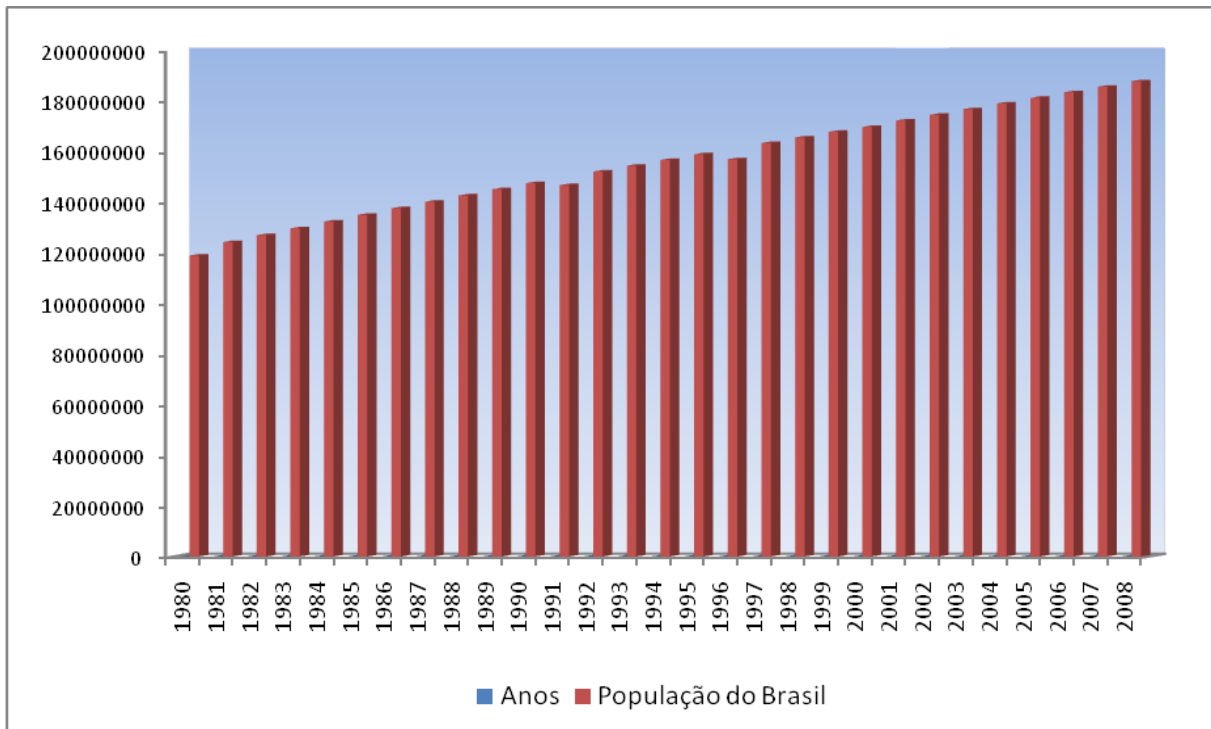


Gráfico 3 – População Brasil de 1980 a 2008

Fonte: IBGE

População Católica

No mesmo período, 1980 a 2008, o número de católicos cresce 75,16% a uma taxa média de 0,93% ao ano.

Tabela 7: Número de Católicos no Brasil

Anos	Católicos BR.	Anos	Católicos BR.
1980	105.919.836	1995	<i>125.622.903</i>
1981	<i>110.041.155</i>	1996	<i>122.514.727</i>

1982	111.817.602	1997	125.872.301
1983	113.552.499	1998	125.922.512
1984	115.238.395	1999	125.932.303
1985	116.866.617	2000	125.141.988
1986	118.430.299	2001	129.289.369
1987	119.925.457	2002	130.974.720
1988	121.349.013	2003	132.657.332
1989	122.699.865	2004	134.335.155
1990	123.978.841	2005	136.006.124
1991	122.305.620	2006	137.665.691
1992	124.826.130	2007	139.303.737
1993	125.155.280	2008	140.914.497
1994	125.420.184		

Fonte: IBGE

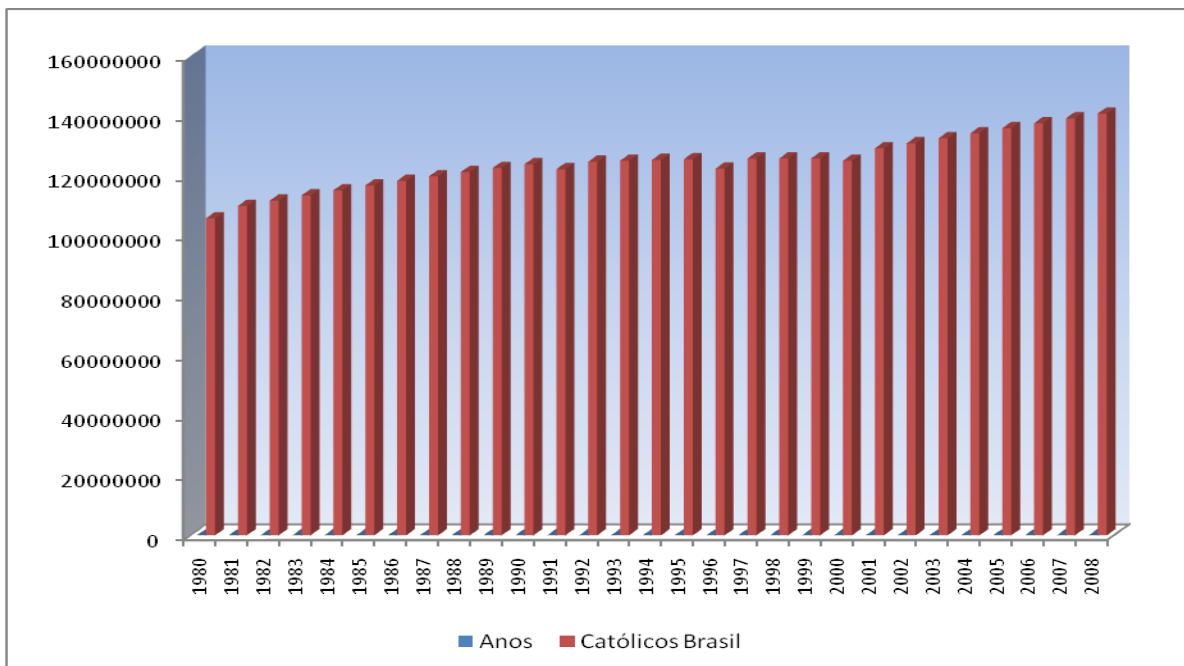


Gráfico 4 – Católicos no Brasil

Fonte: IBGE

Visitantes de Aparecida.

Entre os anos de 1980 e 2008 o crescimento do número de visitantes tem uma alta de 350,51% a uma taxa média de 6,75% ao ano.

Tabela 8: Visitantes de Aparecida

	Anos	V. Aparecida		Anos	V. Aparecida
1	1980	2.712.530	16	1995	6.339.400
2	1981	2.714.580	17	1996	5.336.000
3	1982	2.787.430	18	1997	6.201.000
4	1983	2.425.970	19	1998	6.924.400
5	1984	2.816.000	20	1999	6.634.159
6	1985	2.841.000	21	2000	6.454.154
7	1986	4.930.900	22	2001	6.514.583
8	1987	3.950.900	23	2002	7.334.460
9	1988	4.177.900	24	2003	7.003.778
10	1989	4.875.100	25	2004	7.841.474
11	1990	<u>2.951.000</u>	26	2005	8.197.691
12	1991	5.254.000	27	2006	8.109.610
13	1992	5.413.300	28	2007	8.511.733
14	1993	6.230.500	29	2008	9.507.887
15	1994	6.546.800			

Fonte: Santuário Nacional de Aparecida

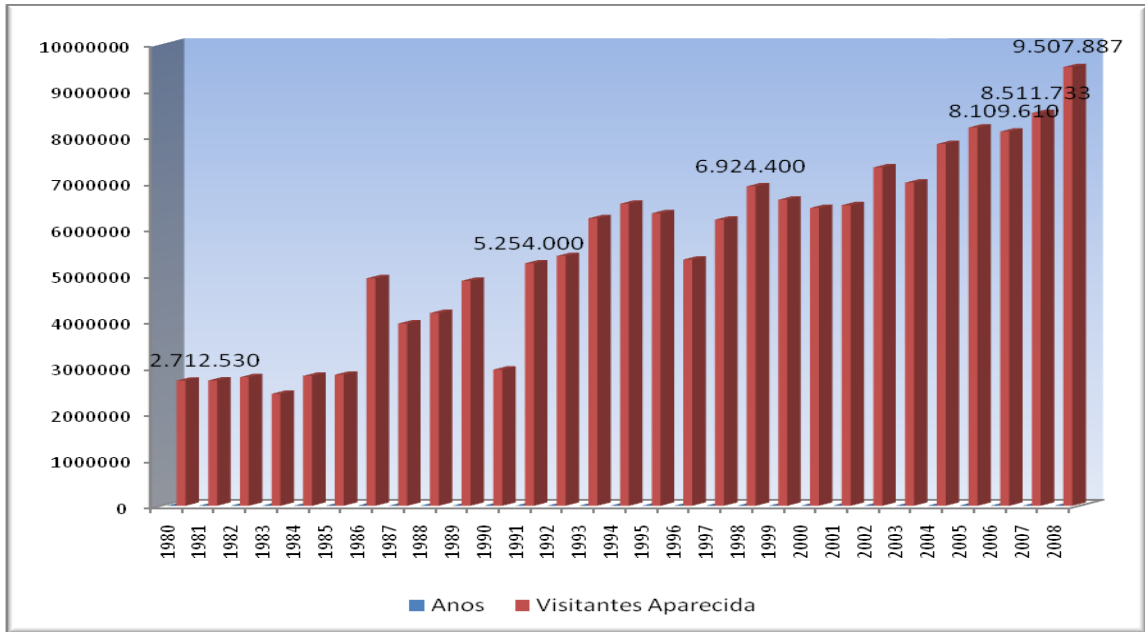


Gráfico 5 – Visitantes de Aparecida

Fonte: Santuário Nacional de Aparecida

Na tabela seguinte pode-se observar o comparativo do crescimento do número de católicos em relação a população brasileira.

Tabela 9: Comparativo entre população geral e número de católicos

	Anos	Brasil	Católicos BR.
1	1980	119.011.052	105.919.836
2	1981	124.340.289	110.041.155
3	1982	127.065.457	111.817.602
4	1983	129.774.285	113.552.499
5	1984	132.457.926	115.238.395
6	1985	135.105.916	116.866.617
7	1986	137.709.651	118.430.299
8	1987	140.263.693	119.925.457
16	1995	159.016.334	125.622.903
17	1996	157.070.163	122.514.727
18	1997	163.470.521	125.872.301
19	1998	165.687.517	125.922.512
20	1999	167.909.738	125.932.303
21	2000	169.799.170	125.141.988
22	2001	172.385.826	129.289.369
23	2002	174.632.960	130.974.720

9	1988	142.763.545	121.349.013
10	1989	145.206.942	122.699.865
11	1990	147.593.859	123.978.841
12	1991	146.825.475	122.305.620
13	1992	152.226.988	124.826.130
14	1993	154.512.692	125.155.280
15	1994	156.775.230	125.420.184

24	2003	176.876.443	132.657.332
25	2004	179.113.540	134.335.155
26	2005	181.341.499	136.006.124
27	2006	183.554.255	137.665.691
28	2007	185.738.317	139.303.737
29	2008	187.885.996	140.914.497

Fonte: IBGE

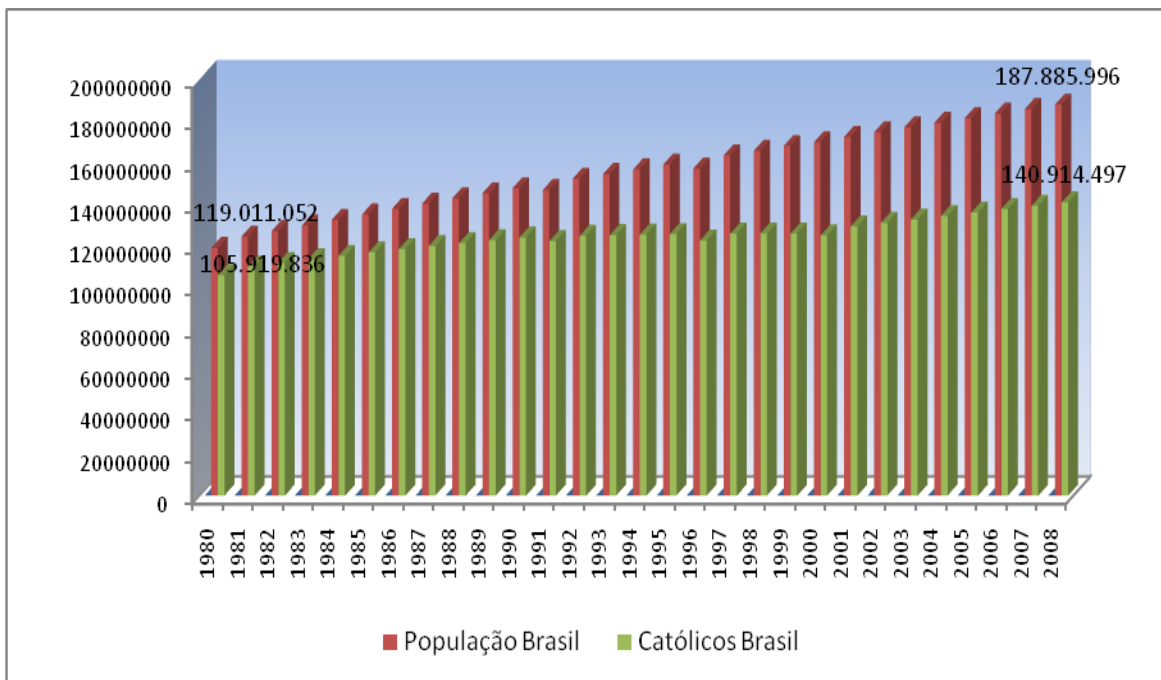


Gráfico 6 – Comparativo entre população geral e número de católicos

Fonte: IBGE

No gráfico anterior observou-se que o crescimento no número de católicos é proporcionalmente menor que o crescimento populacional. Na tabela abaixo pode-se observar que se em 1980 a proporção de católicos em

relação a população geral é de 89%. Ela vai decrescendo até a taxa de 73,70% no ano de 2000. A taxa média de 75% (2000 a 2008) é adotada, de modo geral, pelos institutos de pesquisas.³

Tabela 10: Porcentagem de católicos sobre população geral

	Anos	% de cat.		Anos	% de cat.
1	1980	89,00%	16	1995	79,00%
2	1981	88,50%	17	1996	78,00%
3	1982	88,00%	18	1997	77,00%
4	1983	87,50%	19	1998	76,00%
5	1984	87,00%	20	1999	75,00%
6	1985	86,50%	21	2000	73,70%
7	1986	86,00%	22	2001	75,00%
8	1987	85,50%	23	2002	75,00%
9	1988	85,00%	24	2003	75,00%
10	1989	84,50%	25	2004	75,00%
11	1990	84,00%	26	2005	75,00%
12	1991	83,30%	27	2006	75,00%
13	1992	82,00%	28	2007	75,00%
14	1993	81,00%	29	2008	75,00%
15	1994	80,00%			

Fonte: IBGE

³ No ano de 2007, por ocasião da visita do Papa Bento XVI ao Brasil, o Data Folha apontou a taxa de 64% para a relação entre católicos e população geral.

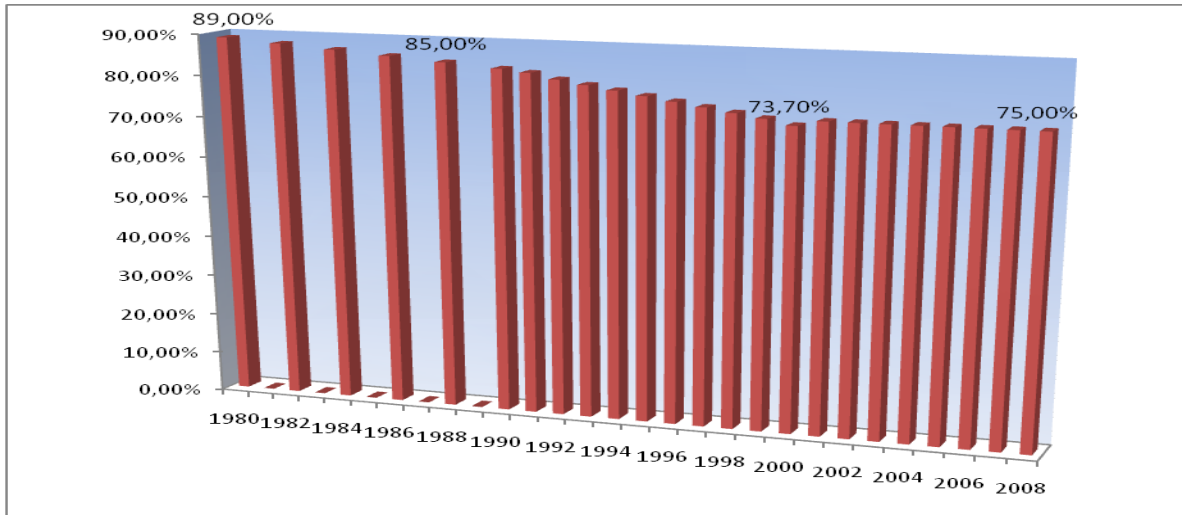


Gráfico 7 – Porcentagem de católicos sobre população geral

Fonte: IBGE

A tabela e gráfico a seguir reúnem, de forma comparativa, os números absolutos do crescimento populacional, do número de católicos e do fluxo de visitantes de Aparecida.

Tabela 11: Comparativo população brasileira, número de católicos e número de visitantes de Aparecida

	Anos	Brasil	Católicos BR.	V. Aparecida
01	1980	119.011.052	105.919.836	2.712.530
02	1981	124.340.289	110.041.155	2.714.580
03	1982	127.065.457	111.817.602	2.787.430
04	1983	129.774.285	113.552.499	2.425.970
05	1984	132.457.926	115.238.395	2.816.000
06	1985	135.105.916	116.866.617	2.841.000
07	1986	137.709.651	118.430.299	4.930.900
08	1987	140.263.693	119.925.457	3.950.900
09	1988	142.763.545	121.349.013	4.177.900

10	1989	<i>145.206.942</i>	<i>122.699.865</i>	4.875.100
11	1990	<i>147.593.859</i>	<i>123.978.841</i>	<u>2.951.000</u>
12	1991	146.825.475	122.305.620	5.254.000
13	1992	<i>152.226.988</i>	<i>124.826.130</i>	5.413.300
14	1993	<i>154.512.692</i>	<i>125.155.280</i>	6.230.500
15	1994	<i>156.775.230</i>	<i>125.420.184</i>	6.546.800
16	1995	<i>159.016.334</i>	<i>125.622.903</i>	6.339.400
17	1996	157.070.163	<i>122.514.727</i>	5.336.000
18	1997	<i>163.470.521</i>	<i>125.872.301</i>	6.201.000
19	1998	<i>165.687.517</i>	<i>125.922.512</i>	6.924.400
20	1999	<i>167.909.738</i>	<i>125.932.303</i>	6.634.159
21	2000	169.799.170	125.141.988	6.454.154
22	2001	<i>172.385.826</i>	<i>129.289.369</i>	6.514.583
23	2002	<i>174.632.960</i>	<i>130.974.720</i>	7.334.460
24	2003	<i>176.876.443</i>	<i>132.657.332</i>	7.003.778
25	2004	<i>179.113.540</i>	<i>134.335.155</i>	7.841.474
26	2005	<i>181.341.499</i>	<i>136.006.124</i>	8.197.691
27	2006	<i>183.554.255</i>	<i>137.665.691</i>	8.109.610
28	2007	<i>185.738.317</i>	<i>139.303.737</i>	8.511.733
29	2008	<i>187.885.996</i>	<i>140.914.497</i>	9.507.887

Fonte: IBGE e Santuário Nacional de Aparecida.

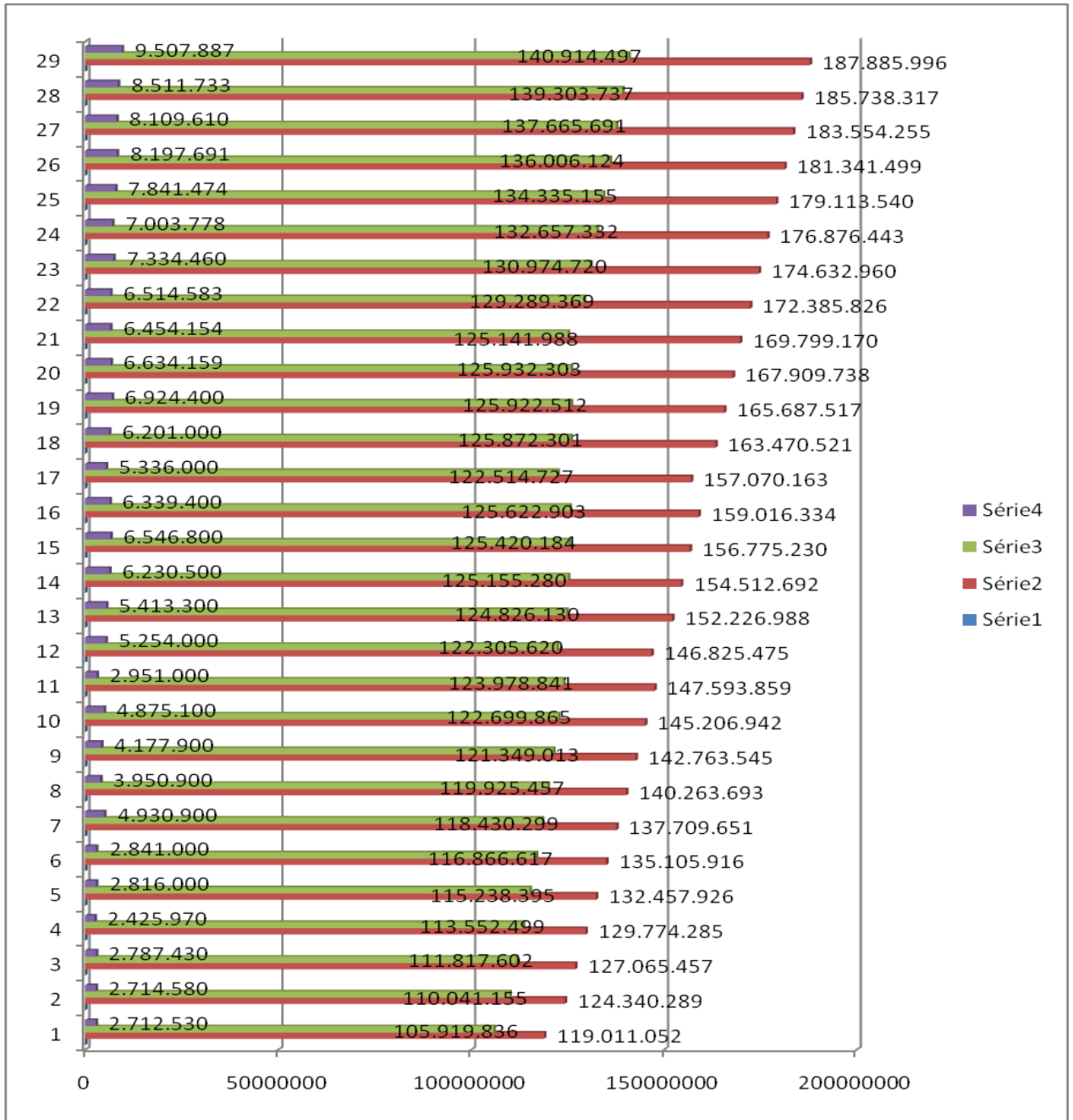


Gráfico 8 – Comparativo população brasileira, número de católicos e número de visitantes de Aparecida

Fonte: IBGE e Santuário Nacional de Aparecida

Na tabela abaixo observa-se novamente os dados comparativos entre população geral, católicos e visitantes. Destacou-se ao lado de cada número absoluto a porcentagem de crescimento, ano a ano, de cada um dos setores analisados.

Tabela 12: Comparativo da população geral, do número de católicos e número de visitantes

Anos	Brasil				Santuário			
	Brasil	% cres.	Católicos BR.	% de cat.	V. Aparecida	% cres.	% pop. BR	% pop. Cat.
1980	119.011.052		105.919.836	89,00%	2.712.530		2,28%	2,56%
1981	124.340.289	4,48	110.041.155	88,50%	2.714.580	0,08%	2,19%	2,46%
1982	127.065.457	2,19	111.817.602	88,00%	2.787.430	2,68%	2,19%	2,49%
1983	129.774.285	2,13	113.552.499	87,50%	2.425.970	-12,97%	1,87%	2,13%
1984	132.457.926	2,07	115.238.395	87,00%	2.816.000	16,08%	2,12%	2,44%
1985	135.105.916	2,00	116.866.617	86,50%	2.841.000	0,89%	2,10%	2,43%
1986	137.709.651	1,93	118.430.299	86,00%	4.930.900	73,56%	3,58%	4,16%
1987	140.263.693	1,85	119.925.457	85,50%	3.950.900	-19,87%	2,81%	3,30%
1988	142.763.545	1,78	121.349.013	85,00%	4.177.900	5,75%	2,92%	3,44%
1989	145.206.942	1,71	122.699.865	84,50%	4.875.100	16,69%	3,35%	3,97%
1990	147.593.859	1,64	123.978.841	84,00%	2.951.000	-39,47%	2,00%	2,38%
1991	146.825.475	-0,52	122.305.620	83,30%	5.254.000	78,04%	3,58%	4,30%
1992	152.226.988	3,68	124.826.130	82,00%	5.413.300	3,03%	3,55%	4,33%
1993	154.512.692	1,50	125.155.280	81,00%	6.230.500	15,10%	4,03%	4,98%
1994	156.775.230	1,46	125.420.184	80,00%	6.546.800	5,08%	4,17%	5,22%
1995	159.016.334	1,43	125.622.903	79,00%	6.339.400	-3,17%	3,99%	5,04%
1996	157.070.163	-1,22	122.514.727	78,00%	5.336.000	-15,83%	3,40%	4,35%
1997	163.470.521	4,07	125.872.301	77,00%	6.201.000	16,21%	3,80%	4,92%
1998	165.687.517	1,36	125.922.512	76,00%	6.924.400	11,67%	4,20%	5,50%
1999	167.909.738	1,34	125.932.303	75,00%	6.634.159	-4,19%	3,95%	5,26%
2000	169.799.170	1,13	125.141.988	73,70%	6.454.154	-2,71%	3,80%	5,16%
2001	172.385.826	1,52	129.289.369	75,00%	6.514.583	0,94%	3,78%	5,03%
2002	174.632.960	1,30	130.974.720	75,00%	7.334.460	12,59%	4,20%	5,60%
2003	176.876.443	1,28	132.657.332	75,00%	7.003.778	-4,51%	3,96%	5,27%

2004	179.113.540	1,26	134.335.155	75,00%	7.841.474	11,96%	4,38%	5,83%
2005	181.341.499	1,24	136.006.124	75,00%	8.197.691	4,54%	4,52%	6,02%
2006	183.554.255	1,22	137.665.691	75,00%	8.109.610	-1,07%	4,41%	5,90%
2007	185.738.317	1,19	139.303.737	75,00%	8.511.733	4,95%	4,58%	6,11%
2008	187.885.996	1,16	140.914.497	75,00%	9.507.887	11,70%	5,06%	6,74%

Fontes: População Brasil e número de católicos – IBGE; Fluxo Aparecida – CDM Santuário Nacional

Uma primeira observação é quando se toma isoladamente o número de visitantes entre os anos de 1968 e 2008. Observa-se que o crescimento total atinge a marca de 952,51% no aumento do fluxo neste período de 40 anos e mantém uma taxa média anual de 7,53%. Tais números colocam a cidade de Aparecida como um dos destinos turísticos com maior crescimento.

Para realizar os comparativos entre população geral, número de católicos e fluxo de visitantes restringiu-se os números ao período de 1980 e 2008. O corte cronológico se justifica pelo fato de no início da década de 80 o Santuário transferir oficialmente suas atividades para as novas instalações.

Resumindo as informações, detalhadas anteriormente, observa-se o seguinte quadro:

Quadro 2 - Comparativo entre crescimento da população brasileira, de católicos e de visitantes de Aparecida entre 1980 e 2008

- Crescimento médio da população BR de 1980 a 2008 = 1,65% ao ano
- Crescimento total da população BR de 1980 a 2008 = 63,34%
- Crescimento médio de católicos de 1980 a 2008 = 0,93% ao ano

- Crescimento total de católicos de 1980 a 2008 = 75,16%
- Crescimento médio de visitantes de 1980 a 2008 = 6,75% ao ano
- Crescimento total de visitantes de 1980 a 2008 = 350,51%

Importante salientar que o crescimento no fluxo de visitantes tem um índice bem superior ao crescimento populacional e muito mais se comparado ao crescimento do número de católicos no país.

Outro dado a observar é o movimento registrado na tabela 09. Nas colunas 1 e 2 tem-se o crescimento da população brasileira em números absolutos e com a respectiva taxa de crescimento ano a ano. Nas colunas 3 e 4 apresenta-se o crescimento absoluto do número de católicos e sua proporção em relação a população geral. As quatro últimas colunas apresentem, respectivamente, o número absoluto de visitantes, o percentual de crescimento (ou não), o percentual de visitantes em relação a população brasileira e o percentual de visitantes sobre o número de católicos todos demonstrados ano a ano.

Como observa-se o número de católicos, apesar de crescer de forma absoluta, se apresenta numa proporção em queda em relação ao número total de habitantes. No mesmo período o número de visitantes cresce proporcionalmente se comparado ao número de habitantes e mais ainda quando comparado ao número de católicos. Considerando-se a queda na proporção entre católicos e habitantes, a proporção entre católicos e visitantes torna-se ainda mais significativa, pois, proporcionalmente, tem-se uma diminuição dos católicos e um crescimento no número de visitantes à Aparecida.

3.5 Perfil do visitante

Para estabelecer o perfil do visitante não se dispõe de informações suficientes e com um escopo significativo para aferir os resultados estatísticos, trabalhando-se apenas para amostragem, com duas pesquisas existentes nos arquivos pesquisados. A primeira delas é de 1997 e foi realizada pelo DATAVALE por encomenda do Santuário Nacional. A segunda pesquisa foi realizada em 2007 pelo SEBRAE/SP para subsidiar os trabalhos do Circuito Religioso do Vale do Paraíba. Ambas possuem suas limitações metodológicas e não abrangem o ciclo anual de visitação ao santuário.

Das pesquisas existentes serão tomados apenas os itens que são comuns aos dois levantamentos, ou seja: Gênero, Local de Origem, Idade, Estado Civil, Nível Econômico, Freqüência da Visita e Meio de Transporte.

Gênero:

Nas pesquisas de 1997 e 2007 não ocorre uma mudança substancial na divisão de gênero entre os visitantes. Permanece um ligeiro predomínio das mulheres.

Ano	Masculino	Feminino
1997	42,6	57,4
2007	48	52

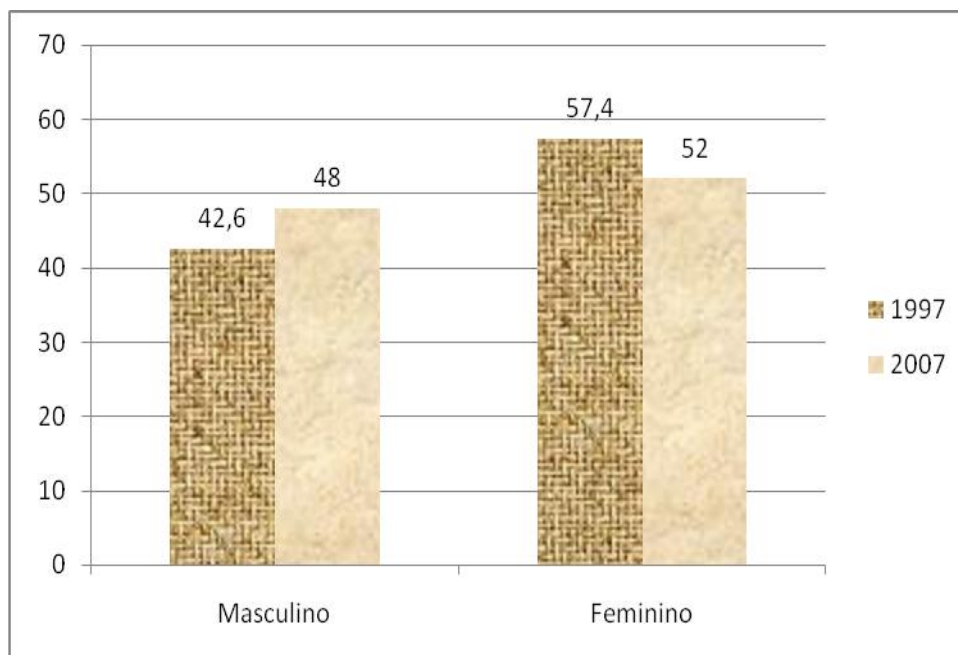


Gráfico 9 – Gênero dos visitantes de Aparecida nos anos de 1997 e 2007

Fonte: SEBRAE e DATAVALE

Região de Origem:

A região Sudeste continua a ser o grande polo emissor do fluxo de visitantes de Aparecida. Não podemos deixar de considerar que, embora tímido, ocorre um crescimento no conjunto das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e um declínio no fluxo da região Sul.

Ano	Sudeste	Sul	Outras
1997	94,7	4,2	1,1
2007	95,4	2,7	1,9

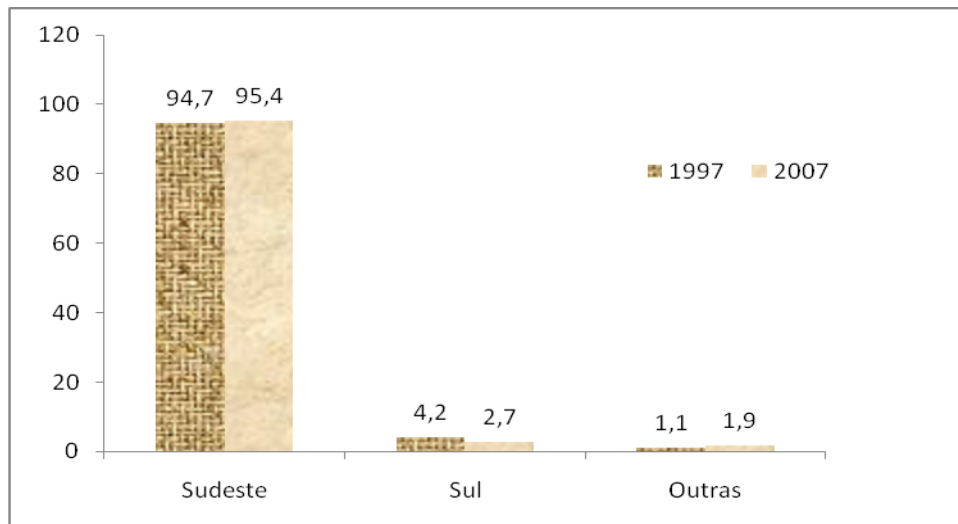


Gráfico 10 – Região de origem dos visitantes de Aparecida nos anos de 1997 e 2007

Fonte: SEBRAE e DATAVALE

Faixa etária:

Para definição de faixa etária as duas pesquisas trabalham com critérios um pouco diferentes mas, de maneira geral, observa-se que a maioria do público é dividida entre jovens e adultos.

1997			
14 a 20	21 a 35	36 a 50	mais 50
10,2	33,9	41,5	14,4

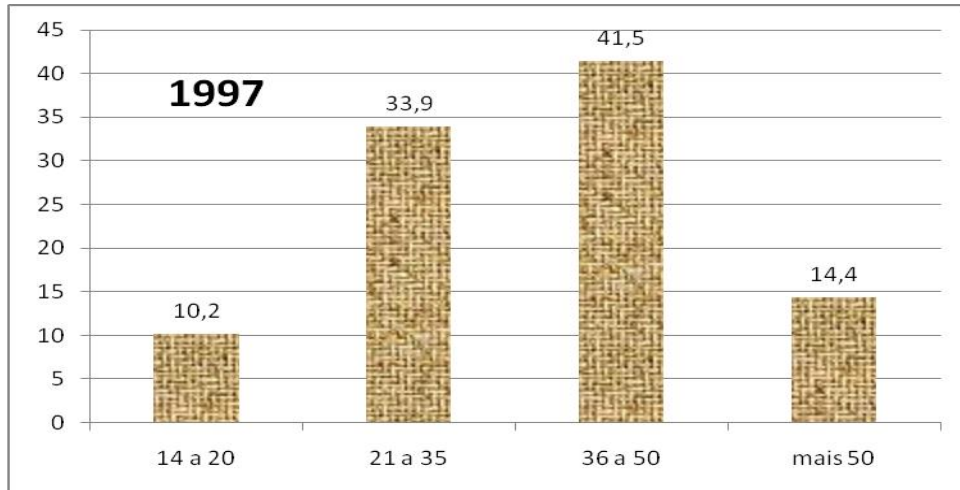


Gráfico 11 – Faixa etária dos visitantes de Aparecida no ano de 1997

Fonte: DATAVALE

2007				
18 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	mais 59
34	19	19	16	12

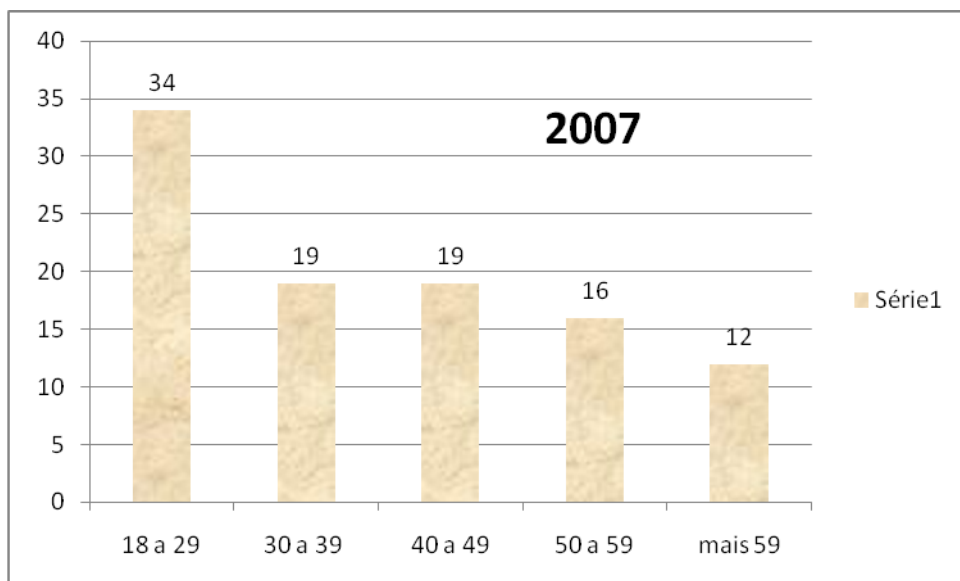


Gráfico 12 – Faixa etária dos visitantes de Aparecida no ano de 2007

Fonte: SEBRAE

Estado Civil:

O estado civil praticamente não se altera entre uma pesquisa e outra.

Estado Civil

		Solteiro	Casado	Viuvo	Outros
	1997	35,5	54,5	4	6
	2007	35	50	7	8

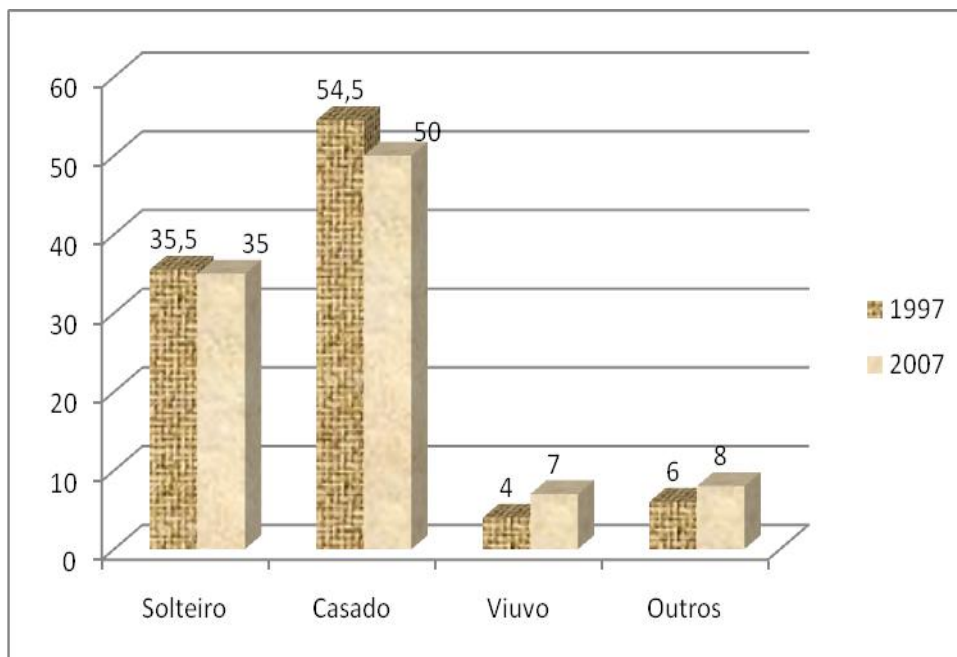


Gráfico 13 – Estado Civil dos visitantes de Aparecida nos anos de 1997 e 2007

Fonte: DATAVALE e SEBRAE

Nível Econômico:

A pesquisa de 1997 utiliza o critério de divisão da amostragem em classe social e aponta uma concentração na classe C. No levantamento de 2007 foi utilizado o parâmetro de renda média mensal e indica uma concentração na faixa de R\$ 960,00 (2,5 salários mínimos da época). A diferença nos critérios não nos possibilita uma comparação clara dos dois períodos e aponta apenas para uma tendência entre o nível médio para médio baixo.

1997 - Classe Social

A	B	C	D	E
1,1	16,9	46,8	27,7	7,5

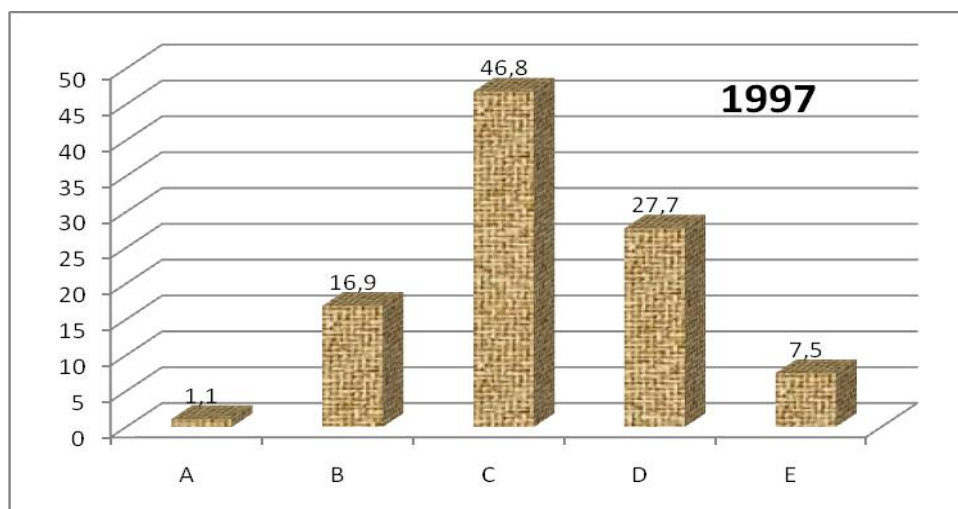


Gráfico 14 – Classe Social dos visitantes de Aparecida no ano de 1997

Fonte: DATAVALE

2007 - Renda média mensal

Até 960,00	960,00 a 3.500,00	mais 3.500,00
70	27	3

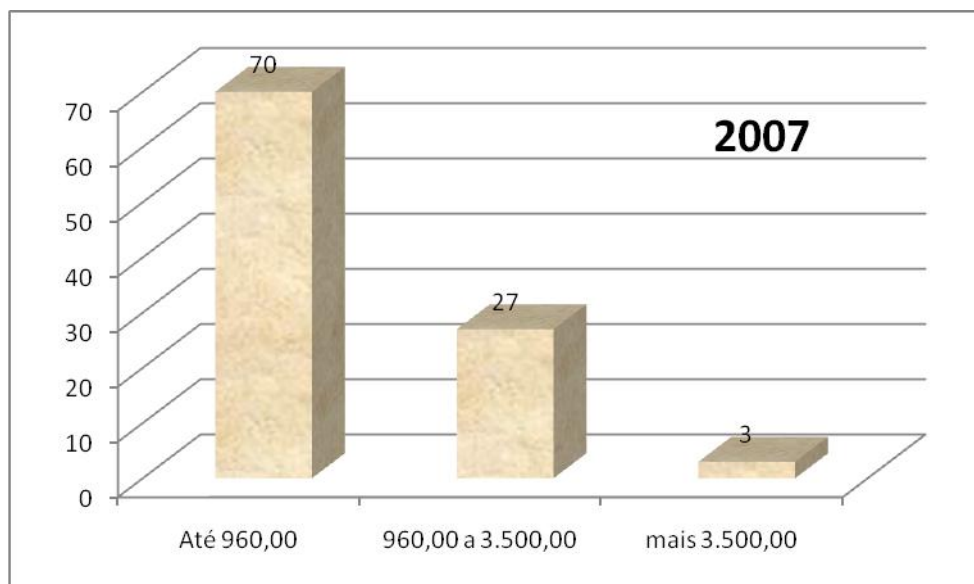


Gráfico 15 – Renda média mensal dos visitantes de Aparecida no ano de 2007

Fonte: SEBRAE

Transporte:

Quando observado o tipo de transporte utilizado pelos visitantes percebe-se que ocorre um significativo crescimento no número de carros de passeio. Vale destacar que as duas pesquisas foram aplicadas em finais de semana onde naturalmente o número de ônibus é maior.

Transporte

		Ônibus	C. Passeio	Outros
	1997	86,5	7	6,5
	2007	80	13	7

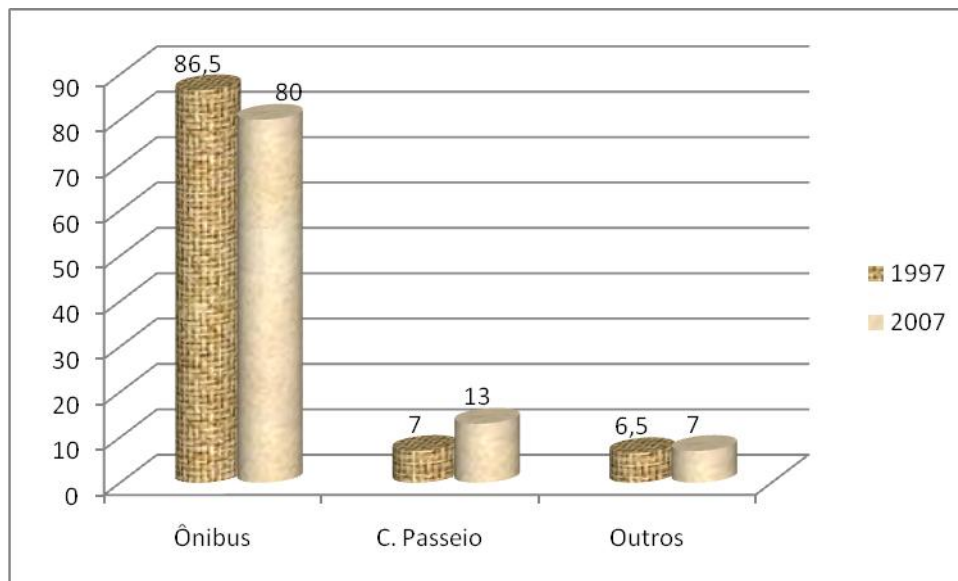


Gráfico 16 – Tipo de transporte utilizado pelos visitantes de Aparecida nos anos de 1997 e 2007

Fonte: DATAVALE e SEBRAE

Como síntese dos dados apresentados infere-se que o visitante de Aparecida caracteriza-se, majoritariamente, por um perfil entre jovens e adultos, divididos proporcionalmente entre homens e mulheres e em sua maioria casados. Sua situação econômica prevalece entre média e média baixa. Utilizam-se de ônibus para atingir seu destino e são, em sua grande maioria, proveniente da região sudeste do país. Vale observar que no período há um crescimento de quase 100% na utilização do carro particular.

CAPÍTULO 4

4 A VISÃO DOS GESTORES DO SANTUÁRIO NACIONAL DE NOSSA SENHORA APARECIDA

Neste capítulo apresenta-se a visão dos gestores do Santuário Nacional sobre os motivos do fluxo crescente de visitantes a Aparecida. Os entrevistados foram Pe. Darci Nicolini, atual Reitor do Santuário, tendo exercido também a função de Administrador por alguns anos. Outro gestor entrevistado foi Sra. Solange Parron, Gerente de Marketing, atuando há 10 anos na área. Por fim, entrevistou-se Sr. Edson Sandri, gerente do departamento denominado “Área de Apoio ao Romeiro”, responsável pela prestação dos serviços de atendimento ao visitante.

As entrevistas tiveram como ponto de partida perguntas semi estruturada a todos entrevistados. Apresentando-se os números referentes ao crescimento do fluxo de visitantes nos últimos anos e questionando-os, a partir da área de atuação de cada entrevistado, qual seria o motivo, ou os motivos, que contribuiriam para compreensão do fenômeno.

4.1 Pe. Darci Nicolini, reitor do Santuário⁴

Ao fazer o questionamento ao Pe. Darci o mesmo observou que, para melhor compreensão, é necessário dividir a resposta em duas vertentes. Podem-se indicar motivos extra e intra Santuário.

Ao comentar os motivos extra Santuário inicia apontando o fato de que a população está com mais dinheiro no bolso, teve um aumento real de renda e isso possibilita uma maior mobilidade. Em segundo lugar destaca a melhoria da malha viária facilitando o acesso ao Santuário. Outro elemento que considerou, também de ordem econômica, é a facilidade na aquisição do transporte individual, salientando que tem aumentado muito o número de famílias que vêm à Aparecida em carro particular e não somente nas grandes romarias.

Elemento que Pe. Darci aponta como importante é o conhecimento do Santuário através dos meios de comunicação. O Santuário está presente na mídia. Há 18 anos na TV Cultura, há 11 anos na Rede Vida e a 3 anos na TV Aparecida. Essa presença na mídia, que independe do Santuário, acaba promovendo e contribui para que as pessoas venham mais a Aparecida.

Pe. Darci comenta que a diminuição da participação das pessoas na Igreja é algo que está ocorrendo não só na Igreja Católica, mas em todas as Igrejas de modo geral. Por outro lado destaca que nós não temos no Brasil e na América Latina, de uma maneira geral, a dificuldade de identificação com o religioso, o povo é religioso, independente de que religião, ele é místico. Essa religiosidade também deve ser considerada quando se observa o crescimento no fluxo de visitantes ao Santuário Nacional.

⁴ Entrevista concedida ao autor, em julho de 2009, na sala da Reitoria do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida

Característica da Devoção

Ao iniciar suas explicações sobre os motivos intra Santuário, Pe. Darci destaca, em primeiro lugar, o perfil da devoção a Nossa Senhora Aparecida, suas características e diferenças na comparação com outras devoções marianas. Explica da seguinte maneira:

Quem vem ao santuário, e particularmente ao Santuário de Aparecida que tem a característica de nosso povo, ele vem para fazer festa, diferente de Fátima, diferente de Lourdes. Fátima, em Portugal, o característico é o penitencial. Lourdes, o característico é a saúde, a água de Lourdes. Em Aparecida a característica é a festa. Terminou de participar, de fazer a sua devoção, de passar em frente a santa, de visitar a sala dos milagres, de participar da eucaristia, o que ele vai fazer? Compras, passear, fazer churrasco, bater uma bolinha no estacionamento [...]

Considerando essa característica, afirma que quem visita o Santuário o faz também como uma viagem de passeio. Ele vem para fazer sua relação com Deus, viver sua dimensão religiosa, renovar suas esperanças, mas isso se completa com o convívio familiar e com os amigos e com um pouco de descanso e lazer.

Pe. Darci também chama a atenção para outra característica que considera importante na devoção a Nossa Senhora Aparecida, que é o fato de não existir nada de fantástico, de espetacular, como aconteceu com algumas devoções. Salienta que três trabalhadores ao buscarem o pão, encontraram a imagem, e ao encontrarem, corpo e cabeça separadamente, viram aí um fato inusitado. Uma imagem quebrada, enegrecida, rústica e pequena. Levada para casa iniciam o culto que é divulgado no “boca-a-boca”. Lembra que foi tudo espontâneo, nada foi programado e que a Igreja chegará somente depois

de trinta anos. Essa característica popular é um elemento de forte identificação da devoção até os nossos dias.

Outro elemento significativo na devoção é o arquétipo da mãe. Pe. Darci enfatiza que o romeiro vem na casa da mãe e que nesta, ele entra a vontade, a porta é grande. Ninguém vai interrogá-lo. E complementa lembrando que no Santuário não há estranhos, todos são donos.

Infra-estrutura

Outra característica apontada é o perfil familiar do visitante. O público é formado por crianças, jovens, adultos e terceira idade. Essa diversificação implica em interesses diferenciados e exige uma infra-estrutura que os atenda adequadamente. A criação e o aperfeiçoamento da infra-estrutura é destacada pelo Pe. Darci como um serviço constante do Santuário Nacional.

Ao comentar sobre o desenvolvimento da infra-estrutura destaca o crescimento do número de visitantes após a implantação do Centro de Apoio ao Romeiro, o Shopping, como ficou conhecido. O Santuário tem a preocupação de criar um ambiente bom e seguro para que o visitante se sinta bem acolhido. O Reitor do Santuário destaca toda ampliação da infra-estrutura de atendimento e a oferta de diversos serviços essenciais no acolhimento do visitante tais como: alimentação, higiene, segurança, atendimento médico, espaços de lazer e descanso, fraldário, entre outros.

Ao comentar sobre a oferta de serviços questionou-se sobre a iniciativa do Santuário em implantar uma infra-estrutura de hospedagem. O Reitor relata que a necessidade de acolher as assembléias da CNBB foi apenas o mote para o início dos trabalhos. Destaca que não faz sentido criar toda uma

infra-estrutura apenas para essa função. O novo espaço atenderá empresários que queiram fazer sua convenção, seus encontros, sua reciclagem. Grupos que queiram fazer retiro em Aparecida, como grupo de jovens ou outros grupos pastorais para que possam permanecer em Aparecida por alguns dias. Espaço para a realização de congressos e encontros de formação. Ainda lembra que, além dos seiscentos apartamentos, será implantada uma área de convivência de setenta mil metros quadrados, com lagos, área verde, ambiente oracional, área de alimentação, comércio, etc. E completa com o seguinte comentário, “[...] nós não íamos entrar nesse ramo, já tínhamos muita coisa para fazer, mas já que temos que entrar, vamos entrar e entrar com os dois pés. Bem entrado.”

Atendimento

Outro dado intra Santuário, é o atendimento religioso e de serviços. Pe. Darci comenta que há uma preocupação constante para que os padres que trabalham no atendimento religioso do Santuário sejam preparados adequadamente. “Nós temos insistido nisso, há muito tempo, com os colegas que aqui vem trabalhar. Vem para cá, quem tem paciência de olhar no olho do outro, tem paciência para escutar, [...]”.

A preocupação com a qualidade do atendimento ao visitante é uma prioridade que o Santuário Nacional tem buscado constantemente, investindo na formação e qualificação de seus quadros. “Acolher bem também é evangelizar”, tem sido o lema nos últimos anos e várias ações são desenvolvidas nesse sentido. O Romeiro deve ser a prioridade e isso se reflete quando Pe. Darci diz:

Formamos cada religioso nesse sentido. Você venha com essa intenção, dar, no atendimento personalizado do confessorário, carinho, misericórdia, atendimento humano. Deixa o romeiro falar, se não der tempo, fazemos absolvição comunitária, quando não dá para atender todo mundo. Quem nós atendemos, atendemos bem. Depois, no altar, nunca dizer não para o romeiro, de um jeito, não diga não para o romeiro. Eu explico para você por que. No final de cada missa tem a benção, por exemplo, dos objetos de devoção. O padre que está passando, - o padre benze para mim -, não tem que dizer para ele, o padre lá é que está benzendo. Não. Abençoa logo ali. Se ele pediu para você, você faça. Não diga não para ele.

Além do atendimento religioso, função específica do Santuário, existe o atendimento geral ao visitante. São 1200 funcionários diretos, fora os terceirizados e os que exercem trabalho voluntário. O Reitor informa que aos finais de semana há uma concentração de todos os que trabalham diretamente com o público. A formação para o atendimento é permanente e todos os que participam devem estar cientes que o Santuário é a casa do romeiro, que tudo ali pertence a ele. “Deu atendimento para o povo, o povo vem. Se o atendimento não é bom, o povo não volta.”

O Santuário e a atividade Turística

Quando questionado sobre a relação do Santuário Nacional e o Turismo, Pe. Darci informa que o Santuário tem evoluído no entendimento desta questão, há uma mudança de percepção. Afirma que há alguns anos atrás seria politicamente incorreto um padre falar sobre turismo religioso, mas a realidade hoje é outra e novos elementos foram somados a essa questão. Cita, por exemplo, que os meios de comunicação (rádio, TV, jornal, revista e internet) utilizados pelo Santuário atingem e atraem um público diversificado e que é necessária uma nova linguagem para atingir a todos. Enfatiza “Nós

queremos ter a linguagem própria para o turista, para aquele que vem ao Santuário.”

Indagou-se ao Reitor se o Santuário, no cumprimento de suas atividades formais, não acabava, por consequência, gerando um negócio turístico? Sua resposta foi positiva e acrescentou que o Santuário, além de considerar o turismo como atividade econômica que traz benefícios a comunidade, entende que Turismo é também construção da cidadania e investir na pessoa é obrigação da Igreja, é evangelizar. E evangelizar não é só falar de religião, “é promover o ser humano e fazer com que o homem se sinta divino e seja respeitado e valorizado”. Lembrou que somente no Centro de Apoio ao Romeiro são quase quatrocentas lojas, pequenas empresas. “Estamos interessados no Turismo sim, porque há pessoas que vivem, ganham, organizam a própria vida, evoluem, existem, em função disso. Então nós temos essa consciência, por isso nós fazemos.”

Questionado, ainda, sobre as consequências das atividades do Santuário para o desenvolvimento do Turismo, Pe. Darci observa que os impactos provocados sobre a atividade econômica tem sido positivos. Lembra que, por ocasião da implantação do Centro de Apoio ao Romeiro, ocorreram diversas manifestações contrárias ao empreendimento por parte dos comerciantes já estabelecidos, mas que por fim constatou-se que ocorreu uma ampliação de mercado e a geração de novos empregos. Aproveitou para fazer um paralelo com o novo empreendimento na área de hospedagem. Reações não faltam, mas o mesmo atrairá um segmento diferenciado para Aparecida e influenciará na concepção dos serviços de hospedagem.

Encerrando a entrevista e concluindo sobre a relação do Santuário com o Turismo, Pe Darci falou:

Nós temos que entender de turismo. Quem chega aqui não vem com carimbo. Chegou aqui ele é bem acolhido. Pode ser de outra religião, pode ser de outra raça. Ele pode vir aqui com a intenção de rezar. Ele pode vir aqui com a intenção de passear. Pode vir aqui com a intenção de somente ver arte. Vem aqui, é bem atendido, bem acolhido e a gente procura passar uma mensagem. É ser humano, basta.

4.2 Sr. Edson Sandri, gerente da “Área de Apoio ao Romeiro”⁵

Conversou-se também com o Sr. Edson Sandri, gerente da Área de Apoio ao Romeiro. O objetivo da entrevista foi o de aprofundar as questões sobre infra-estrutura de serviços e atendimento. No início da conversa ele enfatiza as mudanças que estão ocorrendo na administração, com o intuito de aperfeiçoar e qualificar os serviços. A fase de planejamento e definição de estratégias está sob a responsabilidade dos chamados Prefeitos de igreja, cargo exercido pelos padres, do Administrador e do Reitor do Santuário. A Área de Apoio ao Romeiro fica responsável pela execução dos projetos. Sob a responsabilidade dessa área estão os seguintes setores: Central de informações e Ponto de Encontro; Batizado; Confissão; Coreografia; Marcação de missas; Sacristia; Músicos; Setor de enfeites; Sala de hóstias; Sala de costura; Secretaria de Pastoral; Sala das Promessas; Fraldário e Sala dos Motoristas. Podemos perceber que há setores diretamente ligados ao atendimento dos serviços religiosos e outros para o atendimento de apoio ao visitante.

Ao comentar sobre os serviços de apoio ao visitante, Sr. Edson explica que a Central de informações e Ponto de Encontro é o setor responsável por atender as solicitações de pessoas e objetos perdidos e também coordenar

⁵ Entrevista concedida ao autor, em Agosto de 2009, nas dependências do Santuário Nacional

toda rede de serviços de informação distribuída pela área do Santuário Nacional. Comenta que devido ao grande fluxo de pessoas é muito comum que alguns fiquem perdidos de seu grupo de origem e, quando isso ocorre, a função do Ponto de Encontro é minimizar a situação de desconforto e resolver o problema no menor tempo possível, para que o visitante aproveite o máximo de sua estada. Observa que há casos de a Romaria ir embora e deixar alguém para trás, nessas situações o Santuário toma as providências cabíveis para o visitante retornar ao seu local de origem. O Ponto de Encontro e Central de Informações também é responsável por receber e cadastrar todos os objetos perdidos na área do Santuário e, quando ocorre a solicitação de devolução, os mesmos são enviados via correio para seus donos. O Gerente da área ainda nos explica que o setor iniciou um novo serviço que é a disponibilização de visitas monitoradas ao Santuário. As visitas são oferecidas somente durante a semana, pois devido ao grande fluxo dos finais de semana o procedimento torna-se inviável.

Outro serviço oferecido é a “Sala dos Motoristas” e o Sr. Edson comenta que muitas empresas não disponibilizam dois motoristas, mesmo que o número de horas de viagem seja grande. Nesse caso o Santuário toma o cuidado de divulgar, na entrada do estacionamento, que existe a sala dos motoristas. Reforça que a intenção do atendimento ao motorista é contribuir na qualidade da viagem do visitante. Explica que a sala possui estrutura suficiente para que o motorista possa tomar banho, descansar e até dormir se for necessário. São atendidos no local mais de mil motoristas por mês. Ali também é atendido aqueleromeiro que veio a pé, se quiser tomar um banho antes da celebração, é fornecido toalha e sabonete para ele.

No subsolo do Santuário está localizada a Sala das promessas que é, depois da imagem de Nossa Senhora Aparecida, o segundo maior ponto de

visitação. Sr. Edson comenta que atualmente a sala está passando por uma reformulação para receber melhor os romeiros. A parte da entrada não vai sofrer mudança alguma porque ela foi planejada para que o romeiro perceba, veja que tem muita gente que vem deixar seus ex-votos no local e o ambiente é carregado de emoção. Explica ainda que os funcionários que trabalham no local recebem uma formação específica que os qualifique para o atendimento que muitas vezes exige aspectos religiosos e psicológicos. A preparação acontece em reuniões semanais onde discutem as questões referentes ao serviço. Exemplifica nos contando que o visitante não chega só para entregar o seu objeto, o ex-voto, ele quer contar qual foi a graça alcançada, ele quer conversar com alguém, ele quer desabafar, porque ele está trazendo uma carga emocional muito grande. Os funcionários são orientados a somente depois que o visitante contar sua história e sair satisfeito é que o objeto deverá ser guardado. Enquanto ela estiver falando o funcionário deve permanecer com o objeto na mão, na frente dela. Por que senão cria um descaso com a pessoa.

Ainda no subsolo do Santuário, sob a responsabilidade da Área de Apoio ao Romeiro, é oferecido o serviço de Fraldário. O espaço passou por reformulação recente com a finalidade de ficar mais atrativo às crianças e retirando seu aspecto hospitalar.

O Santuário dispõe de atendimento odontológico emergencial para os visitantes e regular para os funcionários. Para o atendimento médico, nosso entrevistado nos explica que, o Santuário disponibiliza um médico do trabalho para o atendimento prioritário dos funcionários no correr da semana. Nos finais de semana acontece o plantão com dois médicos e mais os enfermeiros, que já são da casa, para atender prioritariamente os romeiros. É feito o atendimento emergencial e depois é passado para o convenio que o

Santuário tem com a santa casa. Para cada situação há um procedimento específico. (acionar seguro, comunicar familiares, etc.)

Na qualificação dos funcionários para o atendimento aos visitantes o gerente nos explica que em primeiro lugar o funcionário tem que entender qual é a missão do Santuário. O visitante vem, em sua grande maioria, por causa da imagem e a missão do Santuário é guardar e difundir a devoção a Nossa Senhora Aparecida. Uma vez que o funcionário compreende isso ele saberá qual a função do seu departamento. Sr. Edson comenta que quando o visitante olha para alguém que tem o crachá do santuário, aquele que tem o uniforme do santuário, ele não vê o funcionário, ele vê o Santuário. Se ele é mal atendido é o Santuário que atendeu mal. Continua seu comentário dizendo que o funcionário é orientado a fazer esse bom atendimento.

Exemplifica:

Qual é problema que o romeiro está tendo? Qual a dificuldade? Se precisar, o funcionário, ou colaborador, leva o romeiro onde ele precisa ir. Não faz uma indicação, vira esquerda, vira à direita, leva. O senhor me acompanha por aqui, e vai até lá. Procura dar a solução mais rapidamente possível, porque normalmente o romeiro tem pressa [...]

O Gerente da Área de Apoio ao Romeiro conclui seus comentários lembrando que o atendimento ao visitante é um conjunto. Quando ele entra com seu carro no estacionamento ele deve ser bem atendido e saber que terá conforto e segurança durante toda sua estada no Santuário Nacional.

4.3 Sra. Solange Parron, Gerente de Marketing⁶

A entrevista com a gerente de marketing teve como ponto de partida o mesmo questionamento feito aos entrevistados anteriores. No caso específico, perguntou-se qual seria a influência do marketing no crescente fluxo de visitantes de Aparecida?

A Sra. Solange inicia sua fala recordando que a devoção a Nossa Senhora Aparecida é um fenômeno desde 1717 e que tem um crescimento natural, resultado do marketing viral. Com a chegada dos padres redentoristas, no final do século XIX, inicia-se uma nova fase de propagação da devoção. Lembra que de início fundaram um jornal e em 1950 iniciaram os trabalhos com a Rádio Aparecida e nesses últimos anos tem intensificado o uso da internet e da TV. Considera que com todos esses meios de comunicação e, com o uso adequado das ferramentas de marketing, você acaba atingindo e impactando o público desejado.

Antes de pensar no marketing, afirma Sra. Solange, é preciso considerar dois aspectos importantes em relação ao Santuário. O primeiro deles é o perfil da devoção a Nossa Senhora Aparecida e o segundo é a forma de tratamento que se busca imprimir no atendimento ao visitante. Quanto ao perfil, considera que há uma forte identidade cultural do povo com a imagem de Nossa Senhora Aparecida e também o papel de mãe e particularmente a casa da mãe, como o Santuário é carinhosamente tratado pelos visitantes. Para o segundo ponto, ela destaca que o Santuário tem a tradição de particularizar o atendimento, tentar personalizar o serviço para que cada um se sinta reconhecido. Comenta que existe todo um esforço dos

⁶ Entrevista concedida ao autor em setembro de 2009 no departamento de marketing do Santuário Nacional

missionários redentoristas no uso de estratégias e técnicas de acolhimento para receber bem o devoto de Nossa Senhora Aparecida. Declara ainda que nos últimos anos o Santuário investe em um moderno Call Center, utiliza-se de atendimento com carta personalizada, segmentada, em email respondidos e todo esse sistema de comunicação e sistema em CRM (Gerenciamento de Relacionamento com o Cliente). O Santuário, afirma a gerente, “pega o que o mercado faz e coloca para atender bem, isso é relacionamento, aí a pessoa se sente acarinhada, agraciada e volta, ela se sente em casa”.

A gerente de marketing informa que para o atendimento dos devotos o Santuário “[...] desenvolveu um software específico, próprio, onde há toda uma parte de serviços, missa, terço, batizado, toda parte de relacionamento, de atendimento, e dos serviços que são prestados.” Esse relacionamento é estabelecido através da “Campanha dos Devotos” que é uma ação de marketing direto. A gerente esclarece que a “Campanha dos Devotos” nasce com o objetivo de arrecadar fundos para o término das obras do Santuário e que é uma resposta a uma demanda reprimida, mas, salienta, “tem um detalhe muito importante, a arrecadação não é o principal da história, ela é uma consequência de um processo de evangelização de acolhimento, de atendimento e de relacionamento.”

Ao ser questionada se a “Campanha dos Devotos” contribuiu para o aumento do fluxo de visitantes ao Santuário a Sra. Solange declara que “[...] houve sim um aumento significativo, então o que aconteceu, ela arregimentou milhares de pessoas e arregimenta até hoje, milhares de pessoas que entram todos os meses na Campanha [...]”. Explica que o Santuário publica a Revista de Aparecida, que é distribuída aos colaboradores independente do valor da

contribuição, e é enviada para todo país. A revista contribui com o marketing direto, o boca-a-boca, que é o que mais traz novos cadastros, mais traz colaboradores, e contribui para manter o foco que é a evangelização. Destaca ainda que com o passar do tempo foram segmentando a campanha, pois perceberam que nos cadastros havia mais de doze mil crianças inscritas. Discutiu-se a necessidade de uma comunicação direta com esse público e a utilização de uma linguagem acessível ao mesmo. O resultado foi a criação da revista “Devotos Mirim” que hoje, com três anos de existência, conta com uma tiragem de 85 mil exemplares.

Sobre a criação do slogan “eu sou um tijolinho” a gerente de marketing explica que ele saiu de forma natural. O Santuário é de tijolos e com isso surgiu a idéia da criação de uma mala direta “você é um tijolinho vivo nessa construção”, a adesão foi imediata porque a imagem “tem uma personalidade, que significa construção, coisas boas”. A criação do personagem “Tijolinho” também tem impulsionado a campanha que está sendo repensada como um todo (rádio, internet, revista e TV). No ultimo dia 20 de outubro, deste ano de 2009, foi lançado o programa do Tijolinho na TV Aparecida.

A Sra. Solange ressalta que todo o trabalho do departamento de marketing não pode em momento algum perder o foco da missão do Santuário que é evangelizar, o marketing está a serviço da evangelização. É a missão que cria o diferencial e, a manutenção do mesmo, auxilia na fidelização. Ao marketing cabe observar aquilo que o cliente quer, o que o devoto de Nossa Senhora Aparecida quer. Sobre os objetivos do trabalho destaca:

[...] no fundo no fundo, nós temos que preparar o melhor cenário que a gente puder, para que ele passe diante da imagem e seja tocado, agraciado naquele momento e é isso que o traz de volta também, é o ápice da história. Nós estamos fazendo com muito carinho, porque a gente quer você de volta, queremos que você se sinta bem aqui na casa da Mãe, Nossa Senhora Aparecida.

Questionou-se também sobre a repercussão das ações do Santuário na cidade de Aparecida e a gerente diz que a cidade vive do turismo, da devoção a Nossa Senhora Aparecida. O desenvolvimento de toda infra-estrutura, o uso de todas as ferramentas e estratégias de marketing para manutenção e ampliação do fluxo de visitantes vão contribuir para o desenvolvimento econômico da cidade e região e isso faz parte do papel social da Igreja. Complementa dizendo que: “sem perder o foco na missão do Santuário, e por uma questão cultural, religiosa, turística, o importante é trazer as pessoas para conhecer essa obra maravilhosa que têm uma riqueza de simbologia e de história, que é patrimônio do país.”. Salienta ainda que o Santuário busca inovar sempre, pra encantar o cliente, para que se sinta bem, que saia do Santuário mais agraciado, com gostinho de quero voltar e, relembra a gerente, que os números demonstram isso.

Outro elemento apontado pela Sra. Solange é a alteração que pode ser percebida no perfil do visitante. O uso de novas mídias, e novas linguagens, tem contribuído para atingir segmentos diferenciados. Exemplifica o fato informando que nos últimos dez anos a faixa etária dos participantes da “Campanha dos Devotos” passou de uma média de 70 anos para 50 e poucos anos. Informa ainda que, mesmo sem ter dados estatísticos, são perceptíveis

as mudanças ocorridas quando se observa o movimento no decorrer e aos finais de semana.

Finalizando, a Sra. Solange afirma que todo o investimento feito em marketing ainda deve ser aprimorado. Começou há dez anos com a implantação do marketing direto, mas é necessário ampliar os trabalhos. Aponta a necessidade de um marketing mais institucional e uma assessoria externa de imprensa, entre outras coisas. Reafirma que os investimentos estão sendo feitos e conclui: “[...] nós temos que correr atrás dessa história, tem que profissionalizar, e o grande desafio: sem perder o carisma e a missão, porque senão perde o público.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas considerações finais não se quer esgotar o objeto de pesquisa, mas ressaltar alguns elementos que foram se evidenciando no decorrer dos estudos. O foco principal foi a realização de uma análise da ação do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida e sua contribuição para o fomento do Turismo Religioso. Perguntava-se desde o início se os trabalhos desenvolvidos pelo Santuário contribuíam, ou não, para o desenvolvimento da atividade turística e quais os elementos que definiriam seus resultados.

Para que a atividade turística gere desenvolvimento econômico permanente, vários fatores devem ser considerados. No caso específico do Santuário de Aparecida evidenciam-se três fatores, a saber:

1. A atualidade do atrativo turístico e a manutenção de seu diferencial.
2. A criação de infra-estrutura de atendimento.
3. As ações de marketing.

A atualidade do atrativo turístico e a manutenção de seu diferencial

No primeiro fator pode-se destacar a longa duração da devoção a Nossa Senhora Aparecida. No Contexto religioso brasileiro, como foi destacado no primeiro capítulo, marcado por práticas devocionais com estreito vínculo às

necessidades cotidianas de seus praticantes, pode-se observar uma dinâmica que indica a rotatividade dos oragos de acordo com as qualidades que lhe são atribuídas e a capacidade em responder as necessidades de seus suplicantes. Devoções que outrora arregimentavam grandes públicos sofreram certa evasão, diminuindo-lhe a participação no cenário devocional brasileiro. Entre outras, vale mencionar, a devoção a Nossa Senhora da Boa Morte, Nossa Senhora da Boa Viagem e Bom Jesus, em diversos de seus subtítulos.

Nesse contexto a devoção a Nossa Senhora Aparecida está prestes a completar uma permanência de trezentos anos no cenário devocional brasileiro. Nos estudos realizados apontaram-se alguns fatores que contribuem para a permanência e crescimento da devoção. Dentre eles destacam-se as condições e o papel social dos agentes envolvidos no início da devoção e sua identificação com a maioria da população brasileira. Trabalhadores no exercício de suas funções encontram uma imagem rústica, enegrecida e quebrada que passa a auxiliar nas lidas diárias. Essa característica popular, como afirma o Reitor do Santuário, permanece até hoje na devoção. Outro fator é o vínculo de nacionalidade. A brasilidade de Nossa Senhora Aparecida é um elemento forte no imaginário religioso e sua condição de Padroeira do Brasil contribui nesta perspectiva e amplia a identidade cultural. A dimensão da maternidade é outro elemento constitutivo na devoção e, na fala unânime dos entrevistados na pesquisa, o arquétipo da mãe é incontestável no perfil da devoção.

As características apontadas contribuem para dar identidade à devoção e são realimentadas constantemente pelos agentes religiosos responsáveis na guarda e propagação da devoção. A ação desses agentes contribui também para a manutenção do Santuário como espaço devocional. Na perspectiva da pesquisa os aspectos apontados contribuem na manutenção do diferencial e na atualidade do atrativo turístico.

A criação de infra-estrutura de atendimento.

Para o segundo fator apontado no início dessas considerações pode-se retomar a trajetória, trabalhada no capítulo dois, do desenvolvimento da infra-estrutura do Santuário Nacional. Essa expansão realiza-se em duas vertentes:

- a) a infra-estrutura para atendimento religioso, que é o característico do atrativo;
- b) a infra-estrutura para receptivo.

A adequação do espaço para atender o crescimento da devoção foi uma constante ao longo desses anos. Do oratório doméstico a construção do maior templo de devoção mariana do mundo, cuja busca em atender o fluxo crescente de visitantes provocou uma reestruturação constante do espaço devocional. O pequeno oratório, as margens do caminho que ligava no século XVIII São Paulo as Minas e ao Rio de Janeiro, transforma-se em um templo com capacidade para atender até duzentos mil visitantes por dia.

Com a preocupação no atendimento aos viajantes, notada desde o princípio das atividades da 'Capela' do Morro dos Coqueiros, foram elaboradas estratégias para a melhoria do receptivo. Isto se iniciou com o surgimento de pensões e pequenos hotéis no povoado, além das "Casas da Santa" onde, mesmo que rudimentar, atendia certa demanda desses viajantes.

Fundada a Basílica Nova, essa infra-estrutura se expandiu de maneira muito relevante, tendo diversas formas de atendimento nos espaços do subsolo, áreas externas e a Torre Brasília.

Em 1996 o Santuário apresenta o projeto da criação do Centro de Apoio ao Romeiro. Empreendimento, no dizer do próprio Santuário, especialmente idealizado e planejado para atender ao turismo religioso com praça de

alimentação, lojas, quiosques, área de lazer, serviços bancários, ambulância, fraldário e sanitários para atendimento aos visitantes.

Na seqüência dos trabalhos o Santuário está ampliando sua oferta de infraestrutura e dando continuidade em sua proposta de atender bem e oferecer serviços de qualidade ao visitante. Retomando uma prática que lhe era praxe no século XIX, o Santuário Nacional abre uma nova frente com a implantação de infraestrutura para hospedagem. Das “casas da santa” ao “centro de hotelaria” o Santuário Nacional tem investido na reformulação e implantação de uma infraestrutura de acolhida e suporte turístico.

As ações de marketing

O Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida tem, nos últimos anos, implantado ações específicas na área de marketing. Iniciou seus trabalhos com a organização do marketing direto e hoje estrutura um departamento específico para gerir todas as ações da área.

Considera-se fundamental, para o entendimento desse terceiro fator, uma rápida análise dos 4Ps básicos na definição das estratégias de marketing. A definição do Produto, do Ponto, do Preço e da Promoção destaca-se como essencial para o desenvolvimento da atividade turística.

Qual o **Produto**? Optou-se subdividi-lo em dois subprodutos sem, necessariamente, estabelecer uma hierarquia. O primeiro produto é a Devoção, propriamente dita, a Nossa Senhora Aparecida. Com uma longa presença no mercado de bens religiosos a devoção possui uma aceitabilidade muito grande e consegue responder as necessidades de seu público, manter a fidelidade e ampliar o seu nicho no seguimento. As características e a identificação do produto são

amplamente difundidas e transformam-se em elemento constitutivo da cultura religiosa do Brasil. O segundo produto é o próprio santuário, enquanto espaço físico referencial para o consumo do primeiro produto. Considera-se que a devoção pode ser consumida, por sua própria natureza de bem intangível, em qualquer espaço físico e sem pré-determinação de tempo. O santuário, por outro lado, constituiu-se no locus privilegiado para a manifestação desse consumo e isso gera um fluxo crescente de pessoas ao território. Acrescenta-se a isso todos os bens e serviços, religiosos ou não, agregados ao santuário.

Ao analisar o **Ponto**, constatou-se que a devoção, desde o momento que deixou o oratório familiar dos pescadores, instalou-se em uma praça privilegiada que era o caminho que ligava São Paulo as Minas e ao Rio de Janeiro. Região de passagem, caminho de viajantes, rota para o abastecimento das Minas e do escoamento do ouro para Portugal. No século XIX ocupa destacado lugar na economia como produtora de café. O desenvolvimento econômico estimula uma melhoria dos caminhos e a posterior implantação do transporte ferroviário. A facilidade de acesso contribui para divulgação da devoção a Nossa Senhora Aparecida e o aumento no fluxo de visitantes, sendo São Paulo e Rio de Janeiro os principais centros emissores.

A definição do **Preço** do produto deve ser observada levando em consideração sua natureza constitutiva. Por um lado, a devoção como bem intangível, não possibilita a mensuração do valor e sua aquisição é livre e universal. O santuário, como espaço privilegiado da devoção, também é de livre acesso e pode ser utilizado sem custos ao consumidor. Nesta perspectiva pode-se inferir que não existe um custo pré-fixado para o consumo do produto. Quanto aos serviços agregados ao atrativo também não sofrem uma prévia definição de

valores, podendo o consumidor, atribuí-lo ou não. No comércio de bens – alimentação, souvenirs, etc. – ocorre um equilíbrio na oferta que se posiciona num patamar equivalente a capacidade de consumo de uma classe média baixa.

Na **Promoção** do produto o Santuário, sem perder o foco em sua missão, desenvolve ações no intuito de atingir segmentos específicos do mercado consumidor. A “Campanha dos Devotos”, carro chefe das ações, é o contato direto com uma parcela dos clientes e visa estabelecer uma relação personalizada do Santuário com os mesmos. A utilização de meios impressos (jornal, revista, etc.), do rádio, da TV e internet, contribuem para atingir parcelas específicas e facilitam a segmentação da promoção atingindo nichos diferenciados. No uso da internet, além do Web site com informações e oferta de serviços, o Santuário tem inovado com sua inclusão no orkut, twitter e youtube. O Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida tem avançado na ampliação de suas frentes de promoção inserindo-se, inclusive, no mercado turístico. Sua participação no Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba não se dá apenas na categoria de atrativo, mas contribui efetivamente na sua organização compondo a equipe de governança junto com outros municípios e entidades da região.

Com os dados e informações obtidos no decorrer da pesquisas considera-se que as ações do Santuário Nacional contribuem para o fomento do Turismo Religioso, promovendo uma adequação entre o produto e a demanda e, efetivamente, consolidando o desenvolvimento da atividade turística.

REFERÊNCIAS

I Livro do Tombo da Paróquia de Guaratinguetá

ABUMANSSUR, Edin Sued. Religião e Turismo: Notas sobre as Deambulações Religiosas. In: ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo Religioso**: Ensaios Antropológicos sobre religião e turismo. Campinas, SP: Papyrus, 2003. (Coleção Turismo). p. 53 – 68.

ADÃO, Kleber do Sacramento. Religião e lazer em uma cidade de Minas Colonial: as festas do Bom Jesus de Matosinhos em São João Del-Rei 1884/1924. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 8., 2002, Ponta Grossa. As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002. Disponível em: <<http://www.boletimef.org/?canal=12&file=1020>>, Acesso em: 24 março 2007.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo**: Fundamentos e dimensões. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Fundamentos; 98).

AZEVEDO, Manuel Quitério de, **O culto a Maria no Brasil**: história e teologia. Aparecida/SP: Editora Santuário, 2001.

AZZI, Riolando. Formação histórica do catolicismo popular brasileiro, in, SANTOS, Beni dos. **A religião do povo**, São Paulo: Paulinas, 1978.

AZZI, Riolando, **A cristandade colonial**: um projeto autoritário. São Paulo: Paulinas, 1987

BACAL, Sarah. **Lazer e o Universo dos Possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003. (Série Turismo).

BACAL, Sarah. Prefácio. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). **Turismo no Percorso do Tempo**. São Paulo: Aleph, 2002. p. 13 – 15.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das Viagens e do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo).

BARRETO, Margarita. Relação entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Turismo em Análise**, vol. 15, nº 2, 2004, SP. CRP/ECA/USP, São Paulo: Aleph, nov. 2004. p. 133 – 149.

BARRETO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papyrus, 2000. (Coleção Turismo).

BENI, Mario Carlos, Um outro turismo é possível? A Recriação de uma nova ética. In: GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini (Org.). **Um outro olhar é possível**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 11 – 24.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado**: estudos de religião e ritual. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BRUSTOLONI, Júlio, **A Senhora de Aparecida**: história da imagem, da capela e das romarias, 8 ed., Aparecida/SP: Editora Santuário, 1998.

CALVELLI, Haudrey Germiniani. **A “Santiago de Compostela” Brasileira**: Religião, turismo e consumo na peregrinação pelo Caminho da Fé. 2006. 196p. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2006.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Sociologia do Lazer. In: ANSRAH, Marília Gomes dos Reis (Org.). **Turismo**. Como aprender, como ensinar. Vol.2, 2ª ed, São Paulo: Ed. SENAC, 2001.

CAMURÇA, Marcelo. As muitas faces das devoções: das romarias e dos santuários ao turismo, ao marketing religioso e aos altares virtuais, In, **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 16, n. 3/4, mar./abr. 2006, p. 257-270

CARVALHO, Adriany Rosa de Matos; NASCIMENTO, Alexsandro M.; ROAZZI, Antonio. **Religiosidades populares e a experiência do lazer, um estudo com romeiros de São Severino Ramos a partir da teoria das facetas**. Disponível em: <
<http://sec.adaltech.com.br/intercom/2005/resumos/R0820-1.pdf>> Acesso em: 16 jan. 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara, **Dicionário do folclore brasileiro**, 11ed., São Paulo: Global, 2001

CASTELLI, Geraldo. **Turismo**: atividade marcante no século XX. 3ª ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1996, 160 p.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo x Espaço: reflexões necessárias na pós modernidade. In: GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Turismo na pós modernidade**: (des) inquietações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (Coleção Comunicação; 25). p. 43 – 50.

CDM, Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida.

CRISPIM, Lizete de Oliveira. Evento Religioso e Lazer: vivencia acadêmica na Peregrinação de Madre Paulina. In: ENAREL, 14., 2002, Santa Cruz do Sul. **Red Latinoamericana de Recreacion & Tiempo Libre**. Santa Cruz do Sul:

UNISC, 2002. Disponível em:

<http://www.redcreacion.org/documentos/enare14/Mt_ppp03.html> Acesso em: 29 jan. 2007.

DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo**. Entrevista a Maria Serena Palieri. Tradução Lea Manzi. 3ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DIAS, Reinaldo. O Turismo Religioso como Segmento do Mercado Turístico. In: DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José S. (Org.). **Turismo Religioso: ensaios e reflexões**. Campinas, SP: Alínea, 2003. p. 7 – 38.

ECOS MARIANOS, Almanaque de Nossa Senhora Aparecida, 1943

ECOS MARIANOS, Almanaque de Nossa Senhora Aparecida, 1947

ECOS MARIANOS, Almanaque de Nossa Senhora Aparecida, 1948

ECOS MARIANOS, Almanaque de Nossa Senhora Aparecida, 1949

ECOS MARIANOS, Almanaque de Nossa Senhora Aparecida, 1963

ECOS MARIANOS, Almanaque de Nossa Senhora Aparecida, 1998

ECOS MARIANOS, Almanaque de Nossa Senhora Aparecida, 2000

EMBRATUR (Brasil), Roteiros da fé católica no Brasil, Brasília: 2000

FERNANDES, Rubens César, **Romarias da Paixão**, Rio de Janeiro, Rocco, 1994

FRANÇA, Maria Cecília. **Pequenos Centros Paulistas de Função Religiosa**. São Paulo: [s.n.], Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, 1975. 1 v.

FRANÇA, Maria Cecília. **Pequenos Centros Paulistas de Função Religiosa**. São Paulo: [s.n.], Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, 1975. 2 v.

GASTAL, Susana. Turismo & Cultura: por uma relação sem diletantismos. In: GASTAL, Susana (Org.). **Turismo: 9 propostas para um saber fazer**. Rio Grande do Sul: Edição dos Autores, 1998. p. 100 – 112.

GAZONI, Jefferson L. Aproveitamento Turístico de Recursos Mítico-Religiosos: os Passos de Anchieta. In: DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José S. (Org.). **Turismo Religioso: ensaios e reflexões**, Campinas, SP: Alínea, 2003. p. 95 – 119.

GIOVANNINI JÚNIOR, Oswaldo. Turismo, Religião e Patrimônio Cultural. In: DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José S. (Org.). **Turismo Religioso: ensaios e reflexões**, Campinas, SP: Alínea, 2003. p. 135 – 149.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro 1550 – 1800**. Petrópolis: Vozes, 1978.

Jornal **O Santuário**, Ano 79, Número , 17/06/1979

Jornal **O Santuário**, Ano 96. Número 4.762, ?/?/1996

Jornal **O Santuário**, Ano 96. Número 4.765, ?/?/1996

Jornal **O Santuário**, Ano ?. Número n.4864, ?/?/?

JOSÉ, Agnaldo. **Compostela Brasileira**, São Paulo: Loyola, 2006.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Tradução Contexto Traduções. São Paulo: Aleph, 2000. (Série Turismo).

LEMOS, Leandro Antonio de. Os sete mitos do Turismo: a busca de alguns conceitos fundamentais. In: GASTAL, Susana (Org.). **Turismo: 9 propostas para um saber fazer**. Rio Grande do Sul: Edição dos Autores, 1998. p. 65 – 78.

Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, 1952

Livro do Tombo VI do Santuário Nacional

Livro do Tombo VIII do Santuário Nacional

LOPES, Paulo. Os livros das viagens medievais. **Medievalista on line**, Instituto de Estudos Medievais, Lisboa, ano 2, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/medievalista-viagens.htm>> Acesso em: 27 jan. 2007.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. Presença da Igreja no Brasil, in, SANTOS, Beni dos. **A religião do povo**, São Paulo: Paulinas, 1978.

MACIEL, José Mauro, **Imaculada Conceição de Maria Santíssima**, Aparecida/SP: Editora Santuário, 1998.

MACHADO, Pe., **Histórico da Padroeira do Brasil**, Campinas: Edição do autor, 1983

MELLO, Adilson da Silva, **Cunha**: relações religiosas e transformações, tradição e transição cultural. São Paulo, PUC-SP, tese de doutorado no Programa de Ciências Sociais, 2008

MOESCH, Marutschka Martini. **A Produção do Saber Turístico**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, Marutschka Martini. O fazer – saber turístico: possibilidades e limites de superação. In: GASTAL, Susana (Org.). **Turismo**: 9 propostas para um saber fazer. Rio Grande do Sul: Edição dos Autores, 1998. p. 8 – 22.

MOLETTA, Vânia Beatriz Florentino. **Turismo Religioso**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2003. (Série Desenvolvendo o Turismo, 9v.)

MOLINA, Sérgio. Pós-Turismo: novas tecnologias e novos comportamentos sociais. In: GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini (Org.). **Um outro olhar é possível**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 25 – 31.

MORA, Ovídio Aparecido. **Paciência e Descontração no Caminho da Fé**. 1ª ed. Ribeirão Preto, SP: Ed. Do Autor, 2006.

MORENO, Júlio César. Anotações para uma reflexão sobre Turismo Religioso no Vale do Paraíba e região. In: REIS< Fábio José Garcia (Org). **Turismo**. Uma perspectiva regional. Taubaté, SP: Cabral, 2003. p. 19 – 30.

MOSER, Giancarlo. **Antropologia do Turismo, Sociologia e História**: temas e reflexões. Indaial, SC: ASSELVI, 2004.

NERY, Paulo Roberto Albieri. A Cultura do Passeio: Lazer e Valores Holistas nas Classes Populares. In: ABUMANSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo Religioso**: Ensaios Antropológicos sobre religião e turismo. Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Turismo). p. 133 – 173.

OLIVEIRA, Adriana Seibert de. Uruguai Espiritual: Misticismo, história e cultura se encontram em Piriápolis. **Revista Paradoxo.com**. [Brasil], 27 set. 2006. Disponível em:
<<http://www.revistaparadoxo.com/materia.php?ido=3800>> Acesso em: 29 jan. 2007.

OLIVEIRA, Christian Dennys M. A Monumentalidade do Templo e da Romaria. Uma periodização Geográfica das peregrinações à Basílica de Aparecida. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 262 – 272.

OLIVEIRA, Christian Dennys M. **Turismo Religioso**, São Paulo: Aleph, 2004. (Coleção ABC do Turismo).

OLIVEIRA, Christian Dennys M. **Basílica de Aparecida: um templo para a cidade-mãe**, São Paulo: Olho D'água, 2001.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro, Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro, in, **Revista Eclesiástica Brasileira**, vol. 36, fasc. 141, março de 1976.

OURIQUES, Helton Ricardo. A Santa do Turismo: O mercado da Fé em Nova Trento – Santa Catarina, SC. **Textos para discussão**, n 13, UFSC – Centro Sócio Econômico – Departamento de Ciências Econômicas, 2006. Disponível em: < <http://www.cse.ufsc.br/gecon/textos/Helton13-06.pdf>> Acesso em: 17 jan. 2007.

PADEN, William E., **Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião**, São Paulo: Paulinas, 2001.

PARKER, Cristián. **Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

PEREZ, L. F. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, M. (Org.). **A festa na vida**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.15-58.

PRADO, J. F. de Almeida, **Tomas Ender: pintor austríaco na corte de D. João VI no Rio de Janeiro**, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

RIBEIRO, Zilda Augusta, **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e de seus escolhidos**, Aparecida/SP: Editora Santuário, 1998.

RIBEIRO, Zilda Augusta, **Centenário da coroação da sempre Rainha Nossa Senhora Aparecida**, Aparecida/SP: Editora Santuário, m2004

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Espaço: Rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAINT-HILAIRI, Augusto de, **Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da Província de São Paulo**. São Paulo: Martins Fontes, 1945

SANCHO, Amparo (Dir.). **Introdução ao Turismo**. Organização Mundial do Turismo. Tradução Dolores Martin Rodriguez Corner. São Paulo: Roca, 2001.

SANTOS, Beni dos. **A religião do povo**, São Paulo: Paulinas, 1978.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. A Importância das Peregrinações para o Turismo Mundial. **Turismo em Análise**, v.11, n. 2, 2000. Disponível em:

<<http://www.cefetsp.br/edu/turismo/professores/glauber/peregrinacoes.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2007.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; FAGIARI, Gabriela Scuta. Peregrinação e Turismo: As novas rotas “religiosas” do Brasil. **Turismo, Visão e Ação**, v.5, n.1, 2003. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/turismo/professores/glauber/rotasreligiosas.pdf> > Acesso em: 19 jan. 2007.

SILVA, Juremir M. Uma viagem pela alma dos viajantes. In: GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini (Org.). **Um outro olhar é possível**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 32 – 25.

SILVA, Luiz Carlos Marques. **O Caminho da Fé**: de Tambaú a Aparecida, Aparecida. SP: Editora Santuário, 2006.

SILVA, Luiz Carlos Marques. **Romarias a Pé**: A Caminho de Aparecida. São Paulo: Scortecci, 2006.

SILVEIRA, Emerson José S. “Turismo Religioso”, Mercado e Pós Modernidade. In: DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José S. (Org.). **Turismo Religioso**: ensaios e reflexões, Campinas, SP: Alínea, 2003. p. 39 – 93.

SPIX E MARTIUS, **Viagem pelo Brasil**, Tomo I, São Paulo: Edições Melhoramentos, [1950?]

STEIL, Carlos Alberto, Romeiros e Turistas no Santuário do Bom Jesus da Lapa, **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.9, n.20., out. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832003000200013&script=sci_arttext > Acesso em: 18 jan. 2007.

STEIL, Carlos Alberto. **Interfaces entre peregrinação e turismo**: Caminhos de Santiago no Brasil. [2006]. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/horizon/files/pesquisa/interfacesperegrinacao.pdf>> Acesso em: 02 abr. 2007.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias**: Um Estudo Antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia, Petrópolis: Vozes, 1996.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação e Turismo: O Natal em Gramado e Canela. In: XXII REUNIÃO ANUAL DA ANPOCS, 1998, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, ANPOCS, 1998. Grupo de Trabalho: Religião e Sociedade (16). Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/steil.rtf> > Acesso em 27 jan. 2007.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: Raízes Etimológicas e Interpretações Antropológicas. In: ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo Religioso**: Ensaio Antropológico sobre religião e turismo, Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Turismo). p. 29 – 52.

TORRES-LONDOÑO, Fernando, **Devoção: apropriação e invenção na colônia**. III Simpósio Nacional de História das Religiões, Recife, 20 – 22 de junho de 2001. (mimeografado)

ZALUAR, Augusto Emílio, **Peregrinação pela Província de São Paulo**, São Paulo: Livraria Martins Editora, [1952?]

WAINBERG, Jacques. A. O Movimento Turístico: olhadelas e suspiros em busca da singularidade alheia. In: GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Turismo na pós modernidade**: (des) inquietações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (Coleção Comunicação; 25). p. 9 – 19.

WERNET, Augustin. Peregrinação a Aparecida: Das Romarias Programadas ao Turismo Religioso. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo, Modernidade e Globalização**, São Paulo: Hucitec, 1997.

APÊNDICE

Todas as fotos são de arquivo pessoal



Vista panorâmica do Santuário



Passarela



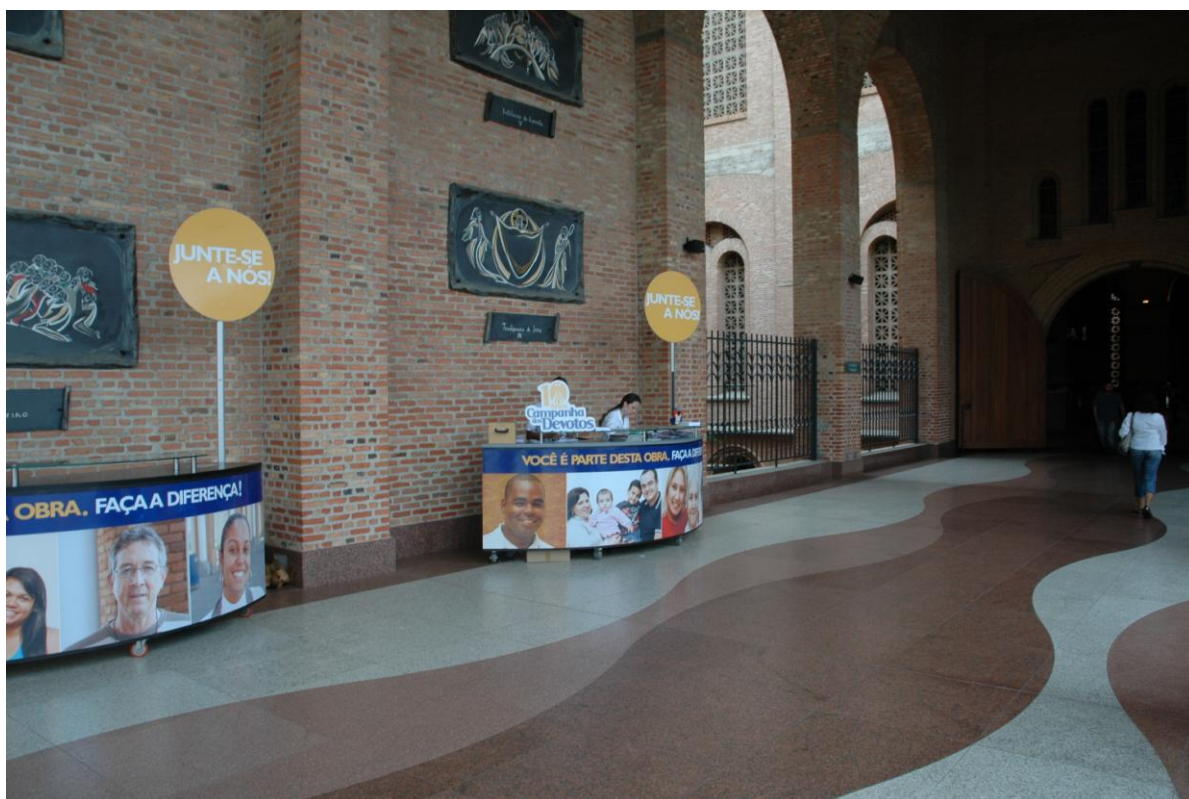
Interior do Santuário



Posto médico



Sinalização



Corredor Lateral



Casa do Pão – subsolo



Área para alimentação - subsolo



Fraldário - subsolo



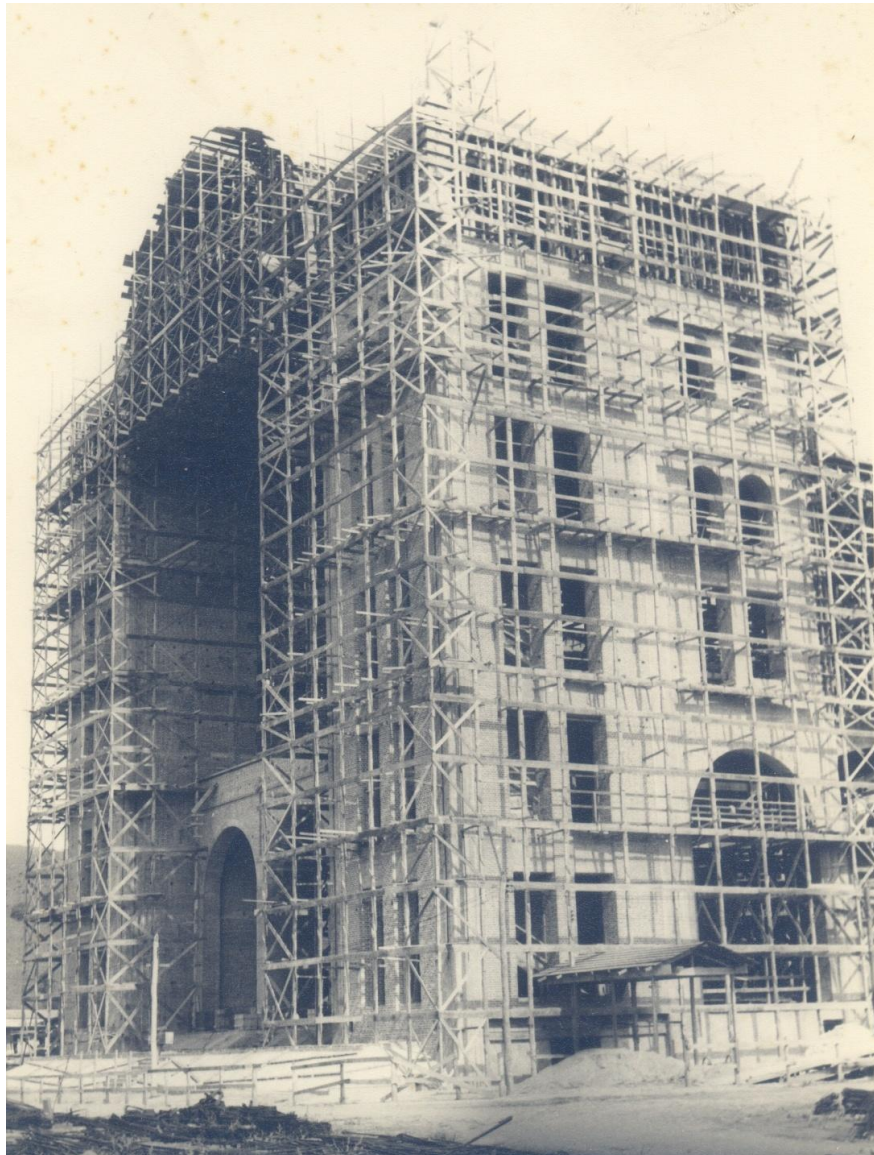
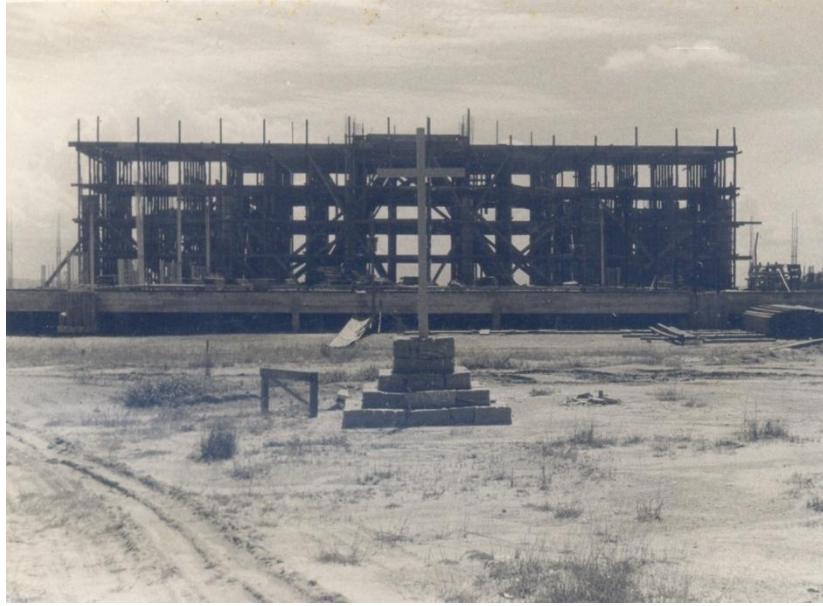
Sala das Promessas - subsolo

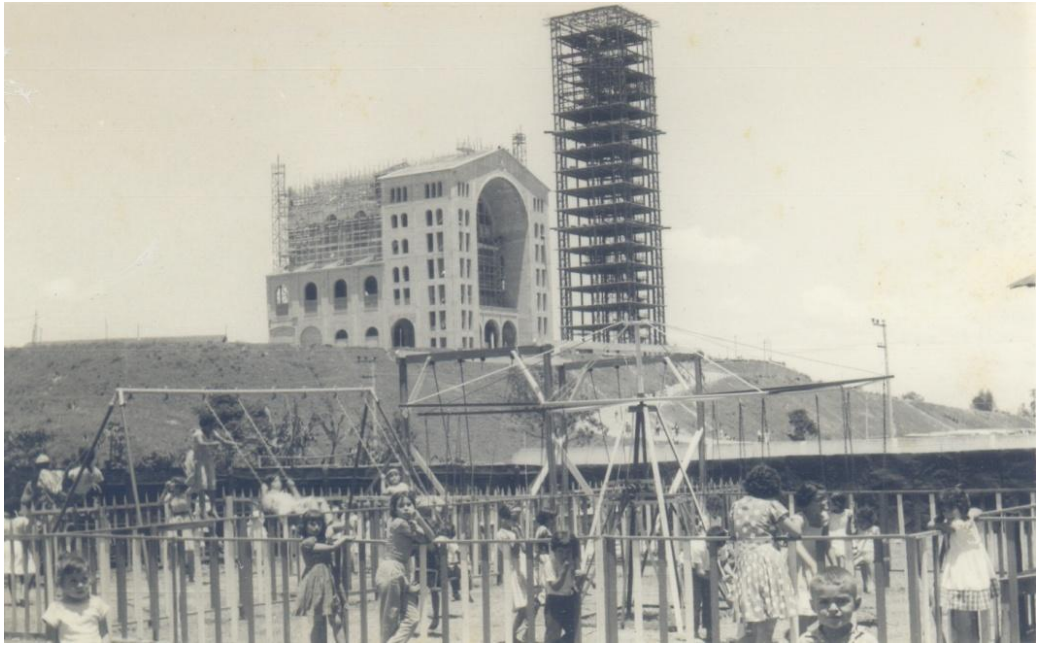
ANEXO A – Fotos antigas

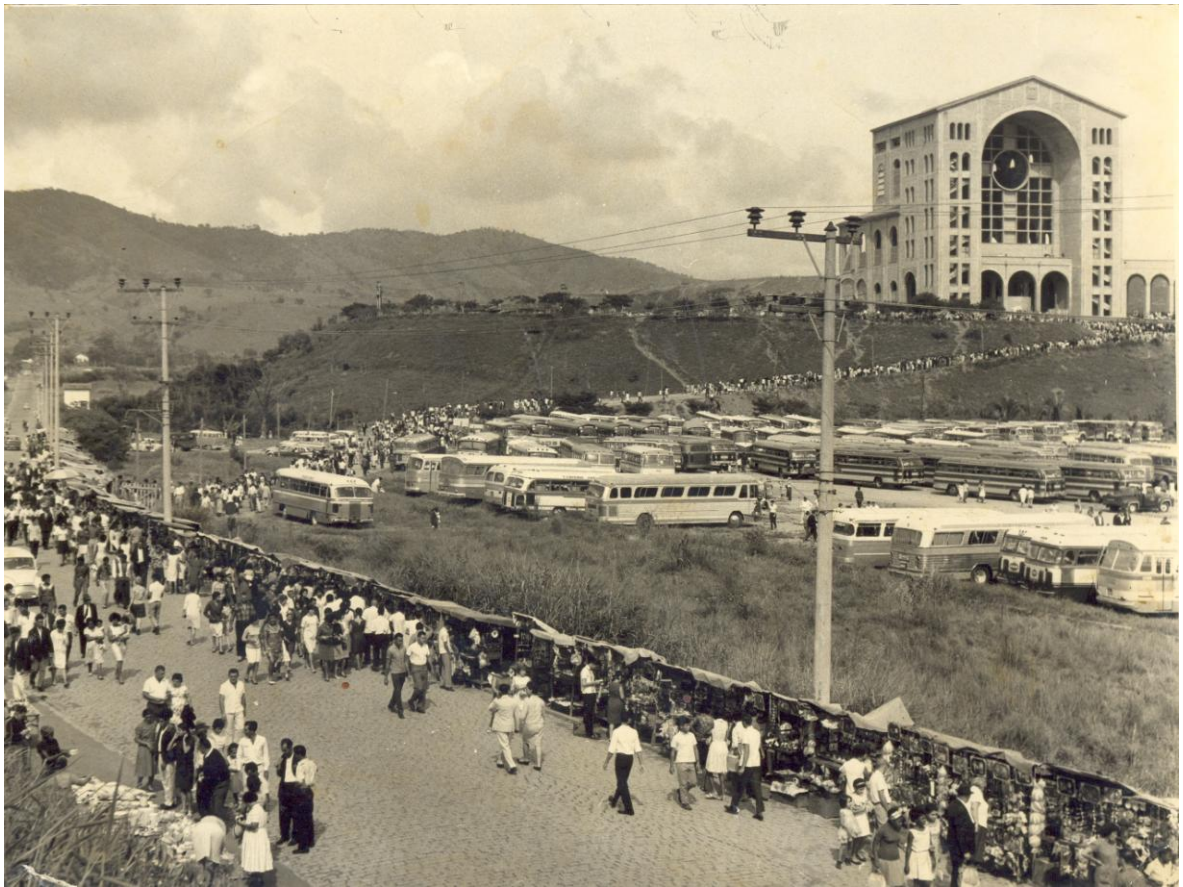
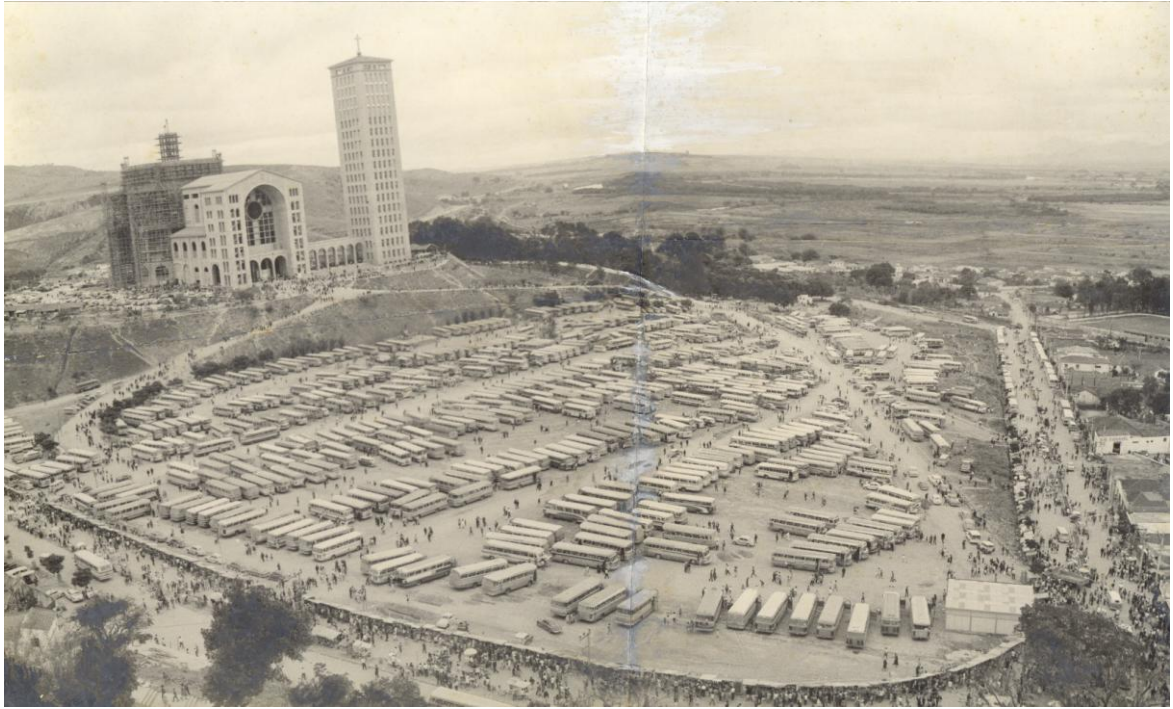
As fotos a seguir são do Arquivo Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida e apresentam momentos da Basílica Velha e construção da Basílica Nova.











Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)